

fábio giorgio azevedo

Das botijas da civilização

Uma etnografia com a Fundação Casa Grande



Durante dois meses, um pesquisador visita a **Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri**. Espreita os alicerces de uma fundação inspirada no mito, e vislumbra, sob o véu organizacional, o *encante* recobrando a ‘função social’.

Em sua aventura encontra uma botija: uma nação por vir através da soleira de uma casa azul no Cariri Oeste, encruzada entre sagrado e profano. Instituição imantada pelo mito, assombrada pelo contrato. Território cultivado em cosmologia híbrida. Uma organização da sociedade civil fincada em artifício de lenda.

Ao escolher imergir no cotidiano de uma organização não governamental no Nordeste brasileiro, o autor desvia o olhar para nós próprios através do espelho contemporâneo da ancestralidade, revelando fontes de sabedoria.

Entre descrição e fabulação, borra o cânone acadêmico e expõe o caráter político e inventivo da empreita científica. Em um texto anfíbio, o autor *transcria* cenários, cenas e ambiências, nuances e camadas sensíveis, sem perder o *rigor* e a *pertinência* na comunicação dos resultados da pesquisa.

Em escrita fragmentária, compõe com a poética do trabalho de campo um *duplo*. Sem esconder as agruras de um método que se faz no transcurso da experiência, inclui o errático e a decepção na pesquisa como ato de invenção, abrindo as cortinas para a coxia do trabalho de pesquisador.

Das botijas da civilização

Uma etnografia com a Fundação Casa Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR João Carlos Salles Pires da Silva

VICE-REITOR Paulo Cesar Miguez de Oliveira

ASSESSOR DO REITOR Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

fábio giorgio azevedo

Das botijas da civilização

Uma etnografia com a Fundação Casa Grande

Salvador
Edufba
2021

2021, Fábio Giorgio Azevedo.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o depósito legal.

*Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Gabriela Nascimento

ILUSTRAÇÃO CAPA

Luiz Celestino

Inspirada nas gravuras pintadas do sítio mitológico e arqueológico de Santa Fé, na Chapada do Araripe, Cariri Cearense. Furna usada pelo povo Kariri para cultos ritualísticos. Pesquisado pela arqueóloga Dra. Rosiane Limaverde.

REVISÃO

Eduardo Ross

NORMALIZAÇÃO

Bianca Rodrigues de Oliveira

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

A994 Azevedo, Fábio Giorgio

Das botijas da civilização: uma etnografia com a Fundação Casa Grande /
Fábio Giorgio Azevedo. Salvador: Edufba, 2021.

234 p.

ISBN: 978-65-5630-129-7

1. Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri – Etnologia
2. Chapada do Araripe. I. Título.

CDU - 397

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora filiada à:



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina
Salvador - Bahia CEP 40170-115 Tel.: (71) 3283-6164

www.edufba.ufba.br

edufba@ufba.br

À memória dos avós, *Albertina e Hélio, Idalina e Zé Lino;*
sorriso incondicional.
Ao Nordeste, *que me criou.*

Agradecimentos

Aos meus pais, *fruta boa em tempos de estio*. Ao meu filho Benjamin, *doçura em sentido de vida*. A Carol Cunha, *amor em modo vida real*. A Isaac e João, *coração na mão*. A Joacy Pinheiro, Aline Albuquerque, Marcelo Magalhães, *almas geminadas*. A Glauber Uchoa e Roberto Barros (*in memoriam*), *inebriante amizade*.

Aos meus professores Felipe Serpa, Wilson Senne e Rogério, *vocacionados em sabedoria e coragem*.

Ao professor Roberto Sidnei Macedo, *pela presteza e tranquilidade com que orientou momentos inesperados durante o mestrado, e pelo reencontro amoroso, tornando possível a publicação deste livro*. A Nelson Preto, *pela iniciação alegre ao convívio acadêmico*.

A Wagner Ferraz, *pela leitura atenciosa e a crítica precisa dos originais*. A Vlândia Jucá, *pelo entusiasmo*.

A todos os membros da Fundação Casa Grande *pela generosa acolhida*, em especial: Alemberg, Rosiane, Samara, Alexandre, Mêires, Aureliano, João Paulo, Miguel, Jarmesson, Ronaldo, Rivaldo, Regina, Alane, Jenfte, Samuel, Luís Antonio, Kuta, Luizinho, Aécio, Demontier, Helinho, Jévina, Tontonho, Guilherme, Mariana, Raiane, Valêsca, José, Diassis, Danda, Suelânia, Rocilda, Jacira, Rodrigo, Aline, Policiano, Naninha, Netin, Renilda, Gabi, Paulo Henrique, Alisson, Wiliam, Augusto, Artur e Murilo.

A dona Alda, dona Francinete e suas filhas, *mulheres vigorosas, pela hospitalidade e pelo alimento*. A seu Antônio Maranhão, seu Tetéu, seu Espedito Seleiro, dona Oscalina e dona Santa, *pela gratuidade da prosa*.

Aos professores Marco Silva e Gey Espinheira (*in memoriam*), *pelos comentários edificantes por ocasião da banca de mestrado*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *pela bolsa à época do mestrado*. À World Wild Fund (WWF-Brasil) e ao Instituto Internacional de Educação do Brasil (IIEB) *que patrocinaram minha primeira visita à Fundação Casa Grande*.

A Flávia Garcia Rosa (Edufba), *pelo sagaz altruísmo com que nos abriu caminho*.

Sumário

Prefácio	13
Nota do <i>primeiro</i> leitor	15

§ PRIMEIRO MOVIMENTO

Aclimação, a constituição do campo

Soleira do tempo	21
Prenúncio	22
Tresando	23
Entre roça e escola	24
Estrada (23.12.2003)	25
Crato, Cinelândia	26
Pernoite	29
Adobe	31
Chegada à cidade	32
Da maldição	34
Nova Olinda	35
Chegada à casa	36
A Casa	39
A quadratura do círculo	40
Casa para alugar	41
Alojamento	43
As refeições	44
Dona Rosalva	45
Gotas	47
O roubo da nascente	48
Sabores	49

§ SEGUNDO MOVIMENTO

Conversas, entrevistas, reuniões

A lagoa encantada	55
Matéria-prima	57
Encontro com Tetéu	59
A Reunião Formativa	61
O dever da palavra	64
A fundação organizacional da lenda: o lado profano	65
Cotidiano	71
Uma noite de chuva	73
A fundação institucional da lenda: o lado sagrado	74
A morada das histórias	74
Educação pela pedra, arquitetura do tempo	77
Tornar-se membro, a seleção	80
O projeto pedagógico	86
Uma “pedagogia da infância”	90
A filosofia da casa, um menino me disse	92
Cizeiro	94
As palavras e as coisas	95

§ **Viração**

Lotação	101
A casa é uma ilha	102
Debaixo de chuva, pra aprender	104
“Tudo na vida são dois lados”	106
A disciplina	108
Alvinha	112
“A decepção é o começo do aprendizado”	114
Da tortura do pertencimento	116

Aquela alegria	118
“Ordem e progresso”	119
O medo e a admiração	122
“Qual o caminho?”	124
O Barão do Infincado	126
A escrita e o tempo que se “perde”	128

§ TERCEIRO MOVIMENTO

O *clinamen* da experiência

A nação	135
Antônio Maranhão	136
Um sonho?	138
Mito e <i>capilogênese</i>	140
Nem arcaico, nem moderno	142
Outro encontro com Antônio Maranhão	143
Dona Santa	144
Dona Rosalva, as filhas, o filho	146
Dona Vicência	148
Rede de dormir	149
Dora e Pintuim	150
Uma febre, uma tarde	151
<i>Popfilosofia</i>	153

§ **Epílogo**

Dizer o quê?	159
A volta	160
Patativa do Assaré	161

§ *Post scriptum*

Mania de explicação	167
Da fiança epistemológica à fabulação do método	168

§ **O trabalho de campo**

Cartografia como princípio, não método	173
O “liso” e o “estriado”	174
A “lei do fragmento”	176

§ **A composição do texto**

Campo e escrita	181
Decifrando a experiência	182
Uma dimensão: os “signos”	183
Outra dimensão: os “blocos de sensações”	185
Sobre <i>transcrição</i> em poesia	188
A <i>transcrição</i> como “momento etnográfico”	192

Referências	197
Apêndice - Livre consentimento	203
Caderno de imagens	225

Prefácio

A fissura é imperceptível... e o espanto da ruptura, efeito da terra que se move. O que se move sempre esteve ali. A calma do território tem, por debaixo, borbulhantes forças subterrâneas. Que se faça palavra para que haja mundos.

Sim, “o sertão é o mundo”, e tão prenhe mundo que por ele não passa homem ou mulher, ou mulher que se faça homem, ou homem que se faça mulher, que não leve consigo a pele queimada, o pé rachado e o coração marcado. Devo dizer, leitor, este livro é uma história do sertão. E foi lá, na Chapada do Araripe, que tudo se passou, assim me disseram.

A experiência está se tornando coisa cada vez mais rara, advertia-nos Walter Benjamin há quase um século, no contexto da modernidade e do seu sujeito, com sinais de decadência. Quiçá, hoje em dia, quando a ideia de *pós-modernidade* foi posta em cheque e o conceito de subjetividade se mostra insuficiente para pensar os modos de vida e tudo que deriva daí – seja no campo da educação, da psicologia e da psicanálise, seja na medicina, na agricultura ou na culinária –, parece que vivemos uma ruptura, uma *dobra* que revela horizontes desconhecidos e para os quais nossas bússolas têm a mesma serventia que o céu para o marinheiro, durante a tempestade em alto mar. Mas como disse Machado de Assis (1977, p. 17),¹ “não é em terra que se fazem os marinheiros, mas no oceano, encarando a tempestade”.

1
ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Determinadas experiências têm tamanha intensidade que é necessário um tempo para *traduzir* em palavras, para que aquilo que atravessou o corpo e o pensamento venha compor novas significações, novos campos de possível. Assim é este livro, fruto de uma experiência que precisou “envelhecer” quase duas décadas – como as boas cachaças em barril de carvalho – para ser, hoje, extremamente atual. Na *tradução* da experiência em escrita, o autor foi garimpar em Haroldo de Campos e o fez em estilo próprio, na linha tênue entre ciência e literatura, colocando em questão as metodologias mais tradicionais nas academias.

Na formação em psicologia, o campo social-comunitário foi por muito tempo tido como menor, o que tem a ver com o fato da clínica tradicional ter dissociado desejo e política, forças que trançam o território existencial. A partir da micropolítica, algumas abordagens clínicas se reencontraram com a política-desejante. Este é um livro sobre clínica, especialmente porque trata do feitiço simbólico, matéria que constitui os contornos subjetivos e o laço social. E, para tanto, não segue pela estrada real, mas por veredas que podem causar um estranhamento inicial, e justamente aí reside sua potência em levar o pensamento para novo mundo, por caminhos mais aos trópicos.

Lá, nas terras dos Kariri, a Fundação Casa Grande é uma usina de sentidos, um tear de territórios. Lá se trança vida. Que tesouros guardam as botijas da civilização? O caro leitor vai encontrar pérolas ao longo do texto.

Wagner de Angeli Ferraz

Psicanalista

Nota do *primeiro* leitor

Em cima da costela do Cariri Oeste, a personagem dessa história vagaria por propósito. Fuso fermentando na contemplação dos avessos, firmara intento conhecer em rastro de experiência, feito gorgulho quando se alimenta da fermentação do tempo.

Em uma pequena cidade do Cariri Oeste, Nova Olinda, margem entre Pernambuco e Ceará, estados divisados pela imponente Chapada do Araripe, encontrou-se o autor com a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. Aspirante a pesquisador, nos anos de dois mil e dois, por dois meses realizaria ali um estudo de caso em clave etnográfica.

Quando cogitou publicar a experiência em forma de livro percebeu que de tal modo submetera - por voga de cânone acadêmico - a emoção aos fatos, que a experiência com a Fundação ficara algo esmaecida. Do texto, a nódoa da experiência havia sido limpa. Para ser fiel à poética da pesquisa, desejava escrever a meio palmo do vivido, entre a artesanaria do estilo e o rente da “descrição densa”. O jeito fora engendrar personagem de si no casulo da prosa.

A mim confiou o manuscrito havia passado quinze anos desde a pesquisa. Obra do tempo, o método. Decantar, encontrar fio e tecer sentido em contracampo alargado com sentimento de mundo. Na composição do texto, fiou-se em arte de bricolagem: trechos do diário de campo, lendas ouvidas, entrevistas narrativas, conversas, reimaginações de encontros com personagens reais, notas feitas em reuniões, pequenos fichamentos, raciocínios teóricos. Alguma invenção.

Hesitou fincar argumento sobre a estilística do texto em terreno de crítica literária, mesmo reconhecendo partilhar das fricções e ambivalências entre arte e ciência, etnografia e literatura. Considerava a irrupção do “literário” em prosa acadêmica uma provocação à colonialidade da gramática científica, o “falso” ficcional corroendo sua autoridade imperiosa.

Fosse o que fosse, consumou-se. Para meu contentamento, fez vingar a empreita quando finalmente desanuviou ideia de alguma garantia antes do feito por artifício de fiança em método científico.

Este livro, feito roubo de nascente, tornou-se a cabaça com a qual transpôs a história daquela experiência de um lugar a outro. Sem perder vertigem de dúvida, matéria-prima dessa aventura, salvo enfim o texto, assentiu entregar-me o testemunho que segue.

Primeiro movimento

Aclimatação, a constituição do campo

*A verdade depende de um encontro
com alguma coisa que nos força
a pensar e a procurar
o que é verdadeiro.*

(Gilles Deleuze)

Soleira do tempo

Do fim para o começo, cumpriu-se a profecia de Antonio Conselheiro. Milhões de anos passados, na linha onde Pangeia lascou, do Atlântico brotaria uma cidade, Nova Olinda.

Prova? Petrificados pelo tempo, bichinhos igualzinhos aos de África mumificaram nas pedras Cariri, arrancadas da serra, dia a dia. Flagelo em mar de usura.

Talvez daí os filtros de barro derreterem brancos, dissolvidos de dentro para fora no sal da serra. Daí talvez a água salobra da Chapada, água seca que ensaboa, mas não espuma.

Prenúncio¹

Era 1717, no lugar da aldeia de água saída do mato, dos índios Kariri-Kariú, numa das três datas de terra da sesmaria do riacho Cariús, no período da civilização do couro às margens das três estradas que ligavam a Paraíba ao Piauí, Crato-Inhamuns e Inhamuns-Pernambuco; deu-se início a construção da tapera de água saída do mato, feita em taipa no chão batido, encruzada sem paredes laterais.

E da tapera de água saída do mato ergueu-se a Casa Grande da Fazenda Tapera que no ano 1933 foi comprada da família Filgueiras de Barbalha pelo comerciante local de rapadura Manuel Ferreira Lima, “Neco Trajano”, por dois contos de réis, um conto no ato da compra e um conto após um ano. A promissória, um cabelo de bigode.

Após a compra Neco Trajano chamou seu primo e mestre de obra, Odilon Ferreira Lima, que deu à Casa Grande a sua atual fachada, sendo habitada até o ano de 1975, quando foi abandonada em ruínas.

Em 1992 foi restaurada e transformada na sede da Fundação Casa Grande (ONG) para funcionar o Memorial do Homem Kariri. Morada das lendas, mal-assombrada, a Casa guarda em si a energia e a marca de antigos espíritos.

.....
1 Transcrição de uma legenda inscrita na parede do Memorial do Homem Kariri.

Tresando

A lembrança embrulhada em um *voil* lilás. O beijo na rodoviária não saiu da memória. Situação perseguida quando encontra, desilude.

Apressado, balanço a cabeça para desvencilhar imagem de pensamento. Não sinto sola do pé, só um formigamento nas mãos. Aperto os olhos para não perder prumo no turvo de lágrima, entre a pista e o meio-fio. No vespeiro de motos, feito galinha degolada, atravesso cantando a sorte. Caminho caminho do ponto, lambendo a poeira remelenta do asfalto embaixo da unha. Mãos no bolso: celular, chaves... Chiclete! Mascar repõe e mantém a consciência no corpo.

Os ônibus essa hora chegam todos de vez.

Leio as cores antes dos nomes.

Sentado na barra da calçada, conto as moedas para não entupir a roleta. Apazigua o olor do alcatrão misturado ao perfume no bigode. (Aprender é rastro de tempo: fermenta feito gorgulho). As mãos suadas, no bolso, chaves, chiclete, celular. Que não vibra.

A cidade borbulha de gente caolha de olho no peixe. Distração por tudo e à revelia do cuidado. O cinismo do povo é contentamento inconfesso que reluz no breu da desgraça alheia. Humano e desumano, não se sabem os limites onde ousam.

Ao lado do cobrador, ouvindo o qui-qui-qui da catraca roletando, derreto. Ponto. Entre dúvidas e a rodoviária, adentro às tantas na passarela suspensa. Os pés formigam sobre um mar de carros, e as gentes para lá e para cá, feito peixinhos entubados na mangueira do aquário. Os pensamentos pocam uns e outros. Sentimentos atra-sam. *Pode digitar senha... Pode retirar o cartão... Sexta-feira, 19 horas, embarque, portão B.*

Entre roça e escola

Nasci inclinado à roça. Soube cavucando cada rejunte de taco, lajota e porcelanato – por grau de ascensão de classe. De um tudo se fez para dourar crosta civilizada no lombo. Descarnado à disciplina e tabuada, este dorso. Era lei limpa e seca, regra de mando desgarrada de assunto, como a costume de adulto. Insolventes, religião e ciência compuseram segredo de família a curtir o espírito.

Qual nada, nunca encontrei ponto. A meio caminho toda vida. Talhados os fundamentos da Iluminação, sobrou sempre a greta de sombra germinando o olho do não-sei-quê inexplicado. Coube ao cinturão e à sandália lamberem o couro cru da teimosia até escorrer encantamento. Foi preciso correr mundo, saber das invenções que não têm matéria em si, só no compartilhado do juízo.

Em que parte o corpo forma visão de mundo? Ora, o que é que a gente não pergunta.

No cume, a pessoa está no princípio do mundo, no instante da transformação da matéria. Ouvi no caminho de Tatajuba para Camocim, certa feita.

A areiusca vai saindo do mar, todo o tempo trazida pelo vento, vai ajuntando, vai ajuntando, até nascerem as dunas. E o vento de volta sopra para o mar. E nunca acaba de nascer e morrer duna.

Era tanto pensamento que não vinha à boia. No final, a vida escolhe a pergunta e a pessoa é a resposta.

Estrada (23.12.2003)

O sol saiu de vez. Os açudes estão cheios. Água nova na beira da estrada, empoçada por todo canto. É verde “pra dar em doido”, como se diz.

Da janela do ônibus a Chapada se aproxima em nuvens carregadas. Revejo e vejo a plantação consorciada: cebola e coco, feijão e milho.

Céu nublado sugere assunto de chuva, qual dizem foi boa em janeiro.

Viajar de ônibus é descomprimir mente do aperto da cidade no estirado da distância. Alargar a consistência do tempo na meditação da paisagem silenciosa e mansa. No mato do acostamento, ossos de animais, curioso observar: maneira indireta de espreitar a existência sem casca de ilusão.

Merendei empanada de galinha. Minha mãe havia enrolado em papel alumínio. Estamos próximos a Icó. Em passagem por Cabrobó o assunto foi maconha. *Em Areia Branca, as mudas se vende na feira, pra chá*, disse o senhor do Piauí. Ao lado, um agrônomo do Maranhão e um funcionário do departamento de Geodésia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na poltrona da frente, Sandro Lúcio, Leandro & Leonardo, Amado Batista fazem a trilha no *micro system* Sanyo. O senhor da primeira fileira passou desodorante e perfume nas sobrancelhas. Vai descer.

Icó, parada de quinze minutos, alerta o motorista.

Há pessoas que lembram outras.

Crato, Cinelândia

Dia morrendo, desço do ônibus no Centro do Crato. Caminho na calçada de mosaicos sob marquises, o verde musgo cartografando as infiltrações. O asfalto condensa o pino do sol, e o bafo quente se prolonga no bueiro da rua estreita.

Em cada frente de loja um Padre Cícero, por média de um metro de altura. Penso: para negócio de fé, a bênção. A placa dos estabelecimentos se projetam sobre a rua, até o meio, feito *minioutdoors* suspensos, perpendiculares à calçada. Não há céu no centro do Crato: postes, fios e reclames. Não há solidão no Centro.

Destampo na praça da Matriz, ilha de vento e sombra de mangueiras centenárias, grossos troncos. Sinto as costas, a mochila grudada na camisa imita casca de ovo cozido. Na chinela de couro visguenta os pés sambam. O dedo mindinho está com a pele levantada, descarnado. A essa altura, os calcanhares, ásperos e pretos.

Dobro o calçadão, deixo passar a fila de bicicletas e atravesso a pracinha menor, onde fazem ponto mototáxis. Avisto, sob um prédio abandonado, sem janelas nem revestimento, de quina para o movimento, o Cinelândia. Lanchonete de semblante tradicional, ou será retrô, *vintage*, o Cinelândia lembra bares da Glória que não conheci, em um Rio de Janeiro oitocentista. Cadeiras de madeira, espalda vazado para carregá-las com as mãos; mesas com pés de ferro amarelo ocre, tampo de aglomerado marrom, forrado a fórmica; um longo balcão azul celeste e branco. Os funcionários vestidos à bata, branca, e os azulejos azuis recobrimdo parede-meia, combinam com o balcão onde dois homens conversam, cotovelos recostados.

Um bebe cana. O outro serve um “menor” em xícara branca de louça, a colherinha bordada pousada sobre o pires, ambos de inox. Aproximado, escuto a conversa. *Peixe de água doce aqui é tambaqui, tilápia... Traíra e curimatã também acha. Mas é mais difícil.*

Na prateleira, rótulos de cachaça variados. Peço uma. É doirada em tonel de carvalho, do Piauí. Puxada ao doce amargo, mais doce que amargo, sobre um fundo de raiz para remédio, bem diferente das destiladas baianas, puxadas ao agri-ácido, meio salgadas, são ásperas para o meu gosto.

Semana passada peguei um de três quilos.

Para não esfriar, sobre a chapa repousa o café no bule cilíndrico engelhado de alumínio e cabo preto plástico. Encostado ao balcão, arrebitado com o pé o chiclete cor-de-rosa pisado e repisado, empretecido no ladrilho hidráulico vermelho-vinho, desgastado, esfarelado. Sinto o próprio cheiro, roçando o dedo na barba e no bigode.

Peço outra. O funcionário sai do balcão carregando um gancho de ferro, abaixa uma das portas, tangendo sem cerimônia a grávida que pede trocado por ajuda, agarrada a um magote de meninos e um pedaço de pão.

O feijão que se planta aqui não dá nem pra consumo. Vem feijão de Irecê, do Paraná... Esse ano plantei fava, fava verdadeira. O ruim é que a bicha demora uns quatro meses pra colher. Já a fava ligeira fica boa de quarenta e cinco a cinquenta dias.

Presentindo o fim da conversa, atalho: *Estou indo pra Nova Olinda. Ainda acho carro?.*

Rapaz, essa hora mais não. Mas a gente está subindo pra Assaré. Se quiser, é caminho. Mais uma e a gente sobe.

Ei, completa o outro, um caolho tenta ser bonzinho por vinte e quatro horas e perde os dois olhos e tudo o que tem. Que tal?

Vambora, bicho fresco!, repreende o companheiro.

Rimos todos.

Subimos na F-1000 cambaleados. Caminho torto é família: ruma de olhares cruzados. E a gente não escolhe. Se fosse a cada um o que pode, era bom. Mas nem sempre o bom vai dar no melhor.

Para os homens ali, dirigir sinuoso das ideias, feito as estradas de terra vermelha do sertão, é comum. Seja cavalo, seja moto ou carro, o rumo da venta é o anjo quem guarda.

Pernoite

Vai ser aqui o pernoite!, urra um dos homens despencando do carro. No lusco-fusco do fundo da noite estrelada, entrevejo uma casa cercada de palmas e samaúmas. O vento assobia na piçarra. Pela fresta da janela uma luz alaranjada escapa do candeeiro, lambendo a estradinha. Ouço som de ingazeira rangendo e algum rebuliço por perto, na ruína de adufo.

Desço sem fazer pergunta. Limpo a vista, recosto no capô do carro enquanto os homens somem arrodando para os fundos. A mim recobre o apasento das horas mortas. Estamos íntimos, certos, na camaradagem de cachaça – a melhor e mais perigosa. O céu tão vasto, minha cabeça revira feito ampulheta.

Sinto-me em casa de tio Lero, na roça de Barrocas. Tia Dionísia, encabulada pelo modo da casa desbandalhada, sabia fazer cerimônia de humildade, mesmo que não à vera. As paredes da casa feitas a barro e água, roseadas por dentro, úmidas, não fosse sertão. Os caibros pretos, tão antigos, as telhas largas feitas nas coxas, as teias de aranha penduradas, flutuando feito galáxias. O fogão a lenha, a cozinha de teto bem baixinho, sem luz elétrica – nunca se soube se por sovínice ou apego ao tempo das visagens.

Naquele tempo, a água era trazida a balde do poço barrento cercado de mato, caracóis e girinos, em uma baixada, a alguns metros da casa.

Meia parede entre os cômodos, tudo se ouvia. Depois de escovar os dentes, bebia água no copo de alumínio com alça, bochechava e cuspi no chão batido desuniforme do quintal. A sala, a mobília um

pote grande, buchudo e friozinho, recoberto com um pano branco feito fralda, limpíssimo.

No silêncio venturoso do abandono, quando entrava noite, a conversa ligava uma na outra, feito reza de terço palmilhado em contas de cristal.

Os zunidos da mata não vêm apenas dos moluscos dourados que voam e crepitam. Vêm, sobretudo, da própria escuridão. Com o vento farfalhando as folhas, adormeço. Ali, no batente da entrada, a cabeça sobre a mochila, sentindo o cheiro seco da piçarra e do adobe exalarem da casa.

Adobe

“O ‘adobe’ já era conhecido na Antiguidade mesopotâmica e no Egito pré-faraônico. Heródoto, Plínio e Vitrúvio atestam seu amplo uso na Antiguidade clássica. Pode-se dizer que é uma técnica universal, porque ele é conhecido em todos os continentes. Seu designativo português vem do árabe (*al Tob*) e foi amplamente divulgado em Portugal durante o domínio berbere.

Por ele se designa o tijolo cru, feito de argila compactada e, quase sempre, secado ao vento e/ou ao sol”. (WEIMER, 2005, p. 265, grifo do autor)

Chegada à cidade

Um primeiro alvor, a manhã assoma no horizonte através do tabuleiro. A névoa branquíssima se dissipa lentamente, esverdeando os altos e baixos da morraria. Aqui e acolá, um carro corta a entonação da manhã nos primeiros bem-te-vis e some, deixando vulto o tempo passado.

Ao pé da chapada desponta brilhante a orvalhada, com seus pen-duricalhos tremelicando no vento, agarrados às flores, refrescando por antecipação o mato baixo que ferverá com a soalheira do dia. Um galo, outro galo, e lá outro; cantam no alto da serra, revezam entre os quintais o ressonar da aurora. Estendida em cruz, sobre um platô de aluvião a perder de vista, deita-se Nova Olinda.

A F-1000 estanca no ponto da Itapemirim. De dentro da carroceria, arrasto o mochilão cinquenta litros, jogo abaixo no calçamento que ladeia o asfalto, e desço. Do bermudão cáqui cheio de bolsos sobressai, à altura do joelho, a tampa preta e plástica da caneta enganchada no aramado da caderneta. Camiseta vermelha sem motivo, sandália de couro, óculos escuros, cabelos curtos, barba longa, anéis nos dedos, fones nos ouvidos. Fatigado, estou tranquilo, mas preciso me situar. Olho em volta, cumprimento displicente o povo no ponto. Trepó a mochila nas costas e me dirijo ao bar defronte.

Se houver costume, pode-se chegar a um bar sem cerimônias e esperar a troca, a troça ou o troco. Arrasto sandália adentro.

Bom dia. Onde fica a Casa Grande?

Súbito, antes que o pêndulo da prosa encontrasse resposta, entra um menino que me observava de longe desde o desembarque.

Eu sei!

Peço um pastelão com Grapette e broaca. Cumprimento a gente no bar e seguimos.

É uma parte da cidade algo baldia. Um vão de quarteirão vazio, pedregoso. Uma muralha descascando amarela e pálida (parece escola pública), um campo de futebol e uma caixa d'água. Do outro lado a entrada para Santana do Cariri ladeia o posto de gasolina. Na topografia de Nova Olinda, a estrada parece um espinhaço de animal, bandeando lado e outro as casas coloridas feito caçua em lombo de jumento.

Os paralelepípedos opacos, impolidos e desgastados a rodas de madeira, e a piçarra crocante, fazem ranger as passadas da chine-la de rabicho, crot-crot, na areia grossa, feito som de sucrilho mascado a seco. O vento encanado desce varrendo as ruas sem curvas, entre os corredores de casas enfileiradas. De arquitetura anônima, as casas têm coloridos detalhes pintados na bordadura da fachada. Outras são vestidas a pedras cariri, com seus fósseis diminutos, quase invisíveis.

A estética útil e comportada dos pés de fícus substituiu o altruísmo frutificante dos jambeiros, das castanholas e das mangueiras. Essas árvores antigas, generosas ao roubo das crianças, agora são muradas em quintais, se tanto, ou degoladas pelos letreiros de loja, invejosos da concorrência, sob desculpa que anuviam a vista do comércio ou sujam a calçada.

Cada pedaço de passeio, um trecho de ornamento: ladrilho hidráulico, lajota, cimento cresco. Cada calçada denuncia o inquilino, suas posses mescladas ao gosto – este luxo nem sempre a usufruto. Divide a rua um canteiro onde mais fícus esparsos estão plantados.

Hora do almoço, a cidade toda silêncio e abandono. Janelas e portas fechadas e o povo dentro, no mais frio do cimento queimado.

Da maldição²

Quando Nova Olinda passou de Tapera para Nova Olinda, dizem ter existido uma capelinha ali onde hoje é o meio da rua. Os mais antigos ainda pegaram os tijolões da capelinha. O cemitério estava assentado onde hoje é a casa de dona Leita. Quando foram fazer os alicerces da casa tiraram muitos pedaços de caixão, de cabelo. Havia naquela época apenas a Casa Grande, a capelinha, o cemitério e o povoado em volta.

Foi quando um rapaz, vindo de Olinda, no Pernambuco, em vias de se tornar frade, chegou à cidade. Vinha para a casa dos pais, que ele era dos Feitosa e ia para os Inhamuns. Passando por Nova Olinda, pediu hospedagem na Casa Grande. Na época, as pessoas que moravam na casa negaram e ele se foi hospedar debaixo de um pé de tamboril, onde hoje é o Banco do Brasil.

Ao amanhecer, os moradores do povoado, as pessoas mais simples. *Por que o senhor não celebra uma missa pra gente, que a coisa mais difícil é passar por aqui um padre?*, pediram. E o frade ficou de celebrar.

Na missa, pediram um novo nome à localidade. Queriam um nome de progresso, pois Tapera se diz “casa velha abandonada”. Queriam tirar esse nome. À missa veio aquele povo todo da época, que hoje em dia não tem mais nenhum. O frade rezou a missa e disse: *Eu vou dar o nome novo do povoado, e mudar de Tapera para Nova Olinda, pra ficar marcado que eu passei aqui, vindo de Olinda. Mas, pela desfeita que me fizeram, de não me darem hospedagem, Tapera foi – tirou dos pés e bateu um chinelo no outro – e Tapera há de ser até a sua quinta geração.* E assim amaldiçoou o povoado.

.....
2 Transcrição adaptada da Reunião Formativa. Narrativa: Alemberg Quindins.

Nova Olinda

Atravessada em cima de uma tábula abaulada, a periferia da cidade pende para o lado mais baixo, ao sopé do relevo pontiagudo. Nova Olinda e os arrabaldes, ano dois mil e dois, contam uns treze mil moradores. Vinte e poucas escolas espalhadas, cinco mil e tantos alunos, duzentas e tantas cabeças de gente paridas por ano. As casas estão plantadas em antigos charcos outrora repletos de bananeiras. Quando chove, as paredes minam água e se desmancham.

Em Nova Olinda o costume permanece: primeira sala da casa dedicada aos santos católicos, e na festa da Renovação, uma vez por ano, reza-se a casa e trocam-se as imagens. As portas são divididas ao meio por um corte horizontal, onde se abre a parte de cima, separada da de baixo – sabedoria do caboclo sertanejo, que fez da porta janela para o vento passar. À noite, calor e muriçocas, o banho com água de cisterna colhida da chuva é providência.

Em Nova Olinda, as opções de trabalho ou diversão são poucas. Um emprego de balconista, se tiver sorte; ou na prefeitura, se tiver padrinho ou costa larga; ou no comércio do pai, se tiver herança e paciência; ou vai ser professor, ou pedreiro, ou agricultor. Os que tiverem a bênção de virar funcionário, irão trabalhar mais de doze horas por dia, pelo mínimo. Ião se submeter com gosto e orgulho, por ausência de emprego e justiça, a covardia de patrão. Uma minoria busca terceiro grau, na Universidade Federal de Pernambuco, no Recife; ou no Crato, na Universidade Regional do Cariri (URCA). Fins de semana, diversão de homem é beber – no banho de açude, na pescaria ou no bar. Entre jovens, o vício de álcool é comum e barato. As mulheres em casa, na calçada, na igreja ou no culto.

Chegada à casa

Alguns minutos de caminhada, estamos defronte à Casa. Mal piso, o menino some na carreira. Fico feito barco que reboja vazio na marola à beira cais. Ninguém me recebe. As crianças olham sem me ver e permanecem concentradas em brincadeiras muito sérias: o cotidiano trivial reencenado nas bonecas, mudas e plásticas, comendo folhinhas com besouros em um jantar patriarcal à luz de candeeiro e tradição. Não lhes parece novidade um forasteiro; será turista, o visitante.

Prossigo, atravessando o pequeno terreiro. Seis troncos roliços perfilados algumas fazem de bancos; outras brincam de bila³ entre elas. Há samaúmas altas de um lado e outro. Cercado por palmas e gravetos em círculo, um marco de pedra afiança o lugar de fundação da cidade. Subo os degraus de pedra cariri, as solas dos pés escorregando na sandália enlameada de suor. Sinto as costas, o peso da mochila: roupas e livros para dois meses; um par de tênis, óculos reserva, canetas e cadernetas de arame. Roupas, toalha e lençol. Circundo a fachada da casa antiga. Desconcertado, entro devagar marcando passo. Passando pelo portão alto gradeado, destampo na hora do almoço.

Chega à frente.

Boa tarde. Quero dizer, bom dia. Ainda não almocei, cumprimento em tom de brincadeira.

Dona Alda, quer dizer, dona Rosalva, pegue um prato pra ele. Já estamos acabando, vamos descer pro Crato. Sou Alemberg. Essa é Rosiane.

.....
3 Também se diz “bola de gude”.

Em terra alheia, as horas de chegada são desajeito. Vê-se tudo e nada. Tento aprumar o desconcerto. Rápido, confiro um e outro sentados à mesa. Quem sabe topo em um sorriso, uma empatia, por sorte. A mesa de madeira, comprida, rústica mas sedosa, gasta, sem toalha posta, está sortida: galinha de quintal, frita e cozida, feijão verde com pequi e maxixe, arroz, cuscuz, cortadinho de mamão verde, salada de alface e tomate – pequeninos como não são os de supermercado. O silêncio, pouco receptivo, um incômodo a mais. Espinhoso, coloco a mochila encostada na quina da parede pintada a cal, azul-bebê. Lavo o rosto e as mãos na piazinha de louça com torneira plástica branca e manopla preta. Viso tirar de tempo o acanho.

Menino, chama ali a Mãires. Rosiane, termina aí que eu vou passar na rádio e nós vamos, diz, avexado, o dono da casa.

Algo irrequieto, pareceu propósito de avultamento a pressa do anfitrião. Não se podia segurá-lo sem que se fizesse da situação algo ainda mais artificioso. Seria melhor consentir com a superficialidade do momento para deixar germinar a possibilidade futura de uma reciprocidade retrospectiva, quem sabe.

Pois fique à vontade. Os meninos vão lhe mostrar a Casa. Sábado estaremos de volta.

Hunrum, respondo, transparecendo naturalidade em forma de desinteresse.

Mêires, esse é o pesquisador que falei, de Salvador. Mostra aí a Casa pra ele.

Pode deixar. Tudo bom?

Tudo bem.

Pois pode almoçar, quando acabar eu tô ali.

Redemoinho desfeito, fixo o olhar no prato ao modo de deixar poeira baixar. Os sons ao redor quedam imperceptíveis, e o amarelo magenta da galinha caipira emerge em *superclose*. O feijão verde

espcando entre os dentes, e o gosto imperscrutável do pequi, envolvem-me em devaneio.

Era final dos anos oitenta, viajava com meus pais no Opala marrom metálico *coupé*, duas portas, 1976. Merendávamos sanduíche de galinha assada com água, que se bebia na tampa da garrafa térmica cor de abóbora, ou, como se diz no Ceará, amarelo-queimado. Na estrada reta sem fim, um estupor lânguido de calor e monotonia amoleciam o corpo, todo paisagem, sem ornamentos de pensamento. O vento morno e forte entrava pelo nariz e pelas janelas do Opala, que abriam todas, inclusive as de trás.

A parada em Salgueiro era a mais esperada. Nesse tempo não existiam as paradas padronizadas das empresas de ônibus, caríssimas, onde se paga a desfiguração *clean* da paisagem em troca do *fake* moderno. Antes, eram um lugar comum, ao modo e cara das posses e da imaginação do comerciante beira de estrada, com o conforto possível, se algum. O pão de sal (cacetinho ou francês, como queiram) com queijo coalho na chapa e o café pingado no copo americano fumegavam na ponta da língua. Era a campeã das paradas, Salgueiro, apesar do banheiro dos homens, naquele furdunço de saboneteiras plásticas coloridas e escovas de dente em punho, o vai e vem das toalhas pendendo dos ombros nus, mãos na virilha, e os ecos dos gargarejos e escarros estridentes.

Quer suco?, pergunta dona Rosalva, interrompendo meu devaneio de providência.

Não, obrigado, respondo, pensando na água – se mineral, filtrada ou neca.

Descalçado, roço o couro do calcanhar na pedra cariri, fria e suculenta, enquanto mastigo o tomate.

A Casa

Almoço findo, pego a mochila e arroteio o alpendre à procura de Mães. Desço uma pequena rampa, adentro no terreiro e a sensação é aconchego, como penetrar pequena gruta após dia de trilha, e acender fogo, quando a chuva insinua.

Telhas de cerâmica, caibros de madeira, cimento queimado, portas altas. A textura terrosa das paredes guarda alguma umidade nos poros da casa, apesar do calor e do sol fortes, e não deixa esquecer o pó. As cores são vivas, puras: azul na fachada, uma barra amarela combinando com os frisos que ornaram as portas e as janelas, pintadas de vermelho. Por dentro, as paredes são brancas com barras, também vermelhas. Todos os ângulos retos, ofício de ciência – arquitetura popular, se diz. Ao lado, o Educandário margeia o terreiro e as portas dão todas umas para as outras, formando um retângulo. A partir de um ponto no centro do terreiro se podem avistá-las, qualquer uma e todas.

Sob o sombreado das árvores, crianças brincam a brincadeira do tempo.

A quadratura do círculo

O retângulo expõe a “forma simples do poder”, uma “ideologia geométrica”, “grega” (BARTHES, 2003) que opõe, por exemplo, a cabana à tenda, circular e radial. Barthes (2003, p. 224) considera possível haver uma espécie de “lembrança ancestral da função real e religiosa” expressa nesse formato. Reconhece no retângulo um caráter plenamente artificial: histórico, cultural, ideológico; e o relaciona à “imagem”, à constituição da imagem e sua fabricação: o retângulo sendo a forma arquetípica do enquadramento pictórico. “Coloca-se a imagem numa moldura [...] o superlativo da imagem, aquilo que a completa e realiza”. (BARTHES, 2003, p. 224-225) A moldura, por sua vez, seria invenção tardia. Segundo Barthes (2003, p. 225), as pinturas rupestres do paleolítico, por exemplo, seriam feitas “sobre um fundo não preparado, diretamente na parede da gruta”. De modo que o fechamento homogêneo da imagem teria se dado apenas por volta do segundo milênio antes de Cristo.

Casa para alugar

Dois meses não são seis dias. A hospedagem em pousada domiciliar, pesquisara no sítio da Fundação, mostrou-se inviável. Sustentado à bolsa de mestrado, os gastos são contados a centavos. O plano é alugar uma casa. Cidade pequena, sem garbo de turística, seria fácil aluguel em conta. E ainda poderia cozinhar e lavar a própria roupa.

Em princípio fomos de porta em porta na casa dos amigos de Mêires, fiel escudeira desde a chegada, em busca de hospedagem. As que não são pousadas domiciliares, tampouco suportam agregar forasteiro. Algumas muito simples; quem lhes é de direito quase não comportam, tanto mais.

Não há casas vagas simples assim. Da cidade, dois terços têm um único dono: senhor corpulento, costumado a andar de chapéu a *cowboy*, bermuda e chinela de dedo gasta sob o peso do calcanhar seco e esbranquiçado. Por coincidência de caminho cruzado, na mesma calçada onde caminhávamos, com uma camisa de botão puída aberta, pois não abotoa o umbigo, desmonta da Hilux:

Boa tarde, cumprimento.

Boa, resmungo sem dar confiança.

Estou procurando casa para alugar. Pretendo ficar dois meses. Casa simples, mais para pernoite.

A única que mostrou caía aos pedaços. Úmida, entocada, teias de aranha feito cortinas tombando das telhas empretecidas, os caibros lascando, sem móveis nem fogão (coisa que não pensei). Nem armador para rede de dormir, sequer. O preço? Improvável. A cara do freguês? Turista. Poderia suportar a provação da moradia se ao

menos uma conversa se oferecesse amigável. Mas sequer olho no olho, quanto mais cortesia. Era o tipo bicheiro ajagunçado, achacando necessidade alheia, sem piedade; cínico, chorando miséria, modo “viva o luxo e morra o bucho”, como diz o povo no Ceará.

Estou pra vender essa casa. É muita reforma. O povo não zela. A gente dá a casa toda arrumadinha e recebe só os cacós. O senhor não tem ideia. Eu continuo nisso mais pra ajudar o povo. O meu negócio mesmo é o comércio.

Alojamento

Restara o alojamento feminino na própria Fundação, por caridade. Cinco beliches, um armário de ferro tipo vestiário de escola norte-americana, um filtro de barro e um ventilador de teto. De um lado, o chuveiro, de outro, o sanitário, e entre eles uma pia de louça com manopla de alumínio. Acima da pia, um armário de plástico branco com espelho. O chão de cimento queimado cinza, como quase toda a casa. Uma janela de madeira abre para os fundos, dando em um muro, do qual dista uns três metros, formando um beco.

O alojamento me pareceu em desuso. Repleto de colchões, mais de trinta, recém-doados. Mas, a essa altura, uma varrida e seria suíte de luxo.

No alojamento masculino alguns meninos dormem, por razões variadas. Há outro quarto para professores e visitantes, e ainda outro, onde Alemberg e Rosiane pernoitam quando estão na Casa.

Dia morrendo, desmonto a mochila na cômoda. Arrumo sobre ela alguns poucos objetos, ao modo dos nômades que fincam um totem na terra estranha para sacralizar o lugar.

Chove forte esses dias, ao que me toma uma sensação de abandono.

As refeições

Há uma cantina na casa, empreendimento da recém-criada Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande (COOPA-GRAN). Dona Rosalva recebeu insumos, ponto e equipamentos. Do que vender, um percentual à Cooperativa.

Vendo os preços, calculando por cima, café-almoço-janta, o dinheiro não alcança três semanas. Dona Rosalva, agoniada em cerimônia, parecia ao certo envergonhada em ter que cobrar. Não sabia bem mentalidade empresarial, colocar negócio de lucro à frente do combinado face a face, dependendo das posses. A maneira de se abancar na cantina denunciava desconforto: meio de banda, encostada no balcão, sem descansar intimidade. Pelo visto não se conforma.

Resolvo andar a cidade. Algum pê-efe, média com pão ou tapioca com café preto haveria de encontrar. Tentaria uma pechincha, devido ao período. E sendo algo certo (dois meses, três refeições diárias), ajeitando, daria pra passar.

Mêires me acompanhou uma vez mais. Batemos perna de borda a borda da cidade, sem jeito. Uma churrascaria à beira da estrada, nem todo dia aberta; uma padaria, que passava por lanchonete, vendia salgadinhos ensacados, iogurtes quase vencidos, biscoitos recheados, pastel e pastelão afogados em gordura, e pão, muito pão. Um restaurante balneário, em vasto vazio, distante uns treze quilômetros, e só.

Volto à casa, topo no vão antes do terreiro, quando Dona Rosalva faz sinal. Debruço-me no balcão de pedra, a meio de conversa à boca pequena, feito quando se confessa ou fofoca. Prontificou-se, não sem receio.

Arruma os mantimentos e eu cozinho lá em casa.

Não houve acerto de quantia. Fosse o que fosse, estaríamos quietes. E assim seria.

Dona Rosalva

Franzina, máximo metro e meio. Quarenta e dois anos aparentando cinquenta e poucos, pele clara enrugada a sol, cabelos bem pretos e ondulados, nos ombros, presos a gigolete. Rosto de traços angulosos, queixo proeminente, mãos grossas. Sempre a saia no meio da canela, verde musgo, limpa de estampa, tecido sintético que rebrilha no sol. Ao combinar a indumentária discreta, varia duas ou três camisetas de malha, brancas, com propaganda do vereador da vez, ou de algum comércio local. Sandália rasteira de borracha, ou tamanquinho baixo com cabresto de napa. Não usa brincos, nunca maquiagem, ornamento qualquer lhe falta; vaidades não cultiva. Ou por outra, talvez a vaidade seja o sonho de ver as filhas casadas, e para o filho, uma boa esposa; trabalho digno, vida simples e honesta, se possível o sonho de alguma folga em poupança.

Foi morar em Nova Olinda após ameaça de morte. Não fôra a primeira, mas da última vez o marido empunhara o trinta e oito na frente dos filhos, durante almoço de domingo, gritando e xingando. De tudo que foi nome não lhe coube. Aqueles minutos em que a pessoa cria juízo e amor próprio, nem que não queira. Vinte e oito anos de surras sem motivos, sexo forçado, medo e disenteria. O dinheiro ganho na feira, vendendo cheiro verde, servia de diária ao marido, que abusava da bebida enquanto necessidade carcomia a família. Para dormir, tarja preta por receita médica.

Mas naquele domingo efervesceu-lhe à mente *insight* claro e distinto: louco era ele! Não precisava remédio, tampouco casamento-macho. Deixou a casa que ajudou a construir carregando argamassa em lata de manteiga e fazendo almoço e merenda pra cambada do mutirão. Amassou a cartela de tranquilizantes e misturou à janta

do marido. Levando apenas a roupa do corpo e uns trocados, sumiu com o frio da madrugada escura, engolindo o choro, aos trancos com os cinco filhos (quatro meninas, um menino). Sem sentir sola do pé nem as batidas do coração, Rosalva e as crianças caminharam de Milagres até Crato, sessenta e sete quilômetros.

A colocação na cantina da Casa fôra glória. Achar trabalho em Nova Olinda, ainda mais mulher “largada”, como se diz ali, com quatro filhas mulheres, era para ajoelhar, rezar e soltar fogos. Mas não seria simples empreender. Despesas, receitas, percentagens, descontos, repasses. Os visitantes da Casa, se era certo que viessem, quase sempre chegavam de surpresa. Um planejamento era tão imprescindível quanto improvável. Ao menos para Rosalva. Afeita ao mando, cordata e honesta, preferia trabalhar em “casa de família”. Se caísse nas graças dos patrões, poderia formar os filhos e até empregar alguma das meninas como auxiliar de escritório, atendente ou serviços gerais. Fôra criada por dona Santa. Mulher curtida no patriarcado, pulso forte, tão forte que baixou a crista das filhas ao modo da resignação, para o azar delas. Feito marca de ferro a fogo, deixou lição bem ensinada: o destino da gente, Deus é quem faz.

Gotas

O Cariri está verde exuberante. Os dias não estão quentes, como é costume em janeiro. Grilos, sapos e gotas de chuva respingam nas telhas. Ouço besouros variados. Cascudos, crepitam e vez e outra se afogam no cimento queimado, esperneando de barriga para cima, ao que lembram o monstruoso inseto, Gregor Samsa.

Observo a gota pendurada na folha, gorda e pensa, como as pobres gotas de Cortázar em *Histórias de Cronópios e de Famas*. Quase posso ver a película invisível que molda sua identidade de gota, empapuçada na própria essência aquosa e translúcida. Mas o que vejo, ressaindo refrangente através dela, é a fachada azul do Memorial do Homem Kariri.

O roubo da nascente⁴

A Mãe D'Água de Nova Olinda está no Rio Cariú. Em cima da serra, ligada aos lugares onde a água brota, está o símbolo da Mãe D'Água. Onde a pedra chora, a nascente do rio.

Certo dia, em casa de dona Toinha, chegou uma velhinha e começou a contar sobre como se rouba uma nascente:

Uma terra não tem nascente, e quer se roubar uma nascente pra brotar na terra? Pega um coité virgem, vai meia-noite à nascente, corta um buraquinho no coité, enche de água, e corre pra colocar onde quer que brote. Mas como a pessoa vai roubando a água de um canto para outro, deve ter cuidado: a Mãe D'Água persegue, corre atrás da pessoa. É o domínio da Mãe D'Água.

.....
4 Transcrição adaptada da Reunião Formativa. Narração: Alemberg Quindins.

Sabores

Café da manhã: tapioca com ovo e café preto. Tapioca com queijo coalho assado e café com leite de vaca. Pão com queijo coalho assado, ovo de capoeira, café com leite de vaca. Leite de vaca e café, bolachas, pão e queijo coalho assado.

Almoço: fígado ao molho com macaxeira cozida, arroz, feijão, farofa de cuscuz. Carne assada na brasa, carne de porco frita, arroz, feijão verde, pequi com maxixe, salada de alface e tomate. Refresco de morango, ki-suco.

Sobremesa: doce de goiaba caseiro, na colher.

Almoço: bife, arroz, feijão, macaxeira cozida, refrigerante. Carne de porco cozida com cuscuz e feijão verde. Salada de tomate e cebola. Batata gratinada com queijo e presunto, frango e couve-flor à milanesa. Feijão de corda com pequi, arroz, macarrão, carne de gado. Suco de maracujá.

Janta: tapioca com ovo de capoeira, queijo coalho assado e café com leite de vaca. Feijão verde, macarrão com queijo ralado e galinha (frita e cozida). Pão de saco com mortadela e queijo coalho. Refrigerante. Pão com bife, queijo coalho assado, café com leite. Café preto e água.

Receitas

Infusão: coloca as raízes pra curtir dentro da cachaça brejeira.

Raízes: quebra-faca, imburana, imbiriba e quina-quina. (Francisco Firmino Cordeiro, vulgo Jacaré)

Preparo do Pequi: tempera como se fosse fazer carne. Coloca na panela com uma quantidade de água que dê para cozinhar (cinco a dez minutos) e sobrar o molho. Quando estiver cozido, coloca nata (ou creme de leite) e cheiro verde (se preferir, um tablete de caldo de carne). Pode acrescentar quiabo e maxixe. Mistura com peixe, com arroz, com feijão... *Aqui tá o início. A cozinheira incrementa como quiser.* (Dona Alda)

Macunzá: milho pilado, fava, pequi, mocotó de porco, carne seca e bucho de boi. (Dona Alda)

Segundo movimento

Conversas, entrevistas, reuniões

Escrever, feito conversar, tem um miolo e uma casca. Momentos de viva concentração e distrações operadas no corpo da palavra: o tom, o ritmo, a cor do som vibrando nas cordas vocais. A cadência do traço, a espessura esferográfica, imagem da palavra.

A conversa ou o texto, há vezes começam forçados, flácidos, faltando o encadeamento vibrante dos passes rápidos nas tabelinhas dos craques de futebol.

(Diário de campo)

A lagoa encantada⁵

Em eras longínquas, no Tempo sem tempo em que tudo se fia, nascia para lenda Itaperabussu, reinado do rei Manacá e da rainha Jurema. No centro do reinado havia uma lagoa encantada, Vapabussu. Ao redor de Vapabussu vivia a princesa Mara que, sem juízo para se fixar em uma coisa, punha feitiço e confundia as pessoas, que rumavam para a Ilusão. Seu pai, vendo que era uma má princesa, a encantou na lagoa, batizando-a dali por diante como Maara, a serpente. E à beira da lagoa nasceram plantinhas curiosas, da baba que Mara despejou enquanto era encantada.

Certo dia, Vapabussu encantou e sumiu. E quando o povo, caçando pequi, se perde nos pés de serra do Araripe, encontram a lagoa encantada. Uma lagoa bem bonita, com fruteiras, arrodada de animais.

Ouvi dizer, nos pés de serra, que de vez em vez o castelo encantado de Itaperabussu ressurge, aqui e acolá. As plantinhas misteriosas nascidas da baba de Maara ainda bordejam a lagoa, e o povo come e diz que a vê. De lá, nada se pode levar.

Se o sujeito colocar no bolso uma prova para afiançar que esteve em Vapabussu, não consegue sair de jeito nenhum. É preciso fugir antes de a lagoa desencantar, senão, vai-se junto.

No castelo da Pedra do Convento, conta uma mulher, seus avós, quando certo dia era madrugada, abriram a janela para beber água, e a cidade estava desencantando, se aparecendo. Aquela rodilha de

5
Transcrição adaptada da Reunião Formativa. Narração: Alemberg Quindins.

pedra do convento era uma enorme serpente, de toda cor, uma cidade, onde as pessoas desencantavam e apareciam novamente.

Assim, boqueirões, caldeirões e Mães D'Água são vestígios do reinado de Itaperabussu. E os Kariri, filhos da lagoa encantada, ainda hoje buscam Itaperabussu. Procuram o caminho da Terra sem Males, da Terra Prometida.

Por isso, um dia aqui se chamou Cariri Novos: o caminho de retorno ao reino encantado. *Me aponta o trieiro das pedras pintadas!*, diziam. No caminho de pedra para o lado do convento, por entre morros, se vê: num morro tem pintura, no outro lado tem pintura... Isso é um caminho de morros com pedras em cima, como que apontando para uma direção.

Hoje, todo equipamento que tem aqui é em prol de procurar.

Matéria-prima

A conversa *jogada fora*, o tempo perdido. A espera por um enfeixe de ideias. A luz de um dia, o cheiro azedo do nimbo, o crepitar da piçarra, o quente na língua. Tudo enquanto, humano e não-humano, marcado ou ao acaso, compõem, sem saber, a formação de um *patchwork* de *afectos* e *perceptos* feito “blocos de sensações”⁶ a serem decifrados e cerzidos em pontiaguda agulha e embaralhadas linhas.

Um encontro inicia nos arredores, em meio a uma névoa de signos em estado de eriçamento. Um encontro é a captura de uma *cena* extracampo, que se iniciou fora do quadro. Um encontro depende de confiança em presença, da qualidade da indiferença. Reciprocidade de perspectivas para com, de um tudo.

Um encontro é coisa sutil. Corpo, gesto, semblante. Cor, olor, signo irradiante. É consequência de paciência para não alvejar com assertividade voluntarista. Predisposição para brincadeira, falar por falar, arrodar objetivo, contemplação sem motivo.

Um encontro não se marca. Um encontro é sincronizar não se sabe o quê, a princípio. Alguma identificação ignorada. Alguma coisa traída no jeito, *no arrear da mala*. Esgrimia que se pratica primeiro consigo. Proximidade e distância. Uma temperatura no rosto, um ritmo na palavra. Toda uma ciência.

Um encontro é saber usufruir o privilégio do silêncio casado. Nada de empatia, essa trapaça. Arrogante ingenuidade, imaginar

.....
6 Ver “*Post scriptum*”.

possível se colocar no ponto de vista do outro. *Eu sou um outro*, ensinara o poeta. *Ninguém nunca vai saber*, ironizava o amigo.⁷

Encontro é palmilhar uma harmonia a se fazer, não se sabe a clave. Captar zonas de *afecto*, suspendendo nódulos identitários – sabe-se lá o que isso seja. Rezar para que o Acontecimento aconteça.

Um encontro é esconjurar vontade em provocar ou seduzir. Esconjurar finalidade instrumental (perguntas não precisam ser feitas para serem respondidas). Habitar tempo em modo de espera. Paciência, sabedoria inconfessa do trabalho de campo. O encontro, realidade intermediária. Nem eu, nem você.

.....
7 Roberto Barros (*in memoriam*).

Encontro com Tetéu⁸

Na diagonal em que olho, avisto um senhor velho, magro, tez ocre, boné surrado, corrente Michelin pendurada ao pescoço. Corpo pontiagudo, seco e teso feito um galo de briga. Queixo proeminente, cabeça esguia, pelos pretos nos braços longos onde se penduram semigarras feitas mãos.

Caminho lento, sem propósito, em sua direção, desviando olhar, revendo e adiante. Não lembro se alguém nos apresentou ou se des-toquei a conversa sozinho. Quando dei, estávamos sentados em um tronco atravessado no terreiro. Tirou um almanaque de radiestesia e explanou, a próprio, em ziguezague, compassado e paciente, matéria-prima de sua forma de vida.

Quem nasce nesse planeta tem essa capacidade. Planeta é dia e hora do nascimento, exatos: sexta-feira, cinco da manhã. Nem pra frente, nem pra trás.

A primeira cacimba achou aos dez anos, no ano de 1929. Mostrou uma lista de fazendas, até em Petrolina, no Pernambuco. Por todas caçou água. Discorreu espécie de currículo, a tempo em que contava os embates com os engenheiros sobre essa ciência oculta, enviesada, que lhe aprouve incorporar: profeta do sertão, se diz.

Sem dar por motivo, levantou, tirou o chapéu. Depois a camisa, relógio, cordão, a medalha, os sapatos. Arregaçou as calças e bateu o chão em busca de pedra. Pegou três. Levou-as à cabeça, rezou e guardou-as no boné, dispondo-o enrolado no chão. Com uma forquilha, uns cinquenta centímetros cada lado, caminhou de uma

.....
8 Tetéu, um pássaro comum no Brasil, também conhecido como quero-quero.

extremidade a outra do terreiro, até perfazer uma cruz invisível riscada no rastro do caminhado. A determinado ponto, a forquilha começou a subir, por mais que botasse força a contrário, dos braços aos intestinos. Subiu até topar-lhe a testa. Encontrado o ponto do veio d'água, pela quarta encruzada, “botou pensamento” e disse os palmos de profundidade onde a água brotaria.

Pronunciou umas poucas palavras, modo rápido qual não pude compreender. Dedicou a três santas o feito, o dom. Recolheu o boné, juntou as três pedras em forma de seixo e jogou por detrás da cabeça. Vestiu-se vagaroso e foi saindo, sem despedir nem olhar para trás.

Miguel Rodrigues Barros, à época 83 anos; vulgo Tetéu. Revelou-me que as pessoas, se nascem no mesmo planeta que ele, em dezembro, feito eu, não enricam, passam; não morrem, secam. Este, o único desgosto.

A Reunião Formativa

Cai a noite, e os músculos da cidade, dia afora distendidos pelo ardor fumegante do sol, afrouxam. As crianças devem voltar para casa. Uma espécie de portal reabre por instantes e elas por ele passam, ao reencontro de suas famílias, se as tem. Mas logo retornarão em busca do apascento das horas sob o encanto da Casa. *Trinta e um, salve todos!*, e a conversinha no banco do canteiro que divide a rua vendo o movimento compromete a vida com os dias.

Mas hoje um burburinho corre-corre descompensaria a rotina. *O que é que há?*, perguntei a Diassis, que passava apressado. Sem dar confiança, responde esbaforido: *Alemberg vai fazer reunião.*

Havia alguns novatos e talvez fosse necessário reembalar o rodaminho das motivações. Uma reunião para fins pedagógicos: reiterar missão, valores e finalidades, regras e funcionamentos. Foi o que imaginei ao saber da tal “Reunião Formativa”.

O frenesi era intenso. Convenci Alexandre a montar os equipamentos e gravar a reunião em CD. Quando cheguei à Sala dos Santos, no Memorial, meninos e meninas se amontoavam pelo chão na maior algazarra. Alemberg e Rosiane postados, costas para as imagens dos santos e as suas fotos de crianças emolduradas na parede, compondo o altar sagrado, esperavam a poeira do *farnizim* baixar. As portas e as janelas que dão para a rua estavam fechadas. Entrava-se pelos fundos, próximo à cantina.

Súbito, a luz se apagou e a sala recém-escurecida alumiou, com a chama de dois candeeiros a querosene firmando aos poucos. As sombras flamejavam e se acomodavam atrás de nós. Um silêncio de morte. Sentei no chão entre a meninada.

Alemberg começa a dedilhar o violão. Chocalhos e sinos reboam nas paredes do tempo, digo, da casa. Rosiane entoava algum rumor de uma gramática esquecida em tempos imemoriais. Alemberg em contrapontos. Aos poucos uma atmosfera de caverna vai aprofundando e a meninada, chamada a repetir trechos da música, sabem de cor. Uns quinze minutos e a cantiga finda, aos aplausos e risos incontidos.

Alemberg então pergunta: *O que é que vocês querem saber dessa música?*. Imediatamente, uma voz salta do lusco-fusco, iluminando o intervalo, e o jovem Samuel, um dos primeiros da Casa, como se ensaiado estivesse, pergunta: *Qual o caminho? Qual o caminho?*. Alemberg responde:

A Casa Grande, pra vocês saberem o que é e a sua origem, é uma casa que surgiu de uma história. E os caminhos que levaram a Casa Grande até aqui também surgiram de uma história. Por isso a coisa mais importante na Casa Grande são suas histórias. E essas histórias, ainda hoje, a gente escreve elas.

Há muito tempo atrás, muito tempo atrás, existiu um reinado de um rei que se denominava Manacá, e uma rainha com o nome Jurema. No centro desse reinado existia uma lagoa com o nome de Lagoa Encantada. Essa lagoa estava no centro desse reinado. Esse reinado se chamava Itaperabussu, e o nome da lagoa, Vapabussu.

Alemberg retoma o violão, cantando:

Era uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que à noite/ sempre se ouvia/ a Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ Era uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que à noite/ sempre se ouvia/ a Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/

*amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou//
A Carimbamba habita a noite/ cantava triste lá na lagoa:/ amanhã eu
vou, amanhã eu vou/ E Rosa Bela/ linda donzela/ acabou seu canto/ e can-
tava triste/ e Rosa Bela/ linda donzela/ acabou seu canto/ e cantava triste/
a lagoa lá fora venta/ ah, ela voltou/ a Carimbamba vive cantando/ e Rosa
Bela nunca mais voltou.*

Todos cantam:

*Amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/
amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou/ Era
uma certa vez/ um lago mal assombrado/ que à noite/ sempre se ouvia/ a
Carimbamba cantando assim:/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã
eu vou, amanhã eu vou/ amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou,
amanhã eu vou.*

O dever da palavra

“Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Quanto aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro [...] Sobre a tribo reina o seu respectivo chefe e este reina também sobre as palavras da tribo. Em outros termos, e muito particularmente no caso das sociedades primitivas americanas, os índios, o chefe – o homem de poder – detém também o monopólio da palavra. Não se deve, junto a esses selvagens, perguntar: quem é seu chefe? mas antes: quem é, entre vocês, aquele que fala? Senhor das palavras: é esse o nome que muitos grupos dão ao seu chefe [...] as sociedades indígenas não reconhecem ao chefe o direito à palavra porque ele é o chefe: elas exigem do homem destinado a ser chefe que ele prove seu domínio sobre as palavras [...] E não nos enganemos com isso. Não se trata aqui do gosto, tão vivo entre tantos selvagens, pelos belos discursos, pelo talento oratório, pelo falar pomposo [*grand parler*]. Não se trata aqui de estética, mas de política. Na obrigação exigida ao chefe de ser homem de palavra transparece com efeito toda a filosofia política da sociedade primitiva [...] O que diz o chefe? O que é uma palavra de chefe? É, antes de mais nada, um ato ritualizado”. (CLASTRES, 2003, p. 169-171, grifo do autor)

A fundação organizacional da lenda: o lado profano

A primeira conversa para tratar aspectos organizacionais da Fundação Casa Grande foi Rosiane Limaverde quem versou. Mulher da Casa, musa inspirada em lendas e antiguidades, brincadeiras de menina e menino. Tino. As opacidades do patriarcado se veem escondidas no olhar. De uma formalidade despachada, quando já não se deve satisfações além das que são, foi em modo entrevista que nos entrevistamos. Com uma certa sensação de atrapalho, permaneci na teima em deixar conversa acontecer. Mas com Rosiane não vin- gou dilatar o tempo. Sentava com objetivo: responder às perguntas, sem boleios. Por dentro, a mim roía alguma vergonha.

Em volta da comprida mesa no vão que margeia o terreiro, im- provisava perguntas a partir das irradiações de uma linha mestra de curiosidades, já pensadas, de onde poderia às vezes fugir, seguindo olhares, respirações, gestos, entonações. Rabiscava um croqui bar- roco de encontro em modo etnográfico.

*

A Casa Grande surgiria quando Rosiane Limaverde e Alemborg Quindins se conheceram e começaram a se envolver com música, música talhada nas grutas da Chapada. Sentindo desejo em conhecer mais a *cultura local*, iniciaram uma pesquisa antropológica, como dis- seram – ao modo de saberem da cultura dos povos indígenas da região do Cariri. E através, coisa foi puxando outra. Coisa foi puxando outra,

e puxando outra. Um informante levava a outro, e outro. Quando deram, tinham um fardel de quinquilharias ancestrais.

A coisa foi se avolumando e a gente foi compondo, foi direcionando a música cada vez mais para aquele objetivo, para aquilo que a gente estava pesquisando, que a gente estava querendo, e a coisa foi ficando maior e foi dando resultado. A gente chegava no Paraná, no Rio Grande do Sul, o povo supernativista, e a gente cantando música do Cariri, falando em Cariri, batendo pedra, pote, num sei quê, e era premiado, e o povo gostava. Parecia estar dando certo, não é? E se estava dando certo, vamos melhorar que o caminho é esse. (Rosiane)

À época, viria a ideia de criar “uma casa de cultura, um centro cultural”.

Não era uma coisa assim muito formatada, porque essa legislação do terceiro setor a gente não tinha muito acesso, contou Rosiane.

E afinal, onde assentar um tal centro? No Crato?

A Casa Grande estava aqui em ruínas, era da família de Alemborg, e na época ele estava realizando uma assessoria para a prefeitura na área de cultura, e estávamos vindo muito a Nova Olinda. Então surgiu vontade de fazer aqui, e teve uma abertura da família e uma série de facilidades. E a coisa deu certo. (Rosiane)

Viajavam muito, Rosiane e Alemborg, quando toparam com inspiração. O Memorial da América Latina e a Fundação Museu do Homem Americano.

Unimos essas duas inspirações e pensamos em criar a Fundação. Então criamos a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, puxando as duas ideias. (Rosiane)

Buscaram apoio da Fundação Memorial Padre Cícero, naquele tempo recém-criada, onde também funcionava um museu.

Íris Batista deu uma assessoria e nos auxiliou nessa parte de estatuto, que a gente não tinha muito conhecimento. A gente formatou o estatuto da Fundação, a parte legal, e instituiu a Fundação sem ter muita noção, pois terceiro setor pra gente não era uma palavra muito utilizada. (Rosiane)

O primeiro programa seria o de Memória. Implantado no espaço que tinham, apenas a casa onde viria a funcionar o Memorial do Homem Kariri, lagoa onde o pequeno país nasceu.

Tudo funcionava naquele pequeno espaço que, na época, pra nós, nem era tão pequeno. Mas a gente foi sentindo necessidade de ampliar. (Rosiane)

Rosiane e Alemberg elaboraram um projeto com intuito adquirir o terreno vizinho, um Educandário também arruinado.

E fizemos um projeto para o Governo do Estado [do Ceará]. A construção dessa segunda parte foi feita em três etapas: primeiro se comprou o terreno com o prédio e se restaurou o que já estava construído, o Educandário. (Rosiane)

No Educandário, instalaram um laboratório provisório de TV. Funcionavam em espaços provisórios, enquanto a outra parte era construída. Depois que o Governo financiou a construção dos dois blocos dos laboratórios, finalizou-se uma terceira etapa, com o teatro.

Uma vez construída a parte física, sentiram a necessidade de atualizar os equipamentos, pois eram antigos, anteriores à ampliação da estrutura física.

Tínhamos feito um projeto paralelo ao projeto da compra do espaço, com o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], mas o projeto, muito vagaroso, uma burocracia enorme – demorou a construção todinha, e esse projeto em andamento: papelada vai, papelada vem, aquela coisa. (Rosiane)

Finalmente, inaugurado o teatro, saíria o recurso do BNDES, à prestação, em duas partes.

Após os primeiros anos, surgiria o primeiro parceiro institucional de peso, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Logo em seguida, viria o auxílio do acaso, a sorte.

A dona Violeta [Arraes] veio aqui. Ela nessa época morava na França, mas tinha vindo ao Cariri nesse período, e tínhamos convidado ela para vir conhecer a Fundação. Conhecemos ela através de Fernando Piancó, um amigo que trabalhava com teatro. Lembro que a primeira vez que ela entrou, botou os pés na Casa Grande (Alemberg nem lembrava disso, eu estava lembrando outro dia). Existiam ainda os alto-falantes em cima da Casa Grande, que era da nossa rádio [uma radiadora], A Voz da Liberdade. Pusemos o 'Bolero de Ravel' e lembro dela entrar na Casa Grande ao som do 'Bolero de Ravel'. Ela conheceu a Fundação e daí se iniciou uma amizade com a Casa Grande. Depois ela voltou pra França. (Rosiane)

Certo dia souberam que Ruth Cardoso, primeira-dama do Brasil na época, iria à Nova Olinda lançar um programa social.

Nova Olinda havia sido escolhida no Brasil como o município mais carente dos índices de pobreza, de isso e aquilo, e por isso Ruth Cardoso vinha. (Rosiane)

Rosiane conta que houve todo um cerco para que ela não fosse à Casa Grande.

Ela visitando Nova Olinda e os meninos naquela ansiedade, esperando. Não sabiam se ela viria, se ela não viria... (Rosiane)

Por fim, ela não foi, e todos ficaram muito decepcionados.

Lembro que nessa noite, depois que se passou essa história toda, Alemberg colocou aquela música do Arnaldo Antunes, do Titãs, 'Comida', e depois conversamos sobre a letra. E saíram opiniões muito legais: que o programa tinha vindo por conta do problema da pobreza, mas que a gente aqui estava buscando muito mais do que isso, do que só comida. A gente estava propondo outras coisas. (Rosiane)

Foi quando, em uma segunda vez, dona Violeta Arraes, agora reitora da Universidade Regional do Cariri (URCA), faria uma expedição à região.

A TV Casa Grande foi a única TV autorizada a filmar, desde a hora em que ela botou os pés no aeroporto até a hora em que foi embora. A TV Casa Grande foi até a casa da dona Violeta e Samara a entrevistou. Ela [dona Violeta] chegou a dizer depois que a entrevista mais inteligente que ela teve durante a estada no estado do Ceará foi a dos meninos da TV Casa Grande. (Rosiane)

Por conta de visitas agendadas a Caririçu e ao Crato, dessa vez dona Violeta Arraes não chegaria à Nova Olinda, mas a TV Casa Grande a acompanharia, mostrando serviço.

Pelas mãos de dona Violeta, conheceria a Fundação Casa Grande a atriz e diretora Bia Lessa, por ocasião de um filme, e, por intermédio dela, a atriz Regina Casé e o cineasta e diretor de televisão Guel Arraes, que na época procuravam um lugar para estrear o programa de TV *Brasil Legal*.

Era um programa em que ela ia até certa comunidade e entrevistava certo personagem. Era muito legal o programa, e a Casa Grande foi escolhida. Ela veio e a Casa Grande saiu a nível nacional. Depois do Brasil Legal, o Brasil soube que a Casa Grande existia. (Rosiane)

A partir de então, haveria toda uma abertura do Governo do Estado do Ceará. O governador da vez chamaria Alemberg para conhecer o seu trabalho com a Fundação e, segundo Rosiane, abriria as portas para a Fundação.

Regina Casé, por sua vez, faria contato com Viviane Senna, o que possibilitaria uma importante parceria com o Instituto Ayrton Senna, que duraria três anos. Alemberg seria convidado pela ASHOKA para ser *fellow*, o que resultaria, segundo Rosiane, em “*todo um conhecimento e uma certa sistematização já bem moderna*”.

Devido aos poucos recursos e à raridade com que financiadores (governamentais ou não) custeiam a estrutura administrativa de uma organização, seria necessário gerenciar de modo enxuto, a custo mínimo, evitando, por exemplo, quadro de funcionários.

Eu conheço algumas instituições que têm um quadro de funcionários altíssimo. Então quando acaba o recurso, a instituição fecha as portas, porque não tem quem faça mais nada. (Rosiane)

Como estratégia de sustentabilidade, a Fundação Casa Grande criaria um curso contínuo de Gestão Cultural, com os próprios meninos e meninas aprendendo a gerenciar os setores e transmitindo aos mais novos. A Fundação gestaria uma estrutura que funcionaria por si só, com as crianças e os jovens mantendo todo o giramundo da Casa. Contudo, contando com um mínimo organizacional: diretor-presidente, diretora administrativa e diretor financeiro.

O diretor-presidente passa os contatos, o diretor administrativo pega os contatos e formata para direcionar aos projetos, conforme o diretor-presidente firmou. (Rosiane)

O diretor financeiro, por sua vez, iria monitorar gastos, realizar o acompanhamento financeiro de cada projeto, a contabilidade de cada projeto e a prestação de contas, de acordo com o perfil do financiador.

Porque cada financiador tem uma forma, quer a prestação de contas de uma forma; e a própria Fundação tem uma estrutura [jurídica] que precisa anualmente passar toda a contabilidade à promotoria. (Rosiane)

Cotidiano

Acordo com o burburinho das crianças. Passa pouco das seis da manhã. Nas telhas de cerâmica do alojamento as vozes ressoam. Cada qual, dupla ou trio, ao seu setor. Irão varrer, passar pano no piso de cimento queimado, ligar equipamentos, *startar* o rodamoinho dos dias – o que poderá incluir algum reparo na parte elétrica, serviço de pedreiro, carpintaria ou eletrônica. Permaneço intacto no beliche, deixando a poeira do sonho baixar. O murmurinho auxilia assentar a vigília. Se houver importância, anoto alguma lembrança na caderneta – durmo sempre com uma ao alcance da mão – ainda deitado, para não espantar. Desço do beliche, ligo o rádio, lavo o rosto. Volto à cama para escutar o burburinho e deitar o pensamento no sentido da Finalidade.

Após o banho, gelado feito água de bica, escovo os dentes, visto o bermudão caqui com dois grandes bolsos acima dos joelhos, onde sempre estão uma caderneta de arame e uma caneta preta enganchada no aramado.

Saio do quarto, tranco a porta com a chave de ferro pendurada no chaveiro de madeira enlaçado em um cordão sintético. Tenho a visão do terreiro, arrodado de portas e um vão lateral, onde uma grande mesa de madeira e dois bancos compridos descansam momentos de proseo. O terreiro está coberto com raspas de madeira – entoujo de marcenaria para reter o vigor da chuva, que cairá indireta, sobre a terra, sem deixar esburacos.

O hábito de cuidar da casa chamam “gestão cultural”, para efeito de justificativa nos projetos. Os mais antigos são nomeados “gerentes”. Os mais novos, “auxiliares”.

Atualmente os setores são: Secretaria, Sala de Vídeo, TV, Rádio, Biblioteca, Brinquedoteca, Memorial, Sala de Música, Teatro, Meio Ambiente, Editora, Manutenção, Escolinha, Laboratório de Sites.

Não há cargo vitalício. Variam as funções, diversificam-se os ofícios. Necessidade e merecimento é que destinam.

Atrás da porta do almoxarifado há uma planilha com os horários de limpeza por turno: sete, doze, dezessete horas. Na planilha constam: número do setor, localidade e responsável; e a divisão do quite de limpeza por setor. Há uma observação: “Este kit é para durar um mês. O setor 4 tem apenas 3 panos, a cera será repassada de acordo com a sua necessidade”.

Enquanto fazem a limpeza, em intensa energia, conversam bastante, gritam recados, correm daqui para lá. Exceção, os dias em que Alemberg e Rosiane pernoitam na Casa. Depois das oito irão ao terreiro, na frente do Memorial, jogar bila, a brincadeira da estação – que é o tempo e a infância quem dão.

Uma noite de chuva

Soa nas folhas uma ventania redemunha, revelando presença de saci. Reflexo dos relâmpagos, o chão cinza de cimento queimado sobressai flamejante do escuro. Sinto algum desamparo quando me imagino cravado na vasta imensidão do Araripe.

As luzes da Casa apagadas, sentamos em um longo banco de madeira, à moda dos bancos de calçada, embaixo da janela, onde se prosa sem miolo. Aliso a pele lisa e dura do banco, palmilhando os sulcos do tempo de árvore. Desejo compartilhar cumplicidade, mesmo se depois, dia claro, desencante a presunção.

A conversa começa fiada, com cerimônias demais, e uma exigência: desfazer-se de objetivo, no silêncio que irmana e consagra, para alcançar o tutano da gratuidade, o encontro sincero na prosa. Os grilos silenciam, e quando a chuva diminui sua sanha, voltam a cricrilar. Os trovões rasgam a noite feito querubins açoitando descomunais folhas de zinco.

Passam das dez e a cidade é um baldio de gente. Goteja perto de nós uma aura fábula, e talvez tenhamos permanecido inamovíveis por horas, para consagrar o apascento dos espíritos da Casa.

Essa conversa sem testemunha, uma qualquer nos confins de um Brasil indecifrado, ficaria tatuada na carne espessa da noite, condensada no tempo, sem registro.

A fundação institucional da lenda: o lado sagrado

Brincadeira de menino e menina nas origens. Alemberg Quindins, o homem da Casa, ainda hoje menino. Risada rasgada feito índio ou vaia cearense. Com ele, galhofa é método. Carismático, muitos sentidos, atento a toda dimensão. Distraído por jeito de se avultar, está sempre avexado. Não deixa linha de fronteira para o juízo decidir. Esculpido em arte de palavra falada, prometido a histórias fabulosas, com ele não é fácil assentar conversa.

Foi preciso paciência, ao modo de não espantar a concentração para o ponto de prosa. Muitos dias se passaram até uma primeira entrevista, sentados nas cadeirinhas de couro de criação da videoteca. Depois à mesa, na orla do terreiro, em um banco longo e esguio de madeira. Terça vez, conversamos caminhando pela Fundação, passo a passo interrompidos por demandas e mandados.

Mantida a persistência, sem desagravo nem ressentimento, um dia qualquer, desencantou. Dali em diante, bastava um mote, um mastigado diferente no estilo da pergunta, um arroteio na objetividade, alguma leveza de humor, e o tempo expandia. E não era mais entrevista, tampouco “informante”; era o coração alegórico da lenda versando em livres volteios.

A morada das histórias

Foram as histórias e as lendas que existem na região do Cariri que originaram a Casa. Histórias vindas dos índios, passadas para o caboclo, e que o caboclo foi contando pra frente.

A primeira vez que me encontrei com elas [as histórias] eu era menino, não tinha nove anos de idade. Uma cabocla me contava as histórias. Eu ia pra casa dela, ela pegava um indiozinho dentro do baú e mostrava. E contava histórias do tempo dos índios, do tempo do cachimbo de barro. Aquilo ficou na minha cabeça todo esse tempo. Eu cresci.

Quando retornei ao Ceará depois de um tempo no Tocantins, saí pesquisando novamente, querendo mais detalhes sobre as histórias. Comecei a caminhar buscando saber, pesquisando nos pés de serra. Quando sabia de alguma coisa – uma pedra que o povo dizia ser encantada –, visitava, fotografava e gravava depoimentos das pessoas. Por causa dos depoimentos a gente começou a receber em casa um bocado de estudantes, pessoas que iam ouvir as histórias.

E a gente começou a compor músicas falando delas, de detalhes dessas histórias. E viajamos com as músicas, mostrando essas músicas fora. Chegávamos a um lugar, na casa de uma pessoa da roça, e no que a gente ia pesquisando, muitas vezes ela tinha uma pedra como essas que estão aí, caco de panela..., e davam pra gente.

Então a gente pensou que deveria criar um espaço pra guardar essas histórias. Não só guardar, mas retomar para serem contadas, as lendas e as histórias. Um lugar para abrigá-las, nessa nossa época de hoje. E foi assim que a gente veio pra essa casa, que foi do meu avô, Neco Trajano. (Alemberg)

Parecia coisa destinada. Assombração de fatalidade, quando não se pode negar obrigação. O fronte-à-fronte trágico com o Acontecimento, quando se deve estar à altura.

A primeira vez que a gente entrou nessa Casa, eu e Rosiane; quando Rosiane chegou na salinha do Corredor do Arco – ela tinha um terço, um rosário azul e branco no pescoço –, do rosário voou conta pra todo canto.

Foi como se arrancassem do pescoço dela. E nós chegamos para arrumar a casa.

Quando entramos na Casa Grande, a gente sabia que se tratava de uma pessoa, porque uma coisa que tem passado tem personalidade. Quando a gente entrou, o primeiro momento foi uma conversa com ela: como botar um museu dentro dela sem tirar sua individualidade. Por isso as bandejinhas [onde ficam expostos achados arqueológicos do Memorial] são leves. Poderiam ser mais pesadas. São bandejinhas leves, o mínimo de interferência possível na arquitetura. Porque se a gente aprende isso, a não interferir... Meu pai dizia: quando for pra casa dos outros, observe como aquele povo vive, pra você saber se posicionar dentro daquela casa. Esse respeito. Também quando a pessoa vai até a natureza, saber entrar numa floresta, saber entrar num pantanal, saber entrar numa capital.

Passamos um período dormindo dentro da Casa. Praticamente abandonamos a casa da gente e viemos passar um tempo aqui, arrumando. Os meninos ficavam olhando por debaixo das portas, olhavam pela janela, curiando. E a gente arrumando a casa de noite. E quando a gente finalmente abriu a casa, aquele monte de menino da cidade entrou como se fossem destruir.

A gente começou a explicar o que era a Mãe D'Água. E os meninos começaram a aprender as histórias que ouviam. A gente chegava e encontrava eles contando as histórias que a gente contou. A casa exhibe justamente essas histórias que eu conto. Foi assim que surgiu a Escolinha de Iniciação à Casa Grande, que é uma escolinha para ouvir e aprender a contar essas histórias. (Alemberg)

E quando destino se cumpre, e se volta em busca de explicação, em retrospecto tudo ganhará seu assento.

Eu, Alemberg falando, como criador dessa instituição, eu fiz tudo isso que estou fazendo pra um menino que sou eu. É esse menino que eu busco agradar. O doce que eu estou comprando é pra esse menino, e esse menino ele já não é mais, ele perdeu, vamos dizer assim, a sua individualidade. É um menino, mas um menino figurado. Como é que chama? [Imaginário] Um menino imaginário.

Porque toda vez que eu assisto Cinema Paradiso eu me emociono. Porque eu comecei a fazer cineminha em casa e hoje tem uma tela de cinema pra eu assistir. A primeira vez que eu me deparei com um cinema, eu fiquei assim, encantado. Aquela cena do Cinema Paradiso, quando o menino no final chega à cidade dele, entra no cinema, e senta sozinho, e manda rodar a fita, que é a fita que Alfredo deixou pra ele, que é a emenda de todas as partes que eram cortadas pelo padre...

Eu entrei nesse cinema. Eu comecei a fazer cinema na marra. E veja só: me disseram que Tarkovski era bom, eu comprei as quatro coleções de Tarkovski pra assistir, pra ver e estudar por que seria bom. E eu continuo sendo a pessoa que não sabe, que não assistiu ao filme. Eu montei o cinema, mas não assisti ao filme, está compreendendo? (Alemberg)

Educação pela pedra, arquitetura do tempo

Essa casa, que um dia a gente resolveu restaurar, é um lugar muito forte em relação à memória de nosso povo. A Casa Grande foi a primeira casa da cidade de Nova Olinda. Ela traz uma fachada que mistura a casa do caboclo, do índio e a casa do colono. Esse casamento gerou essa casa matuta, com essa fachada. E essa casa, que curtiu a história e que a história curtiu, foi aberta pra comunidade, para as crianças. É como ser educado ao lado de um sábio ou ao lado de um moderno – não é nem moderno, é mais –, de uma pessoa vazia: o caixão que é colocado ali ao lado, ou o prédio novo construído que ainda vai começar a história.

As crianças ‘nascem’ dentro dessa casa, sabem que nessa casa já pisaram muitos pés, muita gente, muita história. São parte dessa história que os antepassados deixaram pra eles. E a Casa chegou ao tempo deles. Cria-se uma noção de passado, presente, futuro; e o homem centrado nesses três pontos passa a observar o mundo de forma diferente. O principal fator para se aprender é observar.

Passa a haver também um respeito entre o velho e a criança, e assim por diante. Pois a gente recebeu dos homens da pré-história a nossa própria existência aqui, nesse terreiro. A cada momento isso é atualizado, e se passa a ter compreensão: a gente construindo, mais coisas virão. E é muito importante estar ligado ao passado, porque a gente é consequência do passado.

É uma forma boa de educar, através da arquitetura. Não é à toa que muita gente, músicos e artistas, têm essa tendência em buscar a arquitetura como meio de desenvolver, despertar, ‘descolar da caixa’, a arte e a sensibilidade que estão dentro deles. O que é um exemplo em relação à importância da arquitetura numa instituição: uma instituição que está dentro de um prédio de cinco andares, que tem até num sei quê, num sei quê, e setor, tudim (sic), mas não tem cara, é diferente de uma instituição que tem uma cara. Tanto casarão que existe caído no sertão, casas antigas. E do lado o governo constrói uma escola, aqueles caixões amarelos, ou brancos, com aquela logomarca da vez, e as crianças vão se educando nesse local. O ensino nunca se aprofunda sobre a concepção de patrimônio. Infelizmente, um verdadeiro exercício de deseducação histórica, de memória, de arquitetura, de antropologia.

Nossa cara é a Casa Grande, com respeito no passado. Por isso a bandeira da Casa Grande descreve o passado, o presente e o futuro. O passado representado pela pintura rupestre. O presente, pelo símbolo da fachada da Casa. E uma estrelinha em cima, simbolizando esse espaço que a gente conseguiu, um espaço construído pelas crianças, e que significa o futuro.

A Casa [o Memorial do Homem Kariri], por ser primeira, é a estrela principal. Nada dentro da Fundação pode ser mais importante do que a Casa Grande, arquitetonicamente. Tudo que vier tem que vir como uma nota musical, formando harmonia. Maria Luíza Costa [arquiteta, desenhou o Teatro Violeta Arraes, da Fundação Casa Grande] disse, não foi preciso eu dizer: vou fazer o teatro, mas a estrela principal é a Casa Grande; tenho que fazer por onde o Teatro passe despercebido – não é despercebido –, integrado! A palavra é essa. Esse trio de construções – a Casa Grande, o educandário [e o teatro] – é como se fosse um pequeno povoadinho: a casa da fazenda, a escolinha onde estuda o povo da fazenda e o teatro – o paiol de mantimentos.

A Casa Grande foi criada numa concepção antropológica e artística. O sumo, a base. É como se a antropologia fosse a matéria, e a música, a arte, fossem o espírito. Ela é formada disso, porque foi feita por um casal de músicos. Talvez se fosse um casal de açougueiros, ou um casal de... – tá entendendo? –, tivessem outras diferenças. Mas como foi um casal de músicos, que entravam nas cavernas e se inspiravam a partir do ambiente sonoro daqueles lugares... Se você pega a obra de Burle Marx, e eu estive agora na floresta amazônica; são os jardins que Burle Marx buscou fazer, sonhou fazer. Então é isso: procurar fazer coisas que eu vi na inspiração se materializarem aqui dentro.

A Casa Grande é uma lenda musicada. Se você parar, você vai escutar a música da Casa Grande [apontando para o burburinho da meninada no terreiro]. (Alemberg)

Tornar-se membro, a seleção

Brincadeira de menina e menino no tempo das origens. De tudo e por tudo, seriam as crianças a imaginar a infância da lenda. Um reino encantado cravado em um deserto de oportunidades, repleto de fósseis, histórias e montanhas. Avistariam o portal de uma nação por vir, encurvariam o destino. Para o deserto povoar, soprariam vida onde antes era só ruína. A vida, um jogo sem tutorial. E as crianças não estavam para brincadeira.

Quando a Casa estava em ruínas, eu sempre vinha aqui matar pardal, matar morcego. Um dia, eu vi aquele movimento dos pedreiros, eu pensei: rapaz, o que é que vão fazer ali naquela casa mal-assombrada? Porque a gente tinha a casa por mal-assombrada.

Eu comecei a vir por curiosidade. Vinham os pedreiros fazendo a reforma, eu chegava pra eles e perguntava. Eles não diziam, porque também não estavam informados, estavam só fazendo o trabalho deles. Quando vi a casa toda reformada, pintadinha, eu comecei a vir pra cá. Eu peguei e disse desse jeito: vou ver o que é que vai ter ali dentro daquela casa.

Quando a casa foi inaugurada, eu entrei na casa e comecei a ver que era um museu. Via Aemberg explicando pro pessoal que ia chegando, e à medida que ele ia explicando, eu comecei a aprender, já interessado em saber por aquilo, aquelas histórias que ele contava das lendas. E quando ele não estava, e o povo chegava, eu começava a explicar. Quando passou um tempo, ele me chamou, eu e um amigo meu (a gente era amigo de infância, vinha muito pr'aquí), pra gente ser recepcionista. Depois foram entrando outros meninos, vindo brincar de peão, vindo brincar de bila, de bola. Então começou o projeto, com as crianças e os adolescentes chegando. (Miguel)

----- Original Message -----

From: "nome fictício"

To: fabiogiorgio@

Sent: Friday, December 10, 2004 12:46 PM

Subject: RE: queria saber

Olá Fábio,

Sabe,

A minha história com a Casa Grande é muito diferente de como foi com todos os outros, não pela naturalidade de ninguém viver as mesmas coisas ou de perceber... Mas é que quando encontrei a Casa Grande eu estava vivendo uma fase muito louca, perigosa e de certa forma decisiva na minha vida (digo louca porque era LOUCA mesmo!).

E quando eu comecei a frequentar a Casa Grande, naturalmente fui descobrindo o que valia a pena na minha vida e também o que era correto (muitas vezes, não pelo que eu compreendia, mas mais pelo que compreendia a sociedade). Fui encontrando espaço pra fazer das minhas revoltas, algo produtivo e importante.

Bem, passaram-se quase doze anos e ainda estou aqui! Muitas coisas aconteceram, outras não... E o que me faz estar aqui é saber que existem crianças, assim como eu já fui, meio perdidas por aqui e que de repente podem se encontrar nesse ambiente que é a Casa Grande. E que principalmente eu posso estar aqui para recebê-las e ajudá-las nessa descoberta.

Sei que continuar aqui tem um preço, mas eu sei que sou forte (afinal já venci coisas piores) e vou acreditar nessa nossa potencialidade até o fim da minha vida. Com isso não quero dizer que estarei sempre aqui na Casa Grande. Tenho muitas coisas a descobrir nesse mundo de meu Deus, mas não sairei daqui, mesmo longe, quando a Casa Grande precisar de mim,

estarei aqui (o que me dói mais quando se fala de quem já saiu da Casa Grande é que a maioria se desligou totalmente, como se tudo isso só fosse importante enquanto essas pessoas faziam uso de tudo que tem aqui, eu penso diferente, mesmo que um dia eu não esteja participando ativamente da Casa Grande, eu desejarei saber de novos projetos, como poderei ajudar, mesmo não estando por aqui, quero conhecer a garotada nova, conversar. As desculpas são muitas pra que isso não aconteça, mas uma coisa é certa, A CASA GRANDE SOMOS TODOS NÓS)

Eu estou numa fase muito legal, acabei de entrar na faculdade e começo a perceber a Casa Grande de outros ângulos e acredito que a partir daí eu vou poder ajudar em algumas coisas que precisam ser mudadas e outras que precisam existir. Nesse momento estou mais querendo refletir e entender, do que começar a agir.

Bem, espero que tenha respondido as suas perguntas e qualquer coisa, me manda outro e-mail, certo?

Um abraço.⁹

Rapaz, eu antes de entrar na Casa Grande... Eu sou filho de agricultor, tá entendendo? De manhã eu ia pro colégio. Quando eu chegava, no almoço, eu pegava a comida e já ia pra roça. Só que eu era um cara superpreguiçoso pro lado da roça. Chegava lá eu sentava debaixo de um pé-de-pau e ficava olhando o povo trabalhar. [Meu pai] ficava irritado e dizia: 'vá pra casa'. Eu não achava ruim, mas era mesmo assim [...] E eu poderia estar até na roça, mas eu sempre fui uma pessoa que sempre gostei desse negócio de mexer com cabo, de mexer com eletricidade. Eu acho que no mínimo eu já tinha aí seguido meu rumo à procura disso, e aqui não

9
Transcrição de um e-mail trocado com autor no ano de 2004. O texto original foi mantido e a identidade do remetente foi preservada.

está nem tão fora disso, porque aqui as coisas foram acontecendo assim, superlegal, quando a gente senta ali, monta um show, vamos selecionar música. Eu acho que a pessoa é quem traça seu destino mesmo, suas metas, você vai à procura disso. Não sou muito dessa teoria não: 'quem nasce pra cangalha não dá pra cela'. A gente tem que procurar a cela, a gente tem que procurar uma carruagem.

Eu acho que se hoje não existisse a Casa Grande, Nova Olinda, como disse uma menina numa reportagem, seria um deserto. É claro. Eu queria que meus amigos estivessem aqui dentro (os que não estão), eu queria que todos passassem, pelo menos, pela Casa Grande, a maioria deles. A Casa Grande trabalha muito a mente da gente. É tanto que a Casa Grande ela forma cidadão, não forma sonoplasta, não forma locutor, nada disso. (Alexandre)

Quando eu entrei aqui eu morria de medo de falar com meu pai. Meu pai nunca me dirigia a palavra em casa, nunca. Ele falava mais com meu irmão, ele era muito bruto comigo, com minha mãe. Porque minha mãe sempre... Porque teve uma época que ele estava sem trabalhar e minha mãe foi quem segurava as pontas de tudo em casa, e eu sempre ficava no pé da minha mãe, sempre, sempre, sempre acompanhava minha mãe na escola, sempre. Tudo que minha mãe ia fazer eu ficava no pé dela, não tinha outra coisa pra fazer.

Então chegou aqui um frei chamado frei Roberto, e ficou sendo o novo pároco da cidade. E frei Roberto era uma pessoa maravilhosa, eu adorava conversar com ele, porque ele me contava as histórias de todos os lugares que ele já tinha ido [...]. Contava as missões dele na Bolívia, no Chile, na Argentina, no continente africano [...]. Daí ele me contava de todos esses lugares e todas as crianças adoravam ele. Decidi que eu queria ser freira, porque eu acho que eu me interessei pelas missões, em poder sair, conhecer esses lugares todos. Eu achava que, morando em Nova Olinda, a única

forma que eu tinha de um dia conseguir isso era sendo freira, porque não tinha outro jeito, o que é que eu podia fazer? [...]

Eu tinha tanto medo, era uma pessoa tão medrosa: tinha medo de falar as coisas em casa, tinha medo de meu pai dizer uma coisa, tinha medo de falar que aquilo não era certo; eu morria de medo de tudo, de tudo.

Um belo dia, essa casa, que era considerada mal-assombrada, que eu passava correndo com medo pra cortar caminho quando ia pra casa, passava correndo, morrendo de medo, que o povo contava histórias daqui... Tinha um mato aqui do lado e esse prédio [o educandário] também era abandonado. Havia umas pessoas que moravam aqui dentro dessas salas, porque não pagavam aluguel e o prédio era abandonado. Então as pessoas que não tinham casa e não tinham emprego pra pagar aluguel ficavam morando aqui. E eu passava aqui correndo de pau (sic) pra casa. Aí um belo dia essa casa abre e eu venho pra cá todo santo dia olhar, e fico olhando assim, prestando atenção em tudo.

Foi quando um dia ocorria uma exposição de desenho, Aemberg sai na mesma hora (parecia coisa do destino), e abre a porta da cozinha falando que queria alguma coisa diferente, tipo uma exposição de poesias (e eu fazia poesias e tinha dez anos). Aí minha prima Jévina foi e disse: ‘Samara, fala das tuas poesias pra ele’. Eu falei: ‘Não, não’. ‘Fala, fala’. ‘Não’. Então ela foi e disse: ‘Olha, ela faz poesias’. Ele falou: ‘Pois vai em casa pegar pr’eu dar uma olhada’. Corri! Não passou nem cinco minutos, eu voltei com essas poesias pra Aemberg. Aemberg [disse] na mesma hora: ‘Vamos organizar uma exposição’. Então organizou a exposição. Também, no outro dia, eu já estava lá no ponto pra começar.

Daí, pronto, eu fui começando a fazer outras [coisas] aqui. Meu pai não gostava que eu viesse pra cá. Eu vinha pra cá e papai mandava me buscar, porque dizia que eu tinha que aprender a lavar prato, fazer tudo dentro de casa, porque a cultura dele é que eu tinha que ser uma boa esposa pro meu futuro marido, que aqui não tinha futuro, num sei quê e tal.

Eu sei que eu fui conseguindo algumas coisas aqui. Eu comecei a fazer o jornal da cidade, eu fui a primeira menina também – não a primeira menina que começou a frequentar a casa, porque tinha um monte de menina que também frequentava; mas a primeira menina atrevida que começou a participar de tudo aqui: fiz parte da primeira diretoria-mirim e tudo o mais. E isso eu fui aqui dentro, eu não sei nem te dizer, por isso que eu estou te dizendo: é tão natural de um jeito que eu não posso te dizer que existe um método pra gente aprender tudo isso, uma teoria que a gente segue, porque as coisas aqui são tão naturais de um jeito, um atrevimento que é positivo pra sua vida. De repente, na minha casa, eu comecei a dizer: ‘Olha, pai, não é assim não; é de tal jeito e pronto.’ E ele começou a me ouvir dentro de casa, comecei a ter voz dentro de casa também. De repente, meu irmão começou a vir pra cá, de repente minha mãe, de repente meu pai também começou a vir pra cá, e hoje em dia se eu disser ‘pai, tô querendo ir pro Japão’, ele diz: ‘vá com deus, minha filha’. (Samara)

Tem menino que no momento que chega a gente já diz. Parece que se encaixa... É uma coisa que a gente só foi perceber depois de muito tempo. Menino que parece que a casa dele é aqui [...] Eu sei o que é, mas não sei explicar. (“Nome Fictício”)

O projeto pedagógico

Em modo entrevista o sujeito pode ser mal-educado. Ser direto, aperreado. Mas se encontrar avultamento no semblante e ensinar algum vínculo que afaste desconfiança, pode vingar. Na verdade, o mais importante é saber desviar, rumo ao que interessa.

A Casa Grande é aprender [...] Quem quiser pegar esse bonde aqui e fazer a ponte, emenda uma estrada na outra sem a pessoa nem sentir. Agora, se a pessoa criar um abismo entre a Casa Grande e a vida dela, aí com certeza está presente. (Alemberg)

Há uma relação humana, de ver aquele indivíduo crescer e se fortalecer, e se tornar uma pessoa qualificada, com discernimento. Noto que às vezes as instituições têm um envolvimento muito impessoal com a clientela que ela atende – que ela já começa chamando de ‘clientela’. Quer dizer, aquela criança chega na instituição, passa a tarde ali assistindo aula ou seja o que for, fazendo atividade, e quando chega certa idade é tchau e ‘bença’. Ou quando atinge um certo índice de um certo produto, já fez, já produziu, também tchau. Ou é devido ao projeto, que funciona só um ano, e tchau.

A Casa Grande não funciona assim. Acompanhar a trajetória de início de vida da pessoa até soltar ela para o mundo, de uma forma equilibrada, é o objetivo da Casa Grande. A formação mesmo do cidadão, mas não apenas no sentido dos ‘direitos do cidadão’. O povo acha que formar cidadão é só fazer um bocado de papagaio, pererê, pererê, pererê, dizendo aquele monte de direitos e deveres que tem.

Uma coisa interessante é que muitas das coisas que hoje a gente sabe, que a gente trabalha e que a gente faz aqui, a gente descobriu fazendo. Quer dizer, a gente descobriu que a gente fazia já fazendo. Não é assim: ‘vamos utilizar tal conceito’. Por exemplo, o conceito de ‘educomunicação’. A gente utilizou ele aqui na Casa Grande muito antes dele ser lançado como do terceiro setor e entrar na lógica do terceiro setor. A gente já fazia educomunicação aqui. A gente não tinha o conceito formatado, mas a gente já fazia. Já tinha a prática. Várias outras coisas aqui na Casa Grande são assim, naturais, espontâneas. A metodologia é de Paulo Freire? Ou é aquela outra? Não. Pode até ser um pouco de tudo, mas em nenhum momento a gente teve essa preocupação em pegar pedagogias e aplicar aqui dentro. Alemberg sempre disse o seguinte: a pedagogia da Casa Grande é a infância, inspirada na infância. É ver como é a brincadeira de uma criança, ver a infância inspirada na vivência cotidiana do menino do interior. Daí é que surgiu a pedagogia da Casa Grande. Não tem nenhum mistério. Interessante que alguma vez a gente tentou colocar aqui um coordenador adulto e não deu certo, não funcionou. A coisa só funciona do jeito que ela é. (Rosiane)

Tudo o que a gente faz aqui é na baía (sic), vai fazendo assim de acordo: faz uma coisa de um jeito, se não dá certo, vai procurar outro. Os métodos são métodos que a gente vai criando. A gente não segue nenhuma teoria, seguir fulano de tal. Alemberg diz: é a teoria do peajeita.¹⁰ Mas é assim, desse jeito mesmo. A gente vai fazer a coisa de um jeito, quando não dá certo, usa outro método.

A gente está utilizando os meios de comunicação para educar. Mas não é educar para que eu futuramente seja uma produtora, para que futuramente o Miguel seja um editor de imagens. A gente está usando os

.....
10 Neologismo, fusão de “peia” com “Piaget”.

meios de comunicação – como a gente poderia estar usando a música (e a gente usa), como a gente poderia estar usando arte (tipo pintura) –, mas pra educar pra vida, não é para educar profissionalmente, como se fosse um curso profissionalizante. Educar pra vida, pra esse menino ver que existem outros meios, principalmente em um lugar como Nova Olinda, onde não há muita opção – você vai, no máximo, não desprezando a profissão, mas no máximo vai ser professora, ou vai ser dono de bar, vai abrir uma mercearia, ou vai trabalhar num escritório desses que tem por aí da vida... É o máximo que a gente consegue por aqui, e, nesse caso, a ‘educação’ na Casa Grande, que significa educar através dos meios de comunicação, está servindo pra isso: uma educação, mas que é uma educação pra vida. E mesmo que futuramente a gente seja um professor, um caminhoneiro, um médico, uma jornalista; que a gente tenha essa consciência cidadã. Como é que eu posso te dizer: ser um cidadão de bem, de repente ser um bom pai, uma boa mãe, entendeu? (Samara)

Quando não tem nada pra fazer o pessoal ainda está fazendo, porque está conversando com o outro e aprendendo, sempre brincando. Porque a Casa Grande é uma brincadeira, mas séria. Porque a pessoa brinca, mas está aprendendo, brinca e está ganhando conhecimento: brincar de fazer TV, brincar de fazer rádio, brincar de fazer música. É uma brincadeira, vamos dizer assim, uma brincadeira sadia, uma brincadeira de gente grande. É uma brincadeira de criança, mas é uma brincadeira que a pessoa ganha conhecimento.

Eu chegava e dizia: ‘Ei, vou fazer um videozim’. Aí começava. Fui aprendendo, descobrindo. Mais na frente veio um pessoal fazer um documentário aqui na região, A Terra Prometida. Henry, que trabalhava fazendo produção para o Globo Ciência, para o Globo Ecologia, me levou pro Rio de Janeiro pra eu conhecer a Globo, onde eles produziam esses programas. Aí lá foi onde eu me interessei mais. Eu via o pessoal editando

com outros equipamentos que não eram só esses vídeos que a gente tinha. Rapaz, as coisas todas bonitas lá, o equipamento de edição, as salas. Aí eu disse: ‘Rapaz, vou me dedicar mais.’ Comecei a estudar. E quando cheguei aqui, a gente começou o nosso. Nós tínhamos uma câmera Super VHS. Vimos a necessidade de ter uma câmera melhor. Conseguimos uma câmera melhor e o Casa Blanca. Aí pronto, quando eu vi o Casa Blanca comecei a estudar ele, pelo manual, e ver como se faziam as coisas. A gente foi aprendendo, e aprendeu assim mesmo se dedicando. Nós aqui na Casa Grande viemos aprendendo dessa forma: se dedica a uma coisa aí aprende. Vai descobrindo. Às vezes vêm pessoas de fora, que trabalham na área, e pedem pra gente ir perguntando – ‘E isso? E isso?’. A pessoa vai respondendo e a gente vai enriquecendo o nosso conhecimento. (Miguel)

Uma “pedagogia da infância”

Educar é coisa no tempo. Até nascer vontade, aquele negócio que não deixa quieto. A cabeça palmilhando quefazer, misturando memória, circunstância, o que tiver à mão. Graveto, linha, cordão. Esconde-esconde, gude, pauzinho, cabana, peão. Pipa, baleado, carimba. Lagarta, folhinhas, seixos, limbo – e surge a cidade, vida moderna imaginada nos utensílios da natureza.

Um dia, sem quê, a brincadeira muda. Alguém tem outra ideia. Pode ser hora do almoço, ou da janta, e o tempo faz lagarta em borboleta ou da gente um inseto monstruoso. Varia o modal do corpo, mas se veio à boia sabedoria, a disposição se mantém.

Acompanhar na curiosidade, com borda de regra e segurança. Um terreiro sombreado, uma sala equipada. Fornecer meios, circunstâncias variadas e a lição está dada. Coisa de vida engatada no sentido. Sabendo observar, ali está, no espontâneo do tempo, a pedagogia da infância.

Olha, é tempo de bila [Alemberg aponta as crianças brincando no terreiro]. Eles são meninos [e meninas] do interior, com toda a tecnologia que os meninos [e as meninas] da capital podem ter. Mas é o tempo da bila. Olha a empolgação deles[as]. Os folguedos são muito importantes. Ir lá no computador, mas o computador não tomar a vida. Esse tempo que o Tempo foi quem criou para os meninos [e as meninas]. São um presente do Tempo certas brincadeiras. O folguedo já veio desde o[a] primeiro[a] menino[a] do mundo. E quem é que dá? É o Tempo, a mãe natureza, os períodos. Vai dando aquele sentimento no coração da criança, para aquela coisa, e de uma hora para outra elas começam a jogar bila, a jogar peão.

O que é que puxa? Porque menino[a] não está ligado[a] em mês, em dia. Quem é que puxa o cordão de pegar o primeiro peão, sair do bolso, jogar na praça? Porque você vê que é uma coisa coletiva, acontece ali no bairro.

Tecnologia não corrompe a criança do sertão. Ter computador, câ-mera, essas coisas, não estão tirando a criança dos folguedos. Olha aí a intensidade com que elas brincam. É a mesma intensidade. (Alemberg)

A filosofia da casa, um menino me disse

A filosofia da Casa Grande é toda em cima da nação Kariri. Tudo surgiu de um projeto de pesquisa musical inspirado no tema do povo Kariri. A filosofia da Casa Grande é pura e puro o povo Kariri. O símbolo da Casa Grande, a bandeira, é toda dentro da mitologia do povo Kariri. Esse símbolo aqui [mostrando a camisa da farda] simboliza o homem. Depois vem aquele, tipo dois triângulos, que simboliza a colonização, o colonizador que veio, expulsou o índio, utilizou o índio, e mataram os índios, ou se tornaram vaqueiros desses colonizadores. Depois vem uma estrela em cima desse símbolo, que é a escola de comunicação. Como se fosse assim: o homem vem evoluindo. Não querendo dizer que o homem pré-histórico não era evoluído. O homem, desde que começou a habitar a terra, veio pra evoluir, pra descobrir, como as passagens: a descoberta do fogo, a descoberta dos metais, essas coisas. A Casa Grande é pura mitologia Kariri porque a gente vem aprendendo a descobrir as coisas à medida do que é dado pra gente. A gente vem descobrindo o que é a filosofia da Casa Grande e como o projeto pode andar pra frente dentro dessa filosofia.

A filosofia da Casa Grande está toda dentro do Memorial e tudo o que a gente tem aqui surgiu do Memorial. O primeiro laboratório aqui foi o Memorial. Essas outras coisas vieram surgindo a partir da necessidade da filosofia da Casa Grande. Exemplo: foi chegando menino, aí os meninos se interessavam por TV, aí a gente fazia um projeto e o financiador dava aquele equipamento pra gente. Aí a gente ia fazer TV. O Memorial é onde são formados recepcionistas, gerentes e também guias de campo e relações públicas.

Aqui na Casa Grande a gente vem fazendo a formação dessas crianças que vão chegando. E todos os meninos, pra participarem da Fundação,

têm que primeiro passar pelo Memorial. Porque o grau mais alto de gerente aqui da Casa Grande é de um bom recepcionista. Todos têm que estar aptos. Por exemplo: chegou um turista, [tem que] saber explicar a Fundação, saber tudo sobre a Fundação. Então é pra isso que o Memorial serve, pra formar todos os outros gerentes, todos os outros recepcionistas para receber os turistas. (Miguel)

O menino chegou uma vez pra me perguntar uma coisa: ‘Alemberg, a Casa Grande é uma religião?’. Eu digo: ‘Não’. Mas por que ele pergunta se a Casa Grande é uma religião? Porque na compreensão dele existe uma coisa a mais, uma filosofia atrás, uma coisa de ‘porque que as coisas se processam assim’. (Alemberg)

Cizeiro¹¹

Nesse educandário onde nós estamos morou um senhor por nome Cizeiro. Cizeiro era um velho engraxate. Vestia os paletós gastos que Antonio Jeremias dispensava. Eu conheci Cizeiro dormindo no Educandário.

Diz o povo, Cizeiro virava lobisomem. Para virar lobisomem tem que se ir ao lugar onde o animal espoja, revolvendo no chão, e fazer orações.

Existiu um pé de gameleira, perto ali, onde pegaram Cizeiro virando lobisomem. De conforme à lenda, ele fazia orações, virava para um lado e virava para o outro, rezando, até que se virava em lobisomem, e assombrava o povo, correndo atrás.

Se um lobisomem atacar a pessoa e a pessoa furar, fazendo sangue, ele se desencanta na mesma hora. Diz o povo.

.....
11 Transcrição adaptada da Reunião Formativa. Narração: Alemberg Quindins.

As palavras e as coisas

Carnaúba, castanhola, nin, caju, babaçu. pitomba, cajarana, seriguela, pequi, sapoti, murici.

Din-din. Chinela. Baladeira, peão, elástico, bambolê, futebol de botão, cabo de guerra, bila, sete pecados, bandeirinha, pega-pega, esconde-esconde, carimba.

Goreti, Gerardo, Rogério, Holanda, Hemetério, Liduína, Majela, Lincoln, Laércio; Wandenbergue, Hildenbergue, Lindenbergue; Donizete, Nepomuceno. Marilac.

Catrevagem. Laivai, diab'éisso, bicho fuleráge, melado, injuento, enxame, trocê, pegar o beco, puxar o barco, charlar, mangar, sem futuro, truar, chupando juá, história de trancoso. Marrapá!, n'um tô dizem!; engomar, abestado, rebolar, mondubim, comboieiro, rabis-saca, enxerido, estribado, parrudo, pirró. Espilicute, farnezim, se bulir, se assear.

Viração

*Com quantos quilos de medo/
com quantos quilos de medo/
se faz uma tradição?*

(Tom Zé)

Lotação

Descolar do hábito sob algum pretexto, segunda-feira é dia de Crato. Dessa vez vou comprar fita para a câmera e fazer cópia de alguns textos sobre a história dos Kariri, emprestados por Rosiane.

Vou de lotação: vans ou camionetas com carroceria, uma cobertura de lona e bancos de madeira ou de ferro, feito pau-de-arara. Algumas são novas, outras aos trancos. Pelo aspecto do motorista se conhece o carro, assim como no semblante o modo de dirigir; e no arrear da mala, a pessoa. No mais das vezes, circulam velozes e abarrotadas, a depender do horário, com gente enganchada em todo canto, dentro e fora.

Mesmo clandestinas e arriscadas (nem todas), a lotação é o principal meio de transporte entre os lugarejos da região para quem não tem carro ou moto: pela frequência com que rodam (meia em meia hora), por fazer gosto aos passageiros – estancando em qualquer parada –, devido à escassez de ônibus de linha, e pelo baixo custo da passagem.

De volta a Nova Olinda, sol posto, da janela do ônibus avisto velas acesas ao pé das portas, na janela das casas e nos estabelecimentos comerciais, mesmo fechados.

Dia de Nossa Senhora das Candeias. Dia de Iemanjá, na cidade da Bahia. Dois de fevereiro.

A casa é uma ilha

Na rua o assunto é chuva. O povo não dorme, dia inteiro do lado de fora, com medo que a casa desmanche. Algumas minam água por debaixo da parede. Amanhecem pelas canelas.

O açude da Tatajuba, dizem, vai estourar. Inundaria metade de Nova Olinda, dando água no sopé da escadaria da Igreja de São Sebastião. O rio Kariús, transbordado, arrastou a ponte de ferro. A maioria dos estudantes vem dos arrabaldes, de onde não se pode chegar sem topar em aguadeiro.

As aulas estão suspensas até março. Com mais a chuva da noite anterior a estrada rompeu, próximo à entrada da cidade, numa baixada charco. O carro do diretor do museu paleontológico de Santana do Cariri foi arrastado, sem vítimas, ouvi dizer.

No ponto em que a estrada cedeu, muita gente espiando os estragos. Dois policiais evitam chegarmos à beira da ribanceira que se formou. Caminhões com frutas, verduras e outros mantimentos estão parados antes da cratera, do lado oposto à cidade. Homens jovens e velhos se oferecem para carregar sacos e caixas por algum trocado. Estamos ilhados.

A agência do Banco do Brasil, que funciona de nove ao meio dia, abriu para mais de onze e fechou às treze.

No alojamento em que estou, as goteiras ensoparam o chão de cimento queimado. Trepei as coisas no beliche, por precaução. Os esgotamentos não vazam o volume de água. A enxurrada desgovernada desce lambendo a porta.

Deu na televisão da padaria: o açude de Orós, passados 14 anos sem bordejar marca na barragem, sangra. Por um lado, felicidade

com a fartura de água que já garantiu o abastecimento anual do estado. Por outro, tristeza: os menores açudes estourando, afogam-se as plantações. *Tudo na vida são dois lados.*¹²

Enquanto as emoções em cheia na cidade, na rádio Casa Grande FM, jazz e blues, sem piedade.

.....
12 Ouvi de dona Alda.

Debaixo de chuva, pra aprender

Chove cacau, como se diz na Bahia da chuva a pingos grossos. Meio do dia, meia luz. Devido às nuvens escuras carregadas de cristais translúcidos, o ar sépia exala uma nostalgia sem passado. Fremem as folhas, incensando qualquer lembrança com um odor de terra molhada.

Sábado. Com a visita de Alemberg e Rosiane, o almoço é no alpendre da Casa. Aproveito a fartura, a variedade de pratos, incomum à dieta regrada de bolsista. Sinto um prazer igual quando, época da escola, almoçava em casa de “melhor amigo”.

Alemberg, enquanto mastiga, indaga sobre a semana, e recebe um e outro informe de João Paulo, o austero. Mesmo almoçando, Alemberg impõe ritmo hábil, não perde tempo em luxo de saboreio. À mesa, Rosiane, Mêires, um casal do administrativo, se mais alguém, não recordo, e eu. Súbito, Alemberg grita:

Aécio, pode pegar o baixo novo e colocar ali debaixo da chuva. Enquanto a sala de música não estiver todinha enxuta, limpa e arrumada, ele fica lá.

O baixo ao qual se refere – um Ibanez elétrico, *case* preto de ABS e policarbonato, frisos em alumínio, revestido o interior com pelúcia roxa, novinho – fôra recém-importado.

Naquele dia, Aécio descuidara do seu setor. Na Sala de Música ficam expostos os instrumentos de inspiração indígena, feitos à mão nas origens da tradição da Casa, que foram utilizados durante as viagens com “A Lenda”, o show. Mas Aécio, distraído com novidade, distraído com o presente moderno, refugou passado (talvez) sem se aperceber.

A chuva desce, e pelo rosto de Aécio lágrimas idem. A comida já não desce. O garfo suspenso no gesto da fome, nos entreolhamos um e outro, e àquela cena interminável: no terreiro chovendo forte, o menino para lá e para cá, correndo atrás de pano, a lágrima descendo, a chuva empoçando os minutos, a goteira na sala de música, o feijão verde pocando nos dentes, o suor batendo, o suor batendo...

“Tudo na vida são dois lados”

São desses ditos reditos, com significado mais no tom que no raciocínio. A gente entende o subentendido antes mesmo do intento. O sentido vem mais com o prestígio do pronunciante. Meio praga rogada, meio admoestação, faz fundir resignação com juízo. Mas discernimento que é bom, não vem pronto. O ditado, se não for dissecado na espinha da alma, não provoca cicatriz de experiência. Cada lasca de pele rejuntada no lombo da cultura são camadas de séculos forjando tradição. A quilos de medo, disse o mago de Irará, às vezes se obedece sem razão, pois em verdade ninguém viu o princípio da Lei em seu propósito.

O primeiro ditado incompreendido ouvi de uma professora: “O *justo paga pelo pecador*”.¹³ A classe inteira sem recreio por obra de dois ou três. Culpa, renúncia, pecado: coisas imprecisas de explicar, fáceis de entender, difíceis de engolir. Se a professora sentisse razão, era autoridade, pronto: estava feito e consumado. Pouco adiantava resmungo, desconfiança na justiça ou ressentimento. O aprendizado deveria ser límpido: vivemos encangados. Não há feito sem desfeita, plantio sem colheita. A lição final, o contrário do egoísmo.

No ditado, justo não é o ocorrido, é o próprio dito. Faz justiça já antes de a gente dar pelo castigo. E por obediência ser valor que se cultiva, quando vi, estava em círculo, colocando as estacas do próprio cercado. O graveto, se faltasse, a escola ajuntaria.

Qualquer ato é indo e voltando. No mito, a travessura pode ser a salvação do herói. Na realidade, “o herói, é o cabra que não teve

.....
13 Professora Vera, quarto ano Fundamental, Colégio João XXIII, em Fortaleza.

tempo de correr”.¹⁴ Se liberdade fosse a projeção bruta da flor do sonho, sem lapidação de certeza, por medo não desejava aceitar.

.....
14 “Cidadão da mata”, música de Chico Anysio e Arnaud Rodrigues, álbum *Baiano e os Novos Caetanos*, 1974.

A disciplina

Na Casa Grande as crianças estão ali, moendas no engenho. Com o tempo e aos poucos, alguns sobram assíduos. Decantam. Desejam um nome: “menino, ou menina, da Casa Grande” – assim mesmo, sob alcunha de herança e patriarcado. E no desamparo em limar nome próprio, na distração vão se fazendo, traindo.

A Casa Grande está para todo mundo, mas nem todo mundo está para a Casa Grande, ouvi uma vez.

A Casa Grande é o terreiro indígena, o jardim grego, a praça. Ponto de encontro e lugar de passagem. Ali algo sempre acontece, ou poderá acontecer – as crianças pressentem. Uma vibração casa com outra e um leque de timbres se combinam. A Casa é a lenda musicada. São as crianças em contágio, desbastando arestas, inventando seus motivos, forjando seus instrumentos.

Tem um amigo meu que disse uma coisa interessante, que é assim: como é que fabrica esfera? Pega os pedacin (sic) de ferro e bota num negócio circular que elas vão rolando, batendo uma na outra, tum-tum, tum-tum-tum, até virar as bolinhas, até virar esfera. Então é assim que a gente aprende. Uns ‘batendo’ nos outros até virar esfera, até ficar bem redondinho. (Alemberg)

A gente aqui na Casa Grande vem procurando estar sempre um com o outro. Por exemplo, a convivência. A gente vai crescendo junto. Eu entrei aqui com nove anos de idade. Hoje eu tenho um conhecimento bem maior que esses que estão começando a chegar. Porque esses que estão chegando pegam as coisas já bem andadas: já estão vendo que a gente tem uma TV,

um teatro, instrumentos musicais, o Memorial. Quando eu cheguei aqui só tinha o Memorial e poucas coisas, pouca coisa dentro do Memorial. Fui participando de todas essas etapas, de irem chegando as coisas, e de a gente conseguir.

Isso influencia muito na disciplina, desses primeiros que tiveram contato com a Fundação, porque a gente vem aprendendo a ganhar as coisas e conservar essas coisas. Já esses que estão chegando agora, com as coisas bem andadas, não dão muito essa importância. Mas na medida do tempo que ele vai vendo aqui dentro da Casa Grande, e vai entrando em contato com os outros, ele vai começando a adquirir essa disciplina. Por exemplo, quando a gente chegou aqui na Casa Grande, correr dentro do Memorial era uma coisa que não podia. Hoje em dia, quando as crianças vão chegando aqui na Casa Grande, e começam a correr aqui dentro, fazer bagunça, nós que estávamos na época, no início, a gente vai começando a dizer: ‘Olhe, não pode fazer isso’. Então ele vai começando a adquirir aquela disciplina, já começando a saber que aquilo não é legal porque nós que estamos aqui não fazemos.

Essa disciplina vem muito de Aemberg e Rosiane. Por eles estarem bem ligados aqui, à gente, eles vão começando a sacar o que a gente está precisando. Às vezes a gente faz reunião, abre o debate pra pessoa expressar os sentimentos, fazer perguntas, totalmente assim, coisas que a pessoa está querendo saber mesmo. Então, essa disciplina vem também dessa orientação que eles dão. Todas as crianças, todos os jovens, os adolescentes que estão aqui, têm essa disciplina e vêm procurando repassar pros que vão chegando, e essa disciplina nós vamos adquirindo no dia a dia. Por exemplo, às vezes a pessoa está fazendo uma coisa – porque ninguém é perfeito, erra. Na medida em que erra, da outra vez, quando vem aparecer aquela situação novamente, a pessoa já sabe: ‘Ah, daquela vez eu fiz dessa forma, então dessa vez eu vou procurar fazer certo’. Então é uma disciplina que a pessoa vem adquirindo assim, na medida do dia a dia. A

pessoa vem conhecendo a gente, vem conhecendo os outros e adquirindo isso. (Miguel)

Existiam punições. Qual fôra a minha surpresa. Sob a forma de coerção de uns para com os outros durante os afazeres e as brincadeiras, ou pela suspensão, a disciplina é cultivada sem cerimônias. No limite, devolve-se a farda.

Então aquela pessoa é suspensa de alguma coisa que ela gosta: se eu gosto de edição e eu faço alguma coisa errada, então é apurado aquilo na reunião. Eu vou passar uma semana sem nem entrar na TV, sem nem pegar no equipamento que eu gosto. A mesma coisa com outras crianças: se ela gosta da guitarra, e se ela fez alguma coisa de errado, então ela passa tantos dias sem tocar guitarra. Foi uma forma que a gente mesmo encontrou pra gente ir corrigindo essas coisas. Como, por exemplo, às vezes quando a coisa é mais grave, então você vai passar uma semana em casa sem nem vir à Fundação. É uma coisa interessante que a Fundação e essa disciplina já fazem tanto parte da vida da gente que às vezes a pessoa passa uma semana em casa e fica com aquela vontade de vir aqui. E às vezes também passa pela cabeça dela dizer: ‘Ah, não vou mais, não!’. Mas é uma coisa passageira, porque a pessoa já tem esse convívio aqui dentro da Casa Grande, e diz: ‘Não, mas eu vou voltar.’ Até que volta. Essa coisa de punição aqui na Casa Grande é mesmo só pra neguim (sic) não pisar mais na bola e ver se está fazendo a coisa certa, e depois procurar não passar mais por aquele erro e procurar fazer certo. (Miguel)

No ano trasado [sic] eu fui suspensa dois meses [...] e eu chorei demais quando eu saí daqui, chorei demais. Eu sabia que era o último dia que eu ia estar aqui, e só iria voltar dois meses depois. Eu rodei cada canto dessa casa, cada canto dessa casa, chorando. Isso de noite, seis horas, não tinha quase

ninguém aqui. Eu cheguei ali fora, e até abraçar a Casa Grande eu abracei, chorando, e chorando, e chorando (e eu já tô começando também).

Aí fui pra casa. E me bateu uma raiva tão grande, uma raiva, uma raiva, uma raiva. Foi igual àquela música: ‘às vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais’. É desse jeito. Passaram dois meses, três meses, e eu não voltei pra Casa Grande. Fiquei mais um mês em casa. Não voltei de jeito nenhum. E eu [já] podia entrar, podia voltar. Eu só voltei porque Rita, que é uma amiga minha que está morando em Olinda, veio me visitar, e ela vinha pra Casa Grande, e eu peguei e vim, porque ela chegou. Senão, eu não ia voltar, estava decidida a não voltar. Voltei, mas também não me engajei em nada. Todo mundo perguntava por mim, e ninguém dizia que eu estava suspensa, ninguém dizia o que tinha acontecido comigo, ninguém falava nada. E aos poucos os meninos foram chamando: ‘Samara...’. Ninguém falava comigo direito, aqui e nem na rua. Eles ficam.... Ah, não sei o que é isso, não: tem alguns meninos aqui, se a pessoa for suspensa, ninguém fala. [Alemberg já deu essa lei? Ou é uma coisa que acontece espontaneamente?] Não, não, Alemberg não. Acontece. Alemberg não. Tanto que eu encontrei Tamires na rua um dia desses, ela disse: ‘Ei, Samara, Alemberg proibiu os meninos da Casa Grande de falarem comigo?’ Eu disse: ‘Não, por quê?’. ‘É que eu passo pelos meninos, eles nem olham, eu já parei foi de falar com eles de tanta vergonha que eu fico. Eu falo com eles, falo, falo, falo, ninguém responde, só quem fala de lá [da Casa Grande] comigo é tu e Mães, somente’. Eu ainda lembro o dia que eu saí chorando daqui. (Samara)

Alvinha

Um cajueiro, um pé de seriguela, a pitombeira. Areia fina sob folhas secas ocre laranja avermelhadas – retorcidas, mascáveis – recobrem o terreiro. Três galinhas. A cerca pendendo, o maracujá enramado abraçando o arame ferrugem. O peso das telhas antigas que recobrem a pia rebaixou o alpendre da área de serviço, feito a tronco de agreste, agora em desuso por falta d’água. A parede amarelo pálido descascada há tempo não vê pintura. No varal, panos velhos esgarçados, a farda da neta, dois capotes, uma calçola.

Dona Cleta é sozinha. Viúva, vive da pensão do marido morto, da roupa que lava para fora – se lava – e do doce de leite pastoso vendido em lata de alumínio prata reaproveitada. *Mulher correta, esmerada*, diz o povo. Panelas sempre areadas, orgulho em prataria de latão. Pela manhã, ajunta as folhas do terreiro, varre e cisca no detalhe qualquer natureza morta. O dia todo sequer um respiro. Tanto silêncio na cabeça cheia, haja movimento para faxina de lembrança. Não gosta de conversê, não anda em porta alheia nem debruça na janela. Depois da missa das seis, o rádio burburindo para o modo sono abençoado. Sair de casa, só por necessidade: mercearia, posto de saúde, banco, ou quando algum chamado na escola da neta.

Alvinha, “criloira”. Menina órfã desde sempre, de mãe e pai. A mãe falecera no parto. Pai? Nunca lhe dera confiança, a avó, embora motivo não se saiba. Coisa de santo que não bate, ou soberba, quando motivo não se desfia. Vez ou outra, espia Alvinha da esquina do colégio, o pai.

Tido como frouxo, por emotivo. *Homem não lacrimeja, coisa de macho esquisito, só pode*, sentenciam os amigos. A mãe de Alvinha,

por si, escolheu aborto. Ele fez de um tudo: enxoval, transporte, feira, mimos. Nem assim, nem nada. Depois de morta a mãe, a avó botou para correr o pai.

Inteligente, bem-educada e sagaz. Prestimosa, disciplinada e matreira. Tempo ruim não conhece, Alvinha. Aproveita cada minuto se sai de casa, distante da avó. Amor sufoca. Quando não está na gibiteca, futuca os discos de vinil na rádio, lê os encartes, escuta faixa a faixa, medita não se sabe o quê. Brincar não se a vê. E eu já ia dizer: “Aliás, não brinca nunca”. Nasceu velha. Bicho do mato. Em casa aprendeu a passar tempo em pouco espaço. Tudo a diverte, portanto, no detalhe: a espessura do capim, o formato dos paus, as cores da jacinta, as cascas de lagarta abandonadas, a curuba no dedo do pé, o visgo da vagem de feijão ferida à unha, o caruncho-do-arroz.

Tesouro inutensílio. Em um gradeado feito jaula, rebolado no fim do fim do quintal, em cima de um lajedo de cimento, sob um pedaço de sombra que a tarde esburaca, passa Alvinha horas a fio a cuidado da avó.

“A decepção é o começo do aprendizado”

A reunião no teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas¹⁵ foi por volta das duas da tarde. Reembalar a roda do tempo, cuidar das ocorrências anódinas (materiais sumindo, problemas de convivência), fora mote. De costume, tratar dos perrengues ocorridos na semana, comunicados por telefone a Alemberg. A deduração é tecnologia de formação, controle e disciplina.

O clima parece pesado entre os meninos e as meninas. Durante a reunião, um menino suspenso, outros dois repreendidos: se pegos outra vez, devolveriam a farda – o que significava não serem mais membros da Casa. Apesar da tensão e do jogo de acusações recíprocas, Alemberg entremeia reprimendas e histórias engraçadas, que fazem rir alguns – distendendo a contração do momento – e envergonhar outros. Humor jocoso, à moda indígena, evoca. Desvaloriza o disse-me-disse: ouve as razões de cada qual, os comentários de um e de outro, e impõe ritmo à conversa, sem se demorar demasiado em problema, a ponto de inginjo. Por surpresa, parece haver um tal nível de vínculo, que a assunção resignada às sanções, à pilhéria e à ordem não parecem ressentir. A mim, não me parece. Talvez, como na Bali de Geertz, ser caçoado é ser aceito. Vai saber. O tempo quem sábio.

O caso era que o paraíso de liberdade e autonomia, como havia imaginado à primeira vista, sustentava-se em austera disciplina. Um sistema de hierarquias (envolvendo idade, tempo de Casa, modos e conhecimentos) garantia ordem e progresso à Fundação. Serem as crianças e os jovens responsáveis pelo cotidiano da Casa facilitava o

.....
15 Equipamento localizado na Fundação Casa Grande.

engajamento, tanto quanto a incorporação da regra. Com o aprendizado vivido no cotidiano, a disciplina está no “toque” que se recebe como uma sugestão útil. E a regra é a forma legítima da experiência prática em acúmulo de responsabilidade. O contrário de um ensinamento protocolar, genérico e desprovido de sentido.

À noitinha, jantei na cantina, com a simplicidade de Aureliano, e os assuntos surgindo, um puxando outro, feito rosário de contas.

Da tortura do pertencimento

Em sociedades ameríndias, os rituais de iniciação seriam uma maneira de marcar o ingresso dos jovens na vida adulta. Eixo essencial, em relação ao qual se ordenaria, em sua totalidade, a vida social e religiosa da comunidade, a partir de uma “tríplice aliança”: a lei, a escrita e o corpo.

Apesar das diferenças que se possa encontrar entre tribos e regiões, quanto a uma diversidade de técnicas, sortidos meios e objetivos explícitos na iniciação, a meta será sempre a mesma, afirma Pierre Clastres: provocar o sofrimento e deixar uma marca indelével no corpo.

A função do sofrimento seria aferir a força e a resistência de um membro, propiciando-lhe a oportunidade de demonstrar seu valor individual. Talvez não se possa negar a demonstração de coragem pessoal em querer, e suportar, rituais como os dos índios Mandan, segundo testemunhou, horrorizado, George Catlin: “Um a um, os jovens, já atingidos por quatro dias de completo jejum e por três noites insones, avançaram em direção aos seus carrascos”. (CLASTRES, 2003, p. 199) Ou rituais como os dos índios Mbayá-Guaykuru, do Chaco Paraguai, nos quais os guerreiros, ao alcançarem idade de admissão, suportam dores intoleráveis, chegando o torturado a desmaiar em silêncio diante dos suplícios a ele infligidos com um afiado osso de jaguar, perfurando-lhes o pênis e outras partes do corpo. (CLASTRES, 2003)

Entanto, a tanto sofrer subsistiria algo, após a iniciação, quando “esquecido” todo sofrimento. Um saldo irrevogável, a tribo compensaria aos jovens, pela marca: a sociedade se imprimiria no corpo

dos jovens, proclamando com segurança o seu pertencimento ao grupo.

Através da vitória sobre o sofrimento, os jovens acederiam como membros *integrais* da comunidade, e o segredo que lhes seria revelado através da iniciação seria o próprio sentido da iniciação, consentido através da marca da dor. As sociedades ameríndias inscreverem sobre o corpo a marca da lei consagraria sua forma de garantir que nunca esquecessem o fundamento da vida social da tribo: a igualdade.

Sois um dos nossos. Cada um de vós é semelhante a nós, cada um de vós é semelhante aos outros. Tendes o mesmo nome e não o trocareis. Cada um de vós ocupa entre nós o mesmo espaço e o mesmo lugar: conservá-lo-eis. Nenhum de vós é inferior, nem superior. *E não vos podereis esquecer disso.* As mesmas marcas que deixamos sobre o vosso corpo vos servirão sempre como uma lembrança disso. (CLASTRES, 2003, p. 202-203, grifo do autor)

Apesar do terror que a lei pudesse inspirar aos jovens ameríndios, as marcas que *desejavam* ter, como vontade pessoal de cumpri-la, significaria, em verdade, a igualdade entre todos. “Tu não terás o desejo do poder, nem desejarás ser submisso”. Do ponto de vista da tribo, seria a forma de conjurar a lei, uma lei separada, distante, despótica, a lei do Estado. Seria *contra* essa forma da lei que a lei primitiva se interporia. “Admirável profundidade dos selvagens, que de *antemão* sabiam tudo isso, e procuravam, ao preço de uma terrível crueldade, impedir o surgimento de uma crueldade ainda mais terrível: *a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível*”. (CLASTRES, 2003, p. 204, grifo do autor)

Aquela alegria

Às vezes a gente sente falta daquela alegria que a gente sentia de ter a Casa Grande. Mas não era por ter todo esse equipamento que a gente tem, de última geração e tudo mais. Às vezes eu sinto falta da alegria que a gente sentia quando tinha só a Casa Grande, só aquilo ali [apontando para o Memorial] e uma amplificadora véia (sic) pendurada em cima da casa, quatro cornetas, o amplificador ali embaixo... Eu sinto falta disso. Eu acho que no sentido de organização melhorou muito, mas eu acho que a mudança maior da Casa Grande não foi esse equipamento todo que a gente tem aqui. Muita gente chega aqui e fala: ‘Ai, nossa, vocês estão com esse teatro, nossa, vocês estão com isso, nossa, ai meu Deus’. Juntando tudo isso que tem aqui não compra a alegria que eu tinha quando era só aquela casa ali. Eu sinto falta. [Do quê?] Eu não sei, as coisas eram mais simples, era tudo mais fácil, eu não sei explicar, mas eu me sentia mais feliz, eu fui mais feliz. Eu acho que a Casa Grande apagou, sabia? Depois disso aqui – pra mim não, mas pra muita gente –, ela ficou mais apagada [...] Sei lá, era uma alegria, assim, que hoje em dia eu não sinto. Não sei te explicar não, é sério, eu só sei sentir. Tudo era tão importante pra gente aqui, ave Maria... Sei lá, acho que era melhor do que minha casa, eu me sentia melhor do que em casa. (Samara)

“Tudo na vida são dois lados”.

“Ordem e progresso”

Na Casa Grande existiu esse momento [de espontaneidade] que você está dizendo. Existiu esse momento, por exemplo: a sessão de cinema, a brincadeira de bila... Hoje isso acontece naturalmente. Na época foi preciso a gente trazer essa brincadeira de bila que era feita no meio da rua. Pra isso a gente organizou um campeonato de bila. Isso era dizendo que a Casa Grande gostava de folguedo popular, infantil, e trouxe o jogo de bila pra dentro. Hoje isso acontece normal, não precisa mais fazer um campeonato de bila. Pra isso a gente usou a câmera, pra mostrar o campeonato de bila; pra mostrar a bandinha de lata, o festival de banda de lata. A câmera, o elemento audiovisual, entrou, e entra, como elemento de valorização. Filmar, ser filmado, entra como um momento em que a criança está se sentindo importante. Não precisa mais eu filmar o menino jogando bila pra dizer que a Casa Grande tem o jogo de bila como uma coisa bonita e importante. Porque chega uma pessoa de fora e talvez chama mais atenção um jogo de bila do que uma câmera que os meninos estão mexendo no laboratório. A sessão de cinema, a gente botava a TV lá na frente e passava pra comunidade no lado de fora. Era a infraestrutura que a gente tinha na época. A gente ia na rua porque também era a infraestrutura. Mas aquilo tudo era pra convergir para um momento mais maduro, que era ensinar a ir ao cinema.

Se você pegar a cultura hoje das pessoas tem sido assim: a maioria da população do interior do Brasil assiste show no meio da rua, ou em bar. Quando é no meio da rua, foram os políticos que trouxeram, a prefeitura que fez um show no meio da rua; quando é em barzinho, quando não cobra ingresso, está vinculado à bebida. Então esse ato de a pessoa vir ao cinema da Casa Grande, se comportar, aquelas vinhetas que dizem ‘dentro

de poucos instantes...? Aquilo tudinho é didaticamente ensinando a pessoa a conviver com um ambiente intimista, de educação mais refinada.

Hoje, o ato desse menino, desde subir a tela, de organizar a sessão, de lazer no Teatro Violeta Arraes, existe um aprendizado pelos dois lados: um aprendendo a ser plateia e o outro aprendendo a ser produção. Há nesse momento um lazer enriquecido de pedagogia, enriquecido de uma didática, do ensinar. Há um processo pedagógico [que] não é só a questão de passar filme pra comunidade. Mas quando o menino falha, só porque na hora de passar o filme não saiu som. Nem tem nada demais, né? Tem sim. Aquele menino do som, naquela hora, falhou. Aquela pessoa que era plateia, na hora do filme, fez o quê? Ficou conversando o tempo todim (sic), atrapalhando? Então há um aprendizado dos dois lados. Nós estamos num momento onde esse aprendizado refinou, e o interessante é que aconteça isso. O 'refinado' não significa excluir, porque a contrainformação trabalha no sentido contrário. Quando se diz: eu vou tocar música brega porque o povo só gosta de brega na rádio. Pelo contrário, a gente vai por outra concepção. Bota uma tela ali, não precisa comprar um telão de 700 DPI de resolução; não, compra qualquer coisa, bota aí qualquer coisa e bota pra esse povo. Traz qualquer filme, bota só filme de kung fu. Não, há um interesse maior em aprofundamento. Não é que a Casa Grande modificou, é que a gente caminhava nesse sentido e vem caminhando nesse sentido. (Alemberg)

Eu vejo com naturalidade. A Casa Grande não tem se engessado, não. Eu não tenho sentido esse engessamento. Eu sinto os meninos bem livres mesmo. Você vê que os meninos estão aí, correndo, vão fazer o programa de rádio, às vezes nem lavam as mãos, é preciso a gente brigar, corre, vai lavar a mão pra poder fazer o programa. Eu vejo que a Casa Grande continua lúdica, igual ela iniciou. Acho que é a forma de gestão que a gente criou aqui dentro, essa forma de cada jovem, cada menino, gestar. Então

a coisa é sempre lúdica. Esses dias chegou uma criatura querendo falar comigo e disse: 'Porque eu estou querendo conversar, vamos pra sua sala'. Eu estava ali perto da cozinha e disse: 'Não, vamos sentar aqui mesmo.' Porque não tem essa sala aqui, pra ser a sala dos diretores, que dá aquela coisa formal, esse espaço reservado, não tem isso aqui na Casa Grande. Às vezes a gente quer um lugar pra ficar, pra conversar, bater um papo, e os meninos ficam aí. (Rosiane)

O medo e a admiração

Alguns deixarão a Fundação pela porta de trás, se disse. Entretanto, vínculos duram, perduram, insistem. Resta saber se haverá a conversão do sofrimento ao modo de algum *amor fati* valer a pena.

À Casa Grande coubera a metáfora da tribo, para o bem e para o mal. *Da Casa Grande*, como se herda um sobrenome, as meninas e os meninos nunca deixarão de ser. É o provável. Experiência marcada no corpo. Corpo como *resto* da experiência.

A pessoa se cria no amarrado com a vida. Não há de ser cumprimento de regra, simplesmente. Um olho na regra, outro no desejo. A força quer expandir, mas não tem precisão antecipada de forma. Atravessa a tendência, molda o jeito, e a pessoa existe e reexiste. A lima do tempo trabalha no corpo da gente. Feitos e feiti(ç)os. É se colocar no milagre, acreditar no conjunto, e praticar a generosidade. Um punhado de gente fia fantasia. E sorte também. Às vezes, de uma coisa, nem se sabe, virá outra. Enfiando as ocasiões e as circunstâncias, a finalidade se ajusta, sem perder matéria-prima.

A vida na Casa é a vida toda. Se a vida de criança for brincadeira, a Casa é regra. Se a lei *dura lex* for realidade, a Casa é lenda. Misturados, casa e sina, cada qual que se haja. E de tudo é. Porque não se sabe o ressonado da sabedoria sem o azedo no estômago, os cotovelos descarnados, as ronchas. Emoção de virar gente é coisa sem nome. Explicar não assunta.

No dia a dia da Casa, uma tensão superficial provoca a obediência, incluindo ameaças de deduração. No cotidiano, o compromisso se contrai coletivamente. Entre eles, a lembrança do compromisso

é reiterada na visagem incorporada do mito, na pessoa moral. Medo e admiração, a voz da lenda inspira.

O medo e a admiração acometem interiorizar a disciplina na lida diária. Desenham contornos de pessoa matizados à regra. São elos inconfessos que lapidam o espírito na viração do tempo, na carne das gentes. Arte e ofício de convivência circundam, feito assombração, as meninas e os meninos. A disciplina é o enigma em que se decifra a si mesmo. Compromisso repactuado ao nascer do dia. Quando possível.

“Qual o caminho?”

Havia sido Samuel quem perguntara. Parecia coisa ensaiada, redigo. Na Reunião Formativa, momento híbrido entre o segredo e a iluminação, o profano e o sagrado. Agora outro mote em modo entrevista, refaço a pergunta: daqui por diante, qual o caminho?

É como o amanhecer do dia, o chegar da noite. A gente sabe que existe, mas não sabe como vai ser. Eu também não tenho resposta. Essa interrogação eu estou vivendo e esperando, pra ver qual o resultado. Uma coisa que talvez não esteja vivo pra ver no que deu.

Você imagina: pense em momentos de sua vida que foram marcantes. Eu penso na minha e não é dez por cento dos momentos marcantes que esses meninos estão tendo na vida deles. E em mim os momentos marcantes me fortaleceram pra vida de adulto. Eu espero que esses momentos que a gente vive aqui contribuam. Você viu o vídeo da chegada dos instrumentos pra eles? Se tiver a oportunidade, veja, pra você ver! Eu não estava aqui. Mas eu lembro quando recebi meu primeiro Forte Apache [risos].

São coisas que a gente tem procurado aqui na Casa Grande: criar um espaço onde eles possam fazer, como Zé Geraldo disse, escrever sua história com as próprias mãos. É um espaço pra isso. Eu não sei dizer, francamente, onde eu quero chegar, onde é que isso vai chegar. Não sou eu que vai responder. É o tempo. Cada um tem aquela coisa: o eu, o que aconteceu e a leitura que fez daquilo entre o eu e o que aconteceu. Como aquilo entra, e vou usar de uma forma que vai me beneficiar.

A Casa Grande é uma só, mas cada menino desse é uma Casa Grande. Tem meninos que talvez isso aqui não vá influenciar na vida deles. Tem outros que vai. Tem uns que influenciará de uma forma, tem outros que influencia de outra. Cada um vai ter um pedaço do que foi a Casa Grande.

Na realidade, a Casa Grande vai ser o quê? Vai ser um quebra-cabeça de todos esses pedaços. Pegando um e outro, se vai mais ou menos ter uma ideia do que foi a Casa Grande, do que foi esse período.

Todas as coisas são cíclicas. O Renascentismo, a década de 70. Aquilo nasceu porque era aquela época. Você pode pegar todos aqueles elementos em outra época e não terá o ambiente pra nascer. Está havendo o ambiente pra isso aqui, nesse tempo. Não sei se no futuro a Casa Grande vai ter esse mesmo momento.

A gente está procurando criar uma cultura, pra que essa cultura, no futuro, em época de trevas, possa conduzir até épocas de luz. Porque tem horas que a cultura é o piloto automático. A cultura é o piloto automático que conduz a gente num período onde tudo está turvo, até chegar o momento em que o dia nasce novamente, a luz do sol nasce novamente.

Eu acredito que chegue um ponto aqui – tendo o prosseguimento do projeto e a cultura do projeto – de sentar um menino dessa primeira leva, já velho e arrodado de menino, pra dizer como era Alemberg, como era naquela época. Está sujeito a acontecer isso de ‘Eu vivi na época em que ele estava aqui na Casa Grande’. Até chegar determinado ponto e dizer: ‘Não, ele não faria assim num problema desse, ele iria assim’.

Enfim, está sujeito a acontecer. Porque a gente está aqui, e está ficando um patrimônio. Vai ser outro tempo, porque os meninos que não conheceram vão tentar reeditar esse tempo, como Elomar reedita a Idade Medieval. Hoje em dia só o que existe é a arte reeditando. A gente mesmo, o show A Lenda é a reedição da música da pré-história, como foi naquela época.

Agora, o que eu acho interessante para o futuro vai ser a permissividade que existiu. O que era permissível naquela época da Fundação. Essa abertura que nós temos, que não é só aquela coisa trancada, só cultura nordestina. Vai se encontrar, já no passado aqui, os meninos tocando blues, jazz, convivendo todas essas coisas aqui, todo esse leque de coisas convivendo de forma harmônica, sem nenhum ranço cultural, sem nenhum ranço purista. Acho que isso vem a ser uma abertura pra eles. (Alemberg)

O Barão do Infincado¹⁶

No Infincado existiu um homem por nome Barão do Infincado.

A casa do Infincado, de tão grande, media uma tarefa por metro quadrado. O Barão do Infincado era um homem muito ruim. Há várias pessoas enterradas nos alicerces da casa, que ele enterrou.

Diz a história que ninguém nunca saiu de lá com dinheiro, mesmo quem trabalhava pra ele. O engenheiro, construtor da casa, foi chamado do Recife. Quando recebeu o pagamento pela planta da casa, o Barão do Infincado mandou jagunços emboscarem e matarem o engenheiro no caminho, e trazerem o dinheiro de volta. Dinheiro do qual nunca usufruiu.

Conta a história que um negro, seu escravo, foi obrigado a carregar uma pedra enorme de paralelepípedo (ainda está lá a pedra) numa distância tão grande, tão grande, que ao soltar a pedra no chão, caiu na calçada, botando sangue por todo buraco.

Ainda hoje existem as argolas onde o Barão amarrava os escravos.

Antigamente, quando se morria, pegava-se uma rede de dormir, botava-se um pau no meio e levavam o corpo para enterrar no povoado. Quando o Barão do Infincado morreu foi assim, levaram ele em uma rede, para fazer o velório à noite. No meio do caminho, reza a lenda, apareceram dois negros se oferecendo para carregar a rede um pouco do caminho. Caminharam, caminharam, tirando passada rápida, e sumiram à frente do comboio. O corpo nunca chegou ao cemitério, e ninguém sabe onde foi parar. Acredita-se que o Cão veio pegar, pra levar pro inferno.

.....
16 Transcrição adaptada da Reunião Formativa. Narração: Alembert Quindins.

É parecido um pouco com a história do samurai, de Kurosawa. Essa lenda do Barão do Infincado já foi filme, *Lua Cambará*. E Ronaldo Brito fez uma peça sobre *Lua Cambará*, que conta essa história.

A escrita e o tempo que se “perde”

À noite, feito o silêncio na Casa, recolhido ao alojamento, escrevo na cama de cima do beliche, quando sobram força e palavra. Interrogo o papel, raciocino em ato de escritura. Cirzo sujeito em texto.

Exausto, insone e confuso, escrevo frases soltas, raciocínios estanques. Observações aleatórias, rabiscos, tentativas de enlaçar uma ideia em propósito. Uma desconfiança persiste, rasteira. Se soubesse a razão, menos mal. Em silêncio talvez o saiba.

Silêncio da madrugada adentro, minutos a fio, conto as horas para decantar ideia a ponto de coagem. Fito as telhas longo tempo, imóvel, até letra alguma surgir. Espero ser tomado. Objetivo: fugir do excessivo engajamento com o campo. O barulho do ventilador, sempre ligado, apesar do frio, é o ritornelo ao redor do qual as estrofes do diário podem surgir, e surgem. Vêm com vozes-sem-som. Apenas imagens, forjadas atrás da cabeça, pouco acima da nuca. Consinto, não penso, deixo o tempo falar: maneira menos espinhosa de se haver com inevitável: o tempo que se perde.

Persisto imóvel. Enquanto escrevo, lembranças surgem. Leituras, vozes, imagens, acontecimentos. Ganham forma no branco da página, através das linhas. Como se um negativo, sensível à luminosidade essencial da experiência, quando impresso, revelasse o intervalo exato, o *frame* entre presente e passado.

Performo uma escrita pouco profunda, enxuta, para não cortar o fluxo da reimaginação. Perseguindo, contudo, alguma precisão de palavra, procuro limpar a pretensão em traduzir, ao modo *ipsis litteris*, experiência em texto. Senão estanca, empobrece.

Escrevo sem fé. Escrevo até chegar o tônus ideal: espécie de tensão superficial entre a epiderme da experiência e o osso da palavra. As camadas de memória, enquanto vão se plasmando entre si, atravesso com a ação subcutânea da caneta. Um fluxo que não é automático, tampouco completo consciente.

Limo a teimosia das lembranças voluntárias e os devaneios de ocasião.

Decantados os registros mais pessoais, que não raro exprimem nada além de mesquinhas, empolgação ou obliteração momentâneas, mantenho o *resto*.

TERCEIRO MOVIMENTO

O clinamen
da experiência

CLINAMEN –

*Esta palavra designa o desvio espontâneo que,
no sistema de Epicuro,
permitia aos átomos que caíam no vazio
encontrarem-se e aglomerarem-se,
em virtude de seu peso e velocidade iguais*

[...]

*O clínamen era ao mesmo tempo
o princípio do livre-arbítrio.*

(André Lalande)

Anação

Em Nova Olinda, a casa azul encurvara o destino da maldição. Há quem veja uma nação crescendo em torno dela, com hino e bandeira, como gente cresce arrodada no umbigo. Uma nação sem país religando as gentes por princípio de violência legítima. Apesar das bordas da lei, permaneceria inaudível, mas pressentido, o coração selvagem – uma anedota contra o perigo, um totem, uma forma de abrigo.

Foi do mal-assombro que a Casa renasceu. Do nevoeiro obscuro acedera o enquadre dos tempos modernos, renomeando a agonia dos seus fantasmas sob a insígnia “Morada das Lendas”.

De um jeito ou de outro, toda moeda é dupla face. Ou por outra, a fé laica do velho continente desencantado não fôra suficiente para aterrar a eletricidade anímica do selvagem Segredo.

E quando o sol rebrilha, e o vento do vale farfalha na folhagem das sumaúmas, revigora o espírito da floresta no coração do Ocidente moderno.

Antônio Maranhão

O sol rebate vazando nas folhas, projetando buracos de luz nas paredes. Nas janelas altas da gibiteca, um pau que serve de tranca, ao modo de não deixar bater. Pela brecha carcomida da janela verde-água avisto um senhor, cabelos brancos tocando os ombros, descalçado, bata branca, calça branca, couro vivo, avermelhado a barro. Debruçado sobre um livro, defronte a uma estante baixa, está sentado em uma cadeira de madeira e assento de couro de bode. Fico de longe, observando. Chego a filmá-lo escondido, enquanto lê. Não resisto à trapaça de lhe roubar a imagem, permanecendo o hiato do encontro.

Antonio Ferreira Lima, o primeiro dono da Casa. Foi quem talhou primeiras marcas, fez morada ainda quando era ruína. Desenhava nas paredes dos cômodos, rabiscava poesias. Dos tempos alegres, de cantorias, de histórias debulhadas no terreiro, repleto de gente, fôra um dia cercado de amigos e parentes. Não tenho bem a certo qual parentesco com Neco Trajano.

Mas viria tempo trágico, coisa de honra, de gente mordida, traída, comum no sertão. Gente sorridente na fuça, indiferente no coração. Indiferença que a religião consente, cada qual a carregar a própria sina. Descansara de conflitos e da consumição mortal. Desde então, só falaria com plantas e criaturas sem pecado.

Contam que desandou quebra de rumo na vida. Aquela viração que um dia chega, da qual se padece sem escolha – por orgulho, susto ou incompetência de herança. Transmutação de esperança em fatalidade. Na família foi motivo de vergonha. Essa coisa vivida diante dos outros, feito glória, sendo no sentido contrário, a perigo de

morte, desilusão ou tresmalho. Ficara embotado de clamores, vasto em mistérios. Homem rijo, terreno, abrupto. “Atempo”.

De pertences, um pote de barro, uma rede azul xadrez de punhos brancos e um magote de peças de roupa, todas brancas. Despoja tudo enquanto a civilização enjeita. Quando em tempo de seca, caminha nas veredas carregando sacos de sisal na cabeça para dar de comer à criação. Alimenta formigas, de coração.

Em caminhada pela cidade, as pessoas o cumprimentam, com alguma reverência e desconfiança. Para a maioria, é doido mesmo. Figura alegórica, serve de chacota, faz medo, sobretudo às crianças. “Quem conversa com doido é mais doido ainda”, ouvi de uma delas.

No interior do Brasil, dizer “ruim da bola” é jeito de não dar valor sem deixar de reconhecer.

Um sonho?

Rasga os lábios um contrário de suspiro, um deleite. Meus olhos redondos, tocados em claridade, percebem manhã na orla dos velhos tempos. Transluz por eles o reflexo de uma lagoa castanho-escura. Venta, porém seco, quase áspero e doce. Tudo a descobrir, tudo a fazer. Mexer as coisas, sacudi-las ou arremessá-las. Sentir o peso, o volume, a vibração táctil. Acudir a curiosidade com o saboreio canibal de criança.

Algo estranho teria acontecido. Uma placa viva de afecções, com a sensibilidade convertida em tentáculos, é o que me tornei. Carne não. A ideia de continuidade e a dessemelhança combinam. Uma espécie de troca de pele.

Sabe-se, indígenas da América do Sul, ao avistarem aquela gente vindo por cima das águas, pensaram ser xamãs-profetas tupinambás, os karaiba. Segundo se diz, tal gloriosa confusão se deu, não é certo, pela “tez dos marinheiros normandos, mais clara que a dos portugueses, e seus cabelos louros”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2003, p. 202 - 203)¹⁷

Nas dobraduras do pequenino corpo, grãos de areia vêm se aninhar. Sinto-os cada um e me divirto. Entre árvores frondosas altíssimas, luzes de tons variados e incidências diversas. Estou descalçado e seminu.

Frio, e o vento bravo. Poucos passos na rua, muitas portas e janelas ainda fechadas. A padaria, o mercadinho e a venda na rua de

17
“O tema da pele muito branca de Maíra [nome de um importante demiurgo tupinambá] aparece em algumas mitologias tupi, estando associado ao motivo da imortalidade obtida pela troca de pele”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 203)

cima, detrás da igreja, estão desde cedo à serventia. Azul o céu e brancas nuvens. A saturação da luz se elevará, incontida, até o pino do sol. Som algum se ouve. Uma música distante, talvez, um motor de carro passando na rodagem, o pneu da bicicleta mascando a piçarra no calçamento.

Submergido na areia, sob um tronco roliço feito banco, das narinas sinto escorrer uma secreção larvar, incandescente e transparente. Só os olhos ressaltam da terra, feito um jacaré pantaneiro. No mais, não há corpo.

Súbito involuntário, corro irrefreado entre as crianças, fazendo algazarra no terreiro, tão íntimo, tão nativo, tão impessoal.

Mito e *capilogênese*¹⁸

Imanência entre lendas, vivos e mortos. A Casa Grande é a encarnação de um universo sagrado, animado pela aura mágica da mitologia Kariri.

Desencantada, a Fundação é a encorporação transubstanciada da cosmologia Kariri em médium moderno, o mundo semidespido dos mistérios contra a *cultura de vidro*. O místico secular e o mito histórico, feixes que deslindam o contemporâneo da Casa no reino transcendental e selvagem da vida material e mágica. O sagrado e o profano fizeram traço de argamassa, e a Casa ganhou conjunto e alicerce. A imagem de mundo revelada na mitologia Kariri orienta táticas e tecnologias de aprender ser. Na conservação do mundo encantado dos Kariri, a atuação de cada um e de todos(as) ganha sentido além de agora.

Consagrado às divinaturas, o espírito da Casa, duas naturezas em uma. A instituição racionalizada, modelada por objetivo de resultado e prestação de contas, não abafaria o reino de Maracaimbara. Os ecos da voz da Lenda, o fundamento cosmológico do sagrado encantatório no cotidiano. A ancestralidade cosmológica dos Kariri é o sumo inconfessável da organização secularizada. O caráter contemporâneo da Fundação é o seu anacronismo – nos valores e nos métodos. Para o bem e para o mal.

Mergulhadas na mitologia, as crianças pressentem um caminho. Para ganhar farda, fazem corpo presente, interesse no fundo dos olhos. Na “escola de comunicação”, a tradição oral dos Kariri é sua

.....
18 Ver: Tom Zé, DVD Jogos de Armar (2001).

pré-história. As lendas, o território atual onde cultivam a ancestralidade. A revivescência ancestral da diáspora caraíba em busca da Terra sem Males?

Na Casa, o mito é fundamental no alvorecer da pessoa e no temperamento das coisas. Sonho bordejado na Lenda, o suporte espiritual doa fundamento à rotina, às tecnologias, aos equipamentos e aos projetos. O imantado da força que a Casa vibra faz de um tudo virar Cosmos: a miséria, a cidade, o trágico, a infância.

E para sentir se a coisa entranha na *capilogênese* da cultura, essa ilha oásis no meio do sertão há que se ver em paradoxo: proteger-se do caos das forças bárbaras sem barrar a alteridade que trai, e atualiza, suas fabulosas origens ancestrais.

Nem arcaico, nem moderno

“Os historiadores da literatura e da arte sabem que entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto, e não tanto porque as formas mais arcaicas parecem exercitar sobre o presente um fascínio particular quanto porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico. Assim, o mundo antigo no seu fim se volta, para se reencontrar, aos primórdios; a vanguarda, que se extraviou no tempo, segue o primitivo e o arcaico. É nesse sentido que se pode dizer que a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la. [...]. A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos”. (AGAMBEN, 2005, p. 70)

Outro encontro com Antônio Maranhão

Em frente à porta, era o sol amolecer, colocava sua cadeira de ferro, oval, pés em “v”, assento e recosto a fios de plástico macarrão, muito comum no Ceará antigo. Feições delicadas, seu Antônio foi dono de hotel e cozinheiro. Viajou muito, teve “tudo do bom e do melhor”. “Até motorista eu tinha”. Diz não saber como ficou assim, só uma casinha em uma cidade nos confins.

Do nada, vejo se aproximar seu Antônio Maranhão, caminhando pela rua em nossa direção. Pergunta de onde eu venho. Talvez por fírgula de agrado, faz loas a Ruy Barbosa, recitando sua biografia. Pede permissão para declamar versos mais longos, do próprio Ruy. E Casimiro de Abreu, “o maior poeta brasileiro”, Sócrates, Diógenes, Ana Neri e Solano Lopez, por quem reza todos os dias. E Castro Alves, Alberto Torres, Bárbara de Alencar. Pergunta o que fazer por mágoas guardadas, entanto sem interesse de resposta. Sorte minha.

Declama histórias da vida do Visconde do Rio Branco, e as últimas palavras do poeta Augusto dos Anjos, quando pediu à mãe, crucifixo empunhado no leito de morte, que orasse à Virgem Maria. Emenda perguntando se acredito na Virgem e em Buda. Outra vez, não demorou interesse de resposta.

Antes de sair, revela ter “dez ou oito opiniões”.

Não ando calçado, só durmo em rede com avarandado, não caso com mulher negra, não ando no Juazeiro, não janto feijão, nem como em mesa sem toalha; só ando de branco e bebo água só em copo de vidro.

E não mais o veria.

Dona Santa

Costume indígena passado para o caboclo, a queimada pra replantio. Caminho uns vinte minutos andando, meio do mato, entre cinzas e tocos. Próximo às galhas de um frondoso juazeiro, ressequido e morto, encontro dona Santa nos beijos de um filete de água que desce da serra, onde planta feijão. Veste um vestido com estampa florida de florzinhas pequeninas, a fazenda brilhosa de elastano, o cinto idem, preso à roupa por uma pinça nas costas e nas laterais. Finalizada a limpa do feijão, amarrava umas varetas catadas no alto da serra, para conserto da cerca do quintal, caída com as chuvas. Tomo a braçada de varetas que iria levar na cabeça, e caminhamos, pino do sol, de volta à casa.

No quintal, organizado e limpo, alguns porcos enchiqeirados chafurdam suspensos em um alto de pedra, de onde se avista o sol pôr-se detrás da serra. Paisagens vastas, cimos, horizontes distantes a mim apaziguam. Há uma modesta horta trepada numa cama de gravetos e um fogão a lenha feito de barro, sem usufruto. Um pilão em que tritura o arroz, café e milho. Um pé de goiaba, outro de seriguela.

Dona Santa passou café de milho. Estranho o gosto. Almoçamos feijão, batata do reino cozida e carne assada com cebola.

Dona Santa mora com a filha caçula, Antoniete, trinta e poucos anos. Evangélica, longos cabelos castanhos, largada pelo marido, maldiz o povo, com a trinca de filhos. Dona Santa, setenta e poucos, viúva, “morreu pra vida”, revela orgulhosa. Falecido o marido, primeiro e único homem, nunca viria a conhecer outro. Branquíssima, com o sol diário na lida com a roça, sua pele está áspera e engelhada como um envoltório de batráquio carcomido pelo fogo. Os cantos

da boca descarnados feito frieira me fizeram lembrar seu Nô, amigo pescador da Peroba, no Icapuí. As pernas arqueadas em parênteses dificultam o caminhar. Dona Santa é sorriso e vitalidade à beça.

Jus ao nome, rija com a moralidade, dona Santa disfarça. Sente dó pelas filhas mal amadas, mas não justifica abrir guarda para maledicência do povo. Às filhas, tudo o que pode. O que não pode, aos netos: Charles, Viviane e Cyntchia.

O Latão, onde mora dona Santa, dista cerca de meia hora ao norte de Nova Olinda, caminho de Assaré, terra do poeta Patativa. O transporte em carro de lotação custa um real por pessoa, e mais uma caminhadinha meio do mato. Fomos a passeio, dona Rosalva, o filho, as filhas e eu.

Dona Rosalva, as filhas, o filho

Desde o combinado da chegada, frequento a casa de dona Rosalva. Sem dar por tempo, conversamos, ela mais que eu. Entre o vai e vem na cozinha e a onomatopeia dos objetos, vai-se dedilhando os gomos dos temperamentos. Falamos tudo enquanto. A cada dia cavoucamos o terreno das coisas vividas, fertilizando confiança e intimidade.

Em casa, como se não a tivesse, dona Rosalva nunca descansa, nem se sabe se dorme. Atormentada, sobressaltada da vida, não se apazigua, nem com oração. Frequenta culto. Sua religião é ramo da Reforma Protestante, ramo desencantado, efeito de contenda entre católicos e huguenotes na Europa do século XVI. Frequenta mais por força de colocar as filhas em caminho reto e se distrair, olhar o povo, a moda, e sentir se com ela alguém se importa. Não é fácil mulher “largada”, como dizem por aqui, criar moças. Sem rédea de pai bruto dentro de casa, a moça não se enxerga, diz a língua do povo. A mãe matuta, ingênuo, a filha considera.

Rosalva tem pele quente, vive aperreada. Pensa tanta coisa. Mas as filhas se aporrinham do cuidado. Para elas, excesso é fissura de mente vazia, em projeção para pecado. A mãe as esculhamba diversas vezes ao dia.

Santinha, a mais danada, namora José – dezesseis anos, família bem colocada na cidade, mas sem pompa de tradição. Toda noite, ao pé de Santinha, namoram na calçada. Sentam-se defronte à varanda de cimento queimado cinza, a mãe postada.

É a preocupação maior da mãe, Santinha. Pressente desaforo. Afoita, destemida, a menina. Pulseirinha ouro dezesseis, um sorriso

e uma indiferença tranquilos. Ao contrário da mãe, é do tipo que nasceu apaziguada com os infernos, seja o que for. Das cadeiras na calçada olham a rua, conversando miolo de pote, sentindo o vento dar.

O caçula, Charlesson, está com onze anos. Único, entre os quatro. Charlesson é magro e arredio, orelhas baixas, desconcertado do espírito. Cabelos lisos castanhos, talvez constasse pardo em certidão. Um pouco alto para a idade, pés grandes e andar desengonçado. Traquino, um terço de rapaz fazendo para homem. A inocência esmaecida trai um sentimento inconfesso de responsabilidade. É o “homem da mamãe”. *Meu cabrinha*, ela diz.

Quando chegaram a Nova Tapera, Charlesson não enturmou. Na escola não deu costume. Havia quem dissesse: “Quem nasce pra cangalha não dá pra cela”. Escola é mundo, educação é juízo. Difícil seria manter o menino ali sentado, por força maior de obrigação, despido o interesse.

Quando saio da casa de dona Rosalva, na máquina de costura postada na janela do quarto dando para a rua, está dona Rosalina. Atacada de diabetes, uma perna amputada e vista pouca, sofre, cotidiano, com o vício do marido. Bebedor sem medidas, é dono de bar, o mais irrefreado e decadente da Jeremias Pereira. Tem uma das orelhas pela metade, decepada em um acidente de moto, pilotando bêbado. Puxa de uma perna, não fala que se entenda, embola e resmungo. Em uma de nossas conversas sem assunto, dona Rosalina revelou quase ter morrido espancada. Mas o filho mais velho restabeleceu a paz: ao chegar à noite, tranca o pai a cadeado na garagem.

De volta à Casa, passeio sem função por todo canto, observando as brincadeiras. A rádio Casa Grande é ímã. Rodo rodo e lá pouso. Assento longo tempo ouvindo a programação, absorto, seja pelo repertório, seja pela desenvoltura da menina e suas locuções nada empostadas. A rádio é a pulsação da Casa.

Dona Vicência

Vista de Vila Alta, Nova Olinda é uma almofadinha de costureira, prateada de parabólicas espetadas em telhados de cerâmica e cercada de verde. Como espinhos cravejam o mandacaru florido, os postes da iluminação pública esfumaçam as visagens. Um canteiro divide a rua principal. Próximo à Casa está postada a igreja católica. No cimo da cidade, a caixa d'água abastece cisternas, tanques e postes à força do desnível.

Caminhamos, meninos em turma, até Vila Alta, distraídos em conversa, e por tudo enquanto apareceu no caminho. Era intuito conhecer dona Vicência, artesã, fazedora de rede de dormir ao modo antigo, em tear manual.

Pele cor de chocolate, cabelos feito chumaços de algodão polvilhados em cinzas de fogueira. Do pó ao pó, sua vida faz a gira. Grânulos de areia se ajuntam, minerais reagem, enovelam-se. “Arrancar do capulho o algodão, desfiá-lo, torcê-lo em fios resistentes”. Fio a fio tece, em seu tear desconjuntado, feito a gravetos de madeira, a ini.¹⁹

No tempo, fio a fio, desfiando fadiga e sossego, dona Vicência é quem balouça. Planta, colhe, semeia, rega. E a vida traz a punho.

.....
19 Segundo Câmara Cascudo (2003, p. 72, grifo nosso), “o nome velho da rede entre os Tupis quinhentistas e seiscentistas não era *maquira* nem *quisáua*, mas ini, inin (Jean de Lery, Abbeville, Staden, Thevet, Nieuhof, Marcgrav)”.

Rede de dormir

Em *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica* (2003), Câmara Cascudo aclara a ciência contingente dessa invenção indígena, a *hamaca*.

O leito obriga-nos a tomar seu costume, ajeitando-nos nele, procurando o repouso numa sucessão de posições. A rede toma o nosso feitio, contamina-se com os nossos hábitos, repete, dócil e macia, a forma do nosso corpo. A cama é hirta, parada, definitiva. A rede é acolhedora, compreensiva, coleante, acompanhando, tépida e brandamente, todos os caprichos da nossa fadiga e as novidades imprevistas do nosso sossego. Desloca-se, incessantemente renovada, à solicitação física do cansaço. Entre ela e a cama há a distância da solidariedade à resignação. (CASCUDO, 2003, p. 15)

Dora e Pintuim

Encolhidos um atrás do outro, caminham rápidos serelepes pela calçada, raspando a beira das casas. Vão não se sabe pra quê, nem querem saber; estão de passagem. À moda romântica, reconhecem razão de alma pelos avessos.

Na rua de baixo, longe da rodovia que margeia a cidade, seu Quilique abre a padaria, estalando os ferrolhos enferrujados das portas altas de madeira enrugada desde o tronco. Em casa fabrica o pão pesado, pão d'água, feito à moda dos antigos.

Há uma padaria nova na cidade. E alguma modernidade, embalada a celofane, vem conquistando fregueses. Leite de caixa, queijo muçarela, apresuntado, ovos a granel, margarina, biscoitos recheados, pacotes de salgadinhos, remédios. Lajotas brilhantes, o caixa movido a máquina de calcular e fichinha com senha impressa. Os expositores de fórmica, inox e vidro conservam duas ou três moscas. As geladeiras verticais *self-service* estão repletas de caixinhas coloridas: iogurtes, sucos, lácteos. Dá status frequentar. Mas o pão de seu Quilique, em feitio, sabor e sustância, supera a novidade.

Pintuim e Dora caminham rápidos serelepes pela calçada, raspando a beira das casas. Vão não se sabe pra quê, nem querem saber; estão de passagem. Náufragos de uma nave *à la* Bosch, Dora e Pintuim inundam Nova Olinda com imagens sem porquê.

Uma febre, uma tarde

A casa de dona Rosalva dá para o nascente. A rua, até o meio, sombreia. As grades vazadas do portão de ferro azul descascando dão para a calçada. Tanto mais o dia quente, a varanda fria exala uma úmida indiferença. Um burburinho na cozinha, imiscuído no tilintar das colheres e das xícaras.

Sinto-me, por inteiro, filho das metades. Qualquer tom, mais-que-agudo, um rompante, e o coração palpita. Não durmo nem vigio os gonzos da tarde. Revisito tempos e lugares distantes, variando em febre. Estremeço, fugaz. Contraem-se pálpebras e orelhas. Por repente, aprofundo em um redemoinho de imagens mudas, encapuzadas.

Deitado em uma rede, grossos fios, azul e branca, visto um lençol puído encardido. Os olhos semicerrados, o corpo todo quebradiço. Sobrevoos cânions vagueando doces lembranças. É a febre, quando um cálido abandono corrói o insensível da matéria. As finalidades grandiosas desfeitas. O chão vermelho de cimento queimado fumegante. O sol fervilhando nos paralelepípedos chumbo de par com a modorra escarlate da tarde.

Dona Rosalva me traz chá. Capim-cidreira com limão e alho. Convince-me a beber, imbuída de um carinho que não consinto meu. Desconcerto-me, ressentido do meu ceticismo urbano. Ignoro aceitar. Orgulhoso, se algum merecimento pressinto motivo outro por tamanho cuidado. Por Deus? O modo dos fiéis haverem recompensas no além? Ou modo de se importar, a próprio dos antigos?

Sorvo o chá em silêncio desalmado aquecendo a tresmalheira do pensamento. Sinto-me abras[ç]ado. Bebo devagar, aos golinhos,

fitando a parede descascada seminua, evitando me prender na conversa, fiada na calçada. Dona Rosalva falando, não há ponto.

Choro discreto, emocionado, lambendo lábio e lágrima. Eu, enfermo, salvificado na benignidade imerecida de outra alma penada.

Popfilosofia

Um homem mata outro não é pela dívida, é pelo desaforo. Não é o xingamento, é o tom da voz que traz a ruína. (Seu Vicente Serafim, falecido pai de dona Alda)

No tempo que a madeira fulora, tem o nome da madeira, tem o nome do mel. A imburana com cambão fulora, mas não cheira. (Seu Jacaré)

Hoje em dia o que um filho de rico usa, o pobre igualha. Hoje em dia, ninguém sabe quem é rico, quem é pobre. (Dona Rosinha de Assaré)

Hoje é dia de dibuiar mondubim: todo mundo com pedra na boca. (Dona Francinete)

Vocês são lidos, mas eu sou corrido. (Seu Espedito Celeiro)

O tempo de parir não é nove meses, são nove luas. (Dona Santa)

Se jogar sal no meio do redemoinho e abrir os olhos, vê o cão. Conheço um que tentou e quase ficou cego. (Seu Tetéu)

Epílogo

Os alquimistas já estão no corredor.

“It’s all over now, baby blue”.

(Caetano Veloso; Péricles Cavalcanti / Bob Dylan)

Dizer o quê?

História longa, pelo nível de detalhe. Coisa debulhada de memória em memória, se sabe, é reinvento. A traição é natural ao aprendido, como a decepção. Ocorre de gente a gente, o verbo solto no conversê e no olhado.

Essa foi a história de como a matéria da gente é feita a meio palmo entre a admiração e o medo, o desencanto e o encantamento. A narrativa de uma escavação para o alto, arqueologia de uma utopia real, desfiada dia a dia no tempo mítico de uma nação reencarnada.

História de como a lenda fez casa, e a Casa, uma habitação no mundo. De como a matéria viva da pessoa é feita a oco, talhada em tempo, convivência, disciplina, e nos silêncios da imaginação.

Do inorgânico se apodera o tempo tanto quanto a ciência. Do húmus, o homem, o bicho, a planta, o verme, e as histórias. A vida sugere o trágico; o sujeito, a artesanania do cuidado.

Caminho que não se trilha não existe. Nem no sonho. Não tem bom. Rompante de vida é estampido e desaboio. Estalido de graveto no fogo dos infernos. Se trouxer raminho de folha na orelha, pois bem.

Essa foi a confissão de uma fatalidade engenhosa, talhada e cifrada na carne das pedras e das lendas. No Brasil, esse desencontro fundamental entre lâmpada e cabra-cega. Esse mal-entendido desgraçado entre cosmologias.

A volta

O corpo da criação pendurado no caibro do alpendre escorre sangue. A mão entrando entre o couro e a carne faz barulho de bucha esfregada em parede de chapisco. Viragem de lagarta, cigarra, sacrifício, escalpo. Retorno: lugar onde nem, nunca.

As vozes dos romeiros brotam nos poros da lembrança. Os flagelados, as rezas das mulheres amputadas das felicidades – e dos maridos, graças a deus! O cheiro dos loucos, dos mendigos, dos retirantes, dos infames; os sovacos na lotação, ou em riba da muleta. A hidrocefalia desfilando no caixote de esmolos, arrodeada de níqueis, no Centro do Juazeiro.

Órfãos de mãe e pátria.

As imagens retinindo na cabeça feito moedas caindo no fundo da baciazinha de alumínio do cego. Que nem barulho de mijo da madrugada tilintando no pinico de ágata. O cair da tarde em dia de chuva, refletindo o contraste azul-chumbo e amarelo do céu esfumaçando.

As rajadas de brilho na janela do ônibus me vergam a face, fazendo sorrir. Camadas de nuvens de variados semblantes. Nada, não sai da memória. E os nós das ausências enlaçam presença e lembrança.

Abraçados, soluçando feito criança, no coração de dona Rosalva senti o tombo da partida. O meu estalando feito couro de cobra ressecando no lume da fogueira. Dali por diante, a roda iria girar, moinho de pedra por cima do sonho, e o tempo iria vencer. “*Formiga, quando quer se perder, cria asa*”, ouvi de dona Alda certa feita.

Nada novo pro sertão dar confiança. Quem sabe o destino, essa obrigação de caminho cruzado, não permita desperdício de experiência. Quem sabe essa história, iluminura-guia em tempos de treva, alumiará épocas do bem virá. Porque se tirar prova e não chegar sorriso, não se aprendeu.

Patativa do Assaré

Piora estado de saúde do poeta Patativa do Assaré. Faz oito dias, está internado. Inflamação na vesícula e problema renal. Está sedado.

Contam que Patativa, quando soube que estava sendo banhado por duas enfermeiras, disse: *Isso é uma esculhambação; eu sou um homem de respeito.*²⁰

.....
20 Noticiário da rádio FM Nova Olinda em 2002.

*Em tempos de trevas
a cultura é o piloto automático.*
(Alemberg Quindins)

Post scriptum

Oscilo entre intuições existenciais e interesses acadêmicos. Vice-versa. Péríplo traçado paulatinamente. Perguntas rarefeitas, gestualidades incompreendidas, silêncios flácidos, olhares esquivos, dúvidas inconfessas.

Deriva em campo: errática orientada por afecções intensivas, acolhidas ao modo de variações de humor, efeitos de sonho, meditações contemplativas (ah, as telhas de cerâmica!), timbres e luzes. Ordenações reflexivas do caminho registradas em cadernetas de arame: excertos de leituras, conversas, entrevistas, livres associações (teóricas).

(Diário de Campo)

Mania de explicação²¹

A presente seção pretende explicar o modo como a pesquisa se desenvolveu em campo e depois em texto. Explicitar inspirações teóricas surgidas antes, no percurso e depois, em boa parte ao acaso. E, por que não, confessar *contrabandos* teóricos e as torções que impus. Revelar procedimentos – muito mais existenciais do que técnicos, é certo – utilizados na composição do texto e na poética dessa arte que é a pesquisa em atitude etnográfica. Reaver um método, em retrospecto, e fixar alguns princípios, também é próprio.

.....
21 Título de livro da Adriana Falcão (2001).

Da fiança epistemológica à fabulação do método

À época da submissão do projeto para o mestrado, fora incômodo lidar com a obrigação de método antes do campo. Parecia incongruente, e pouco perspicaz, postar carro à frente dos bois, como se diz. Mais urgente seria encontrar os termos com os quais delinear uma *atitude* a dispor corpo em experiência, algum argumento e algumas perguntas.

Apesar de alguma técnica e conhecimento prévios, durante o percurso o método se deslindaria, como uma poética de composição em arte. Estratégias e táticas catalogadas *in progress* na aventura do campo ao final seriam delineadas em retrospecto.²²

Quando comecei praticar etnografia, a composição entre trabalho de campo e texto, e os procedimentos técnicos e estilísticos envolvidos, fizeram-me imaginar o quanto poderia aprender com a arte: “Composição, composição, eis a única definição da arte”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 248)

De modo que nessa pesquisa pretendia proceder segundo a poética da composição estética. Para tanto, deveria assentir com a natureza da invenção em arte, segundo a qual,

[o plano de composição estética] não vem antes, não sendo voluntário ou preconcebido, não tendo nada a ver com um programa, mas também não vem depois, embora a sua

.....
22 “Não saber o que se vai descobrir é, evidentemente, uma verdade da descoberta. Mas tampouco se sabe o que em retrospecto vai se mostrar significativo, pelo fato de que a significância é adquirida na escrita posterior, na composição da etnografia como uma descrição feita depois do evento”. (STRATHERN, 2017, p. 320)

tomada de consciência se faça progressivamente e surja frequentemente depois. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 252)

Com efeito, não apenas o método, mas o próprio etnógrafo seria uma individuação simultânea à poética (*modus operandi*) do trabalho de campo e aos encontros conjugados em síntese disjuntiva com os compromissos de uma determinada ordem discursiva.

Para o mestrado, a pesquisa institucional deveria algo propor como solução de compromisso entre mim e a instituição universitária. Uma espécie de fiança epistemológica que autorizasse a ascensão à pós-graduação *stricto sensu*. Uma fiança abonada em métodos testados, publicados em livros e periódicos indexados, preferencialmente recém-publicados (nos últimos cinco anos, como se diz), e por autoras(es) reconhecidas(os) no *mainstream* das ciências.

Como forma de fiança, assentei a metodologia em metáforas e analogias, contornando a previsível objetividade tanto quanto possível, sem deixar, no entanto, de oferecer alguma proposição intencional a ser aferida ao final, qual compromisso ético acorde com o interesse e a expectativa universitários.

Inspiradores à época, utilizaria três textos para firmar as forquilhas com as quais amparar a metodologia, sem soçobrar a concessões inadequadas ou fora de ocasião.

O trabalho de campo

Cartografia como princípio, não método

No capítulo introito ao livro *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia* (1997), Gilles Deleuze e Félix Guattari (D/G) definem o tipo de livro que escrevem tomando de empréstimo da botânica as características do rizoma. Um livro feito em modo rizoma ressoou com a *disposição* que pretendia dispor em campo.

Diferente de uma árvore, as raízes do rizoma não se aprofundariam na terra, a partir de uma estrutura. Segundo os autores, o rizoma constituiria um plano superficial, que se desenvolveria a partir das condições dispostas em um determinado território (lugar e momento), conforme a capacidade em rearticular e recurvar os elementos em jogo, seguindo uma organização metaestável.

Ao invés de aplicar os caracteres funcionais do rizoma para fazer as vezes de método (uma contradição em termos) e orientar o percurso da pesquisa, pareceu-me inspirador a vaga de liberdade que emanava do conceito para justificar minha autorização à invenção metodológica. Para evitar subverter a dimensão existencial da pesquisa em nota de rodapé, submeterei a imaginação teórica à experiência vivida. Após o que, encontraria inteligência para contornar um todo coerente, ainda que fragmentário.

Ao contrário do que pudesse reclamar uma epistemologia positiva, não se tratava de uma falta de consistência do projeto por ausência de um problema bem delimitado. Antes, uma questão de inflexão metódica rumo a uma epistemologia *local*, isto é, um modo de pesquisa que gera resultados como efeito de um processo no qual o método se constitui a partir dos acontecimentos em jogo. Uma “cartografia aberta”, como apelidei à época (anterior à voga *cartográfica* que se

sucederia), sempre passível de ver seus procedimentos alterados. Visto que seus elementos, isto é, os efeitos da experiência, encontram-se em uma ordem imprevista e podem, momento qualquer, desviar a rota para um novo percurso, exigindo algum novo procedimento com o qual constituir o campo.

Os procedimentos metodológicos, portanto, deveriam entrar em jogo *pari passu* com as demandas e as transformações generativas operadas no semblante do trabalho de campo, modulados pelos encontros e por situações notáveis. Nesse sentido, um *planejamento* cartográfico (o que soa contraditório por vezes é paradoxo de linguagem) seria uma operação permanente, como uma obra aberta, relacionando os seus elementos (problema de pesquisa, justificativa, objetivos, teorias, procedimentos) aos encontros circunstanciados. E para cada (a) caso, um novo traçado metodológico e uma nova configuração.

Encontrara as analogias com que desenhar uma *disposição* em campo. Algo comparável com uma “aventura pensada”,²³ quando se está tencionado entre 1) a garantia de alguns norteamentos que ordenam a pesquisa e possibilitam sua validade acadêmico-institucional e 2) um percurso incerto e não-totalizável, traçado paulatinamente, (re)orientado com a variabilidade dos tempos e das vagas (os encontros, as circunstâncias, as problemáticas e os (as) autores (as)).²⁴

O “liso” e o “estriado”

Outra aliança útil para afiançar a fabulação metodológica da pesquisa fôra “14. 1440 – O Liso e o Estriado”, capítulo do volume 5 de *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia* (1997).

.....
23 Expressão cunhada por Roberto Sidnei Macedo (2009, p. 82).

24 Em nosso projeto de mestrado, definira a disposição metodológica da pesquisa como “experimentações intensivas numa *errática dos afetos* e ordenações do trajeto através de pontos e mapas”.

“Liso” e “estriado” seriam adjetivações para qualificar tipos de espaços de natureza diferente que, apesar de se oporem, em certa medida, também se misturariam: “o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 180) Para caracterizar os aspectos variáveis dos dois espaços e de suas relações, D/G lançam mão de modelizações: modelo tecnológico, modelo musical, modelo marítimo, modelo matemático, modelo físico, modelo estético.

Detive-me no “modelo marítimo”, posto que, consoante com os autores, seria o mar o grande arquétipo do “espaço liso”. No mar, o espaço liso teria sido domado pela primeira vez, encontrando-se um modelo de ordenação, de imposição do estriado, então válido para outros lugares. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

Segundo Deleuze e Guattari (1997, v.5, p. 186), a estriagem no espaço marítimo teria ocorrido graças a duas conquistas: uma astronômica, o ponto “que se obtém por um conjunto de cálculos a partir de uma observação exata dos astros e do sol, [e outra geográfica, o mapa,] que entrecruza meridianos e paralelos, longitudes e latitudes, esquadrihando, assim, regiões conhecidas ou desconhecidas”.

No espaço estriado, os trajetos tenderiam a ficar subordinados aos pontos, indo-se de um ponto a outro. Quanto ao espaço liso, ao inverso, os pontos estariam subordinados ao trajeto. (DELEUZE; GUATTARI, 1997) O espaço estriado seria constituído através de operações locais e mudanças de direção devidas à natureza mesma do percurso ou à variabilidade do alvo ou do ponto a ser atingido. O espaço liso seria ocupado por acontecimentos ou *hecceidades*, muito mais do que por coisas formadas e percebidas. Seria um espaço de *afecções*, mais que de propriedades, sendo a percepção feita de sintomas e avaliações, mais do que de medidas e propriedades. (DELEUZE; GUATTARI, 1997) Em poucas palavras, o que distinguiria os tipos de viagens (leia-se pesquisas de

campo) não seria “a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 190)

Bem entendidas as transposições analógicas e os seus limites, a poética do trabalho de campo incorporaria passagens recíprocas e reversíveis *entre* espaços lisos e estriados. Como uma *aventura pensada*, o campo se constituiu entre as afecções surgidas nas circunstâncias e nos encontros, e as táticas e estratégias utilizadas para forjar os procedimentos metodológicos com os quais circunscrever uma experiência.

A “lei do fragmento”

Na formulação do plano de composição da pesquisa (um *programa vazio* fazendo vezes de fiança metodológica com fins institucionais), encontrei-me ainda com “Whitman” – capítulo em que Gilles Deleuze aborda a literatura norte-americana em seu último livro *Crítica e Clínica* (1997).

Considerando as afirmações do poeta Walt Whitman (1819-1892) sobre a escrita fragmentária, Deleuze relaciona a experiência do escritor norte-americano à própria experiência da América (leia-se Estados Unidos),²⁵ conferindo a especificidade da literatura “americana” a uma relação de mútua constituição entre escritor(a) e território.

Se o fragmento é o inato americano, é porque a própria América é feita de Estados federados e de diversos povos imigrantes (minorias) [...] A experiência do escritor ameri-

.....
25 Ainda que se possa considerar que a “América” do poeta das *Folhas de relva* seja um tanto utópica (projetando um imaginário “democrático” americano que doura a pílula do imperialismo norte-americano), e que, portanto, Deleuze poderia estar apenas reproduzindo o imaginário do poeta, ao menos a latino-americanos o filósofo pareceu deixar-se traír por algum etnocentrismo.

cano é inseparável da experiência americana, mesmo quando ele não fala da América. (DELEUZE, 1997, p. 68)

Retive, da ligação entre *experiência* e *escrita*, as características do que seria, na escrita “americana”, a *lei do fragmento*.

Para Deleuze (1997, p.72), a realidade da literatura estadunidense seria *performada* seguindo dois aspectos: “a espontaneidade ou o sentimento inato do fragmentário; a reflexão das relações vivas sucessivamente adquiridas e criadas”.

O *próprio* da experiência estadunidense estaria assente em uma cosmologia díspar, se comparada ao “senso inato da totalidade orgânica” europeu.

O mundo como conjunto de partes heterogêneas: colcha de retalhos infinita, ou muro ilimitado feito apenas de pedras (um muro cimentado ou peças de um quebra-cabeça, recomporiam uma totalidade) [...] Amostras de casos, amostras de cenas ou de vistas (*scenes, shows* ou *sights*). (DELEUZE, 1997, p. 68, grifos do autor)

Tal cosmo-lógica implicaria em processos de subjetivação nos quais, ao invés do “*Eu* substancial, total e solipsista dos europeus”, diria Deleuze, ver-se-ia produzido um eu “sempre despedaçado, fragmentário, relativo”. E, tanto em um caso (cosmologia) quanto em outro (subjetivação), operaria a *lei da fragmentação*. Nessas condições, selecionar os casos singulares e as cenas *menores* seria mais importante, para a literatura ou para a experiência, do que qualquer consideração de conjunto. (DELEUZE, 1997, p. 68-69)

Entanto, se Deleuze (1997) deslindaria com a “lei do fragmento” uma operação relacionada à escrita, de minha parte entrevi traços sugestivos do que esperar do trabalho de campo e, decerto posteriormente, para a composição estilística do texto. Após selecionar as

“partes notáveis” dos efeitos da experiência de campo, viria a construção, através da escrita, de uma espécie de “todo”, não obstante os fragmentos permanecerem intactos. (DELEUZE, 1997) A ideia de um todo que não se pretende total poderia ser melhor compreendida ou desdobrada com o seguinte corolário: “As relações não são interiores a um Todo, é antes o todo que decorre das relações exteriores em tal momento e que com elas varia”. (DELEUZE, 1997, p. 71) As relações, portanto, seriam exteriores a seus termos, isto é, as relações deveriam ser instauradas, inventando-se entre os termos relações não-preexistentes. Aliás, este princípio de exterioridade das relações acabaria sendo útil para abrandar o braseiro de sentido que operou em campo, quando tudo pareceu importante e não sabia depurar o essencial, visto que sequer sabia o que era *essencial*.

A limitação do tempo objetivo de uma pesquisa bem pode tornar-se tanto mais quando se propõe experimentar uma espécie de *metodologia vital* em que o acaso (soberano a qualquer estratégia) é quem cria as coações e as contingências propícias ao encontro com o *essencial* da experiência. Como veremos adiante, “há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se *trai* por signos involuntários”. (DELEUZE, 2006, p. 14-15, grifo do autor)

A composição do texto

Campo e escrita

Após o trabalho de campo, reordenar os cacos da experiência, fugidia por todos os lados. Do vivido, desenlinhar as visagens teóricas para decifrar as garatujas que o campo rabiscou na profundidade superficial da pele. A escrita, aquarela sobre o fundo da experiência em tela. Redoar à palavra o *tom* da experiência, a cor do som sem as presenças. Decantar as vivências todas, ao modo de ganhar espessura e transbordar em composição escrita. Pintar em letra morta ausências que duram. Proceder por decifração de *signos*. Burilar uma linguagem sob os efeitos da língua dos encontros (pouco a ver com um código acadêmico-científico dado *a priori* por um cânone). E encontrar *autorização* para escrever em modo de pertinência, sem prejuízo a outrem.

No tempo, as “partes notáveis” dos efeitos da experiência de campo deveriam decantar. Ao invés de um suposto vivido a ser descrito e representado com fidelidade, a escrita deveria limar, talhar a experiência, tornando-a independente de sua prima matéria bruta (o vivido), extirpando-lhe o essencial, a *verdade*, qual seja, o *sentido*.

Impossibilitada por natureza a reapresentar o vivido através da palavra por correspondência, a escrita irá algo trair. Apesar, far-se-á necessário evitar soçobrar à ilusão antiga de que o texto se aninharia ao rés da experiência ou truque em limpar ambiguidades, dúvidas e desvãos.

Para Marilyn Strathern (2017, p. 312, grifo nosso), a escrita etnográfica só funcionaria sendo “uma *recriação imaginativa de alguns dos efeitos* da própria pesquisa de campo”. A escrita etnográfica lavraria um *segundo campo*, cada qual girando em órbita própria, cada qual constituindo “uma ordem de envolvimento que habita ou toca

parcialmente, mas não abrange a outra”. Nenhum dos campos jamais em completa conformidade com o outro, cada qual resguardando sua própria dinâmica, seu próprio percurso. Perfaria assim o trabalho da(o) etnógrafa(o) ao escrever, administrar e habitar os dois campos ao mesmo tempo, recordar “as condições teóricas sob as quais a pesquisa foi proposta, e com isso a razão de estar ali, [e ceder ao] fluxo de eventos e às ideias que se apresentam”. (STRATHERN, 2017, p. 312-313)

Nos arredores desse deslocamento entre campos, que envolve a “tradução” e a comunicação da agência etnográfica, tematiza-se há tempos a política da escrita em etnografia e as apresentações “literárias” do trabalho de campo. Recriar os efeitos do campo na escrita, e envolver juntamente os dois campos – afinal, eis o que se chamou *momento etnográfico*. (STRATHERN, 2017)

Decifrando a experiência

Aproximar procedimentos narrativos da literatura e enlaçar argumentos da teoria literária – como faremos a seguir – para orientar o trabalho de *transfiguração* da experiência de campo em escrita não significou mera escolha. Se o presente texto aconteceu para um(a) leitor(a) em poética fronteira com uma etnografia em fabulação, deveu-se à *necessidade* imposta pelo próprio *modus operandi* (poética) do trabalho de campo em suas dimensões.

De modo que procederei a seguir apresentando algumas inspirações teóricas com as quais pude elucidar para mim a maneira (*aesthesis*) como me dispus em campo, e a que se deveu, em consequência, a necessidade de uma certa estilística “literária” para a escrita etnográfica.

UMA DIMENSÃO: OS “SIGNOS”

Ouve quem dissesse que toda “busca da verdade” mantém “uma relação essencial com o tempo”, e quem a procura o faria “em função de uma situação concreta, quando sofreremos uma espécie de violência que nos leva a essa busca [...] violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz”. (DELEUZE, 2006, p. 14-16)

A verdade dependeria de um encontro *casual* com *alguma coisa* que *forçaria* a pensar em busca do que seria verdadeiro. Essa “alguma coisa” seria um *signo*, e a verdade, o desdobramento do próprio signo em si mesmo: “interpretar, decifrar, explicar”. Daí a busca da verdade ser sempre temporal, uma “verdade do tempo”. (DELEUZE, 2006)

Para decifrar *signos* seria necessário vencer a crença no *objetivismo* de “atribuir ao objeto os signos de que é portador” (DELEUZE, 2006, p. 26), acreditando que o próprio “objeto” contém o segredo do signo que emite, fixando-o para decifrá-lo. Seria esta crença, para Deleuze (2006, p. 26), uma nossa tendência “natural ou pelo menos habitual”. Tenderíamos a confundir “o significado do signo com o ser ou o objeto que ele designa” (DELEUZE, 2006, p. 26), como se o próprio objeto fosse revelar o segredo do signo, visto que cada signo conteria em si duas metades: uma *designando* um objeto e outra *significando* alguma coisa diferente.

O “objetivismo” resultaria de um complexo de tendências, por ser: i) a direção natural da percepção ou da representação, bem como da memória voluntária, “que se lembra das coisas e não dos signos”; ii) a direção do prazer e da atividade prática, “que se baseiam na posse das coisas ou na consumação dos objetos”; e iii) por ser ainda a própria tendência da inteligência, que “anseia por conteúdos objetivos, significações objetivas explícitas, que ela própria será capaz de descobrir, de receber ou de comunicar”. Entanto, em todo caso e sob todas as

formas, a inteligência só alcançaria verdades objetivas, isto é, abstratas e convencionais. (DELEUZE, 2006, p. 28- 29)

Por outra, para saltar essa armadilha da crença objetivista em uma “realidade exterior, [funcionaria como antídoto um momento fundamental da busca e do aprendizado, a *decepção*] quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos”. (DELEUZE, 2006, p. 32, grifo nosso) A decepção iria se superpor a tendência a uma “compensação subjetiva” como forma de remediá-la, quando a consciência intervém para justificar a decepção, graças ao jogo de associação de ideias que o objeto desperta. Não obstante, tal compensação permaneceria ainda refém do objeto, ao invés de procurar seu sentido em outro lugar.

Em todo caso, tanto a decepção “provocada por uma tentativa de interpretação objetiva” (DELEUZE, 2006, p. 34) quanto a tentativa em remediar a decepção por uma interpretação subjetiva seriam linhas (necessárias, diga-se) da busca da verdade e do aprendizado envolvido. Isto porque o signo, mesmo sendo mais profundo que o objeto que o emite, ainda estaria semicoberto e ligado a esse objeto. Por sua vez, o sentido do signo também seria mais profundo do que o sujeito que o interpreta – ainda que a este esteja ligado e encarnado “pela metade em uma série de associações subjetivas”. (DELEUZE, 2006, p. 34)

Desse modo, o mundo “exterior” seria apenas uma projeção ilusória, posto que o mundo expresso por um sujeito não existiria fora daquele que o exprime, nem se confundiria com ele. Cada sujeito exprimiria o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista seria a própria *diferença*, a diferença interna e absoluta. “O ponto de vista não se confunde com quem nele se coloca; a qualidade interna não se confunde com o sujeito que ela individualiza”. (DELEUZE, 2006, p. 40-41)

De modo que à pergunta “o que existe além do objeto e do sujeito?” seguir-se-ia a resposta: um mundo de essências possíveis que ultrapassariam “tanto os estados da subjetividade quanto as propriedades do objeto”. Verdadeira unidade do signo e do sentido, a “essência” seria,

para Deleuze (2006, p. 36-37), “a última palavra do aprendizado ou a revelação final”. E apenas no nível da arte ela poderia ser revelada, pois os signos da arte seriam os únicos imateriais.

O *essencial*, portanto, mais uma vez, nada mais seria do que o *sentido*. De maneira que para selecionar o *essencial* e então revelar o *sentido* da experiência de campo fora necessário proceder como em arte, de modo a conservar a *verdade* da experiência de campo na escrita.

OUTRA DIMENSÃO: OS “BLOCOS DE SENSAÇÕES”

Deleuze e Guattari (1992, p. 213, grifo dos autores) definiriam a obra de arte como:

um ser de sensação, e nada mais, [existindo em si mesma. Isto porque a arte, sendo a única coisa no mundo que se conserva,] e se conserva em si [ainda que] não dure mais que seu suporte e seus materiais [conservaria] *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos*.

Independentes do estado daqueles(as) que os experimentam, os “perceptos” não seriam percepções. Não sendo percepções, não remeteriam a um objeto como referência. E mesmo guardando com algo alguma semelhança seria uma semelhança produzida por seus próprios meios (traços, sombra e luz, como no caso da pintura). (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

Os “afectos”, por sua vez, não seriam, como é costume imaginar,

uma simpatia vivida, nem mesmo uma identificação imaginária. [E sim uma semelhança produzida por] uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança ou, ao contrário, no distanciamento de uma luz que capta as duas num mesmo reflexo. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 224)

A arte – com os meios do material utilizado – procederia arrancando o *percepto* das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, assim como extraindo o *afecto* das afecções (a passagem de um estado a um outro), expondo como resultado um “bloco de sensações” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217), um puro ser de sensações. O trabalho do artista, por conseguinte, seria criar blocos de *perceptos* e de *afectos* que se ponham, e se mantenham, de pé sozinhos. (DELEUZE; GUATTARI, 1992) Quanto aos escritores, que têm como material particular as palavras, seu trabalho concerniria à sintaxe, “a sintaxe criada que se ergue irresistivelmente em sua obra e entra na sensação”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 218)

*

Quando decidi publicar a pesquisa em livro, observei que a escrita em modo dissertação deixara em parte esmaecida as cores da *experiência* com a Fundação Casa Grande: citações de autores, foco narrativo, sintaxe, mania de explicação e outros problemas. Seria o jeito incidir na carne da prosa e criar uma estilística adequada para o sentido da experiência transudar. Uma escrita rente ao vivido, menos pelo caráter suposto factual e fidedigno da comunicação de um conteúdo, ou por uma verossimilhança produzida sob “descrição densa”, e mais pelo *quantum* de sentido que pudesse o texto compor, feito um monumento àquela experiência.

Portanto, para revelar o *sentido* da experiência vivida em campo, fôra necessário que estabelecesse com a escrita em clave “literária” uma relação umbilical, constitutiva diria, em flerte com o *ficcional*. Tratava-se de extirpar da experiência os “blocos de sensações” (nem a percepção do objeto, nem os estados do sujeito percipiente) e tomá-los como *signos* a serem decifrados. E então criar uma sintaxe capaz de exprimir não mais apenas a experiência “em si”, mas sua resultante,

isto é, sua individuação individualizante naquele personagem-pesquisador que veio a ser, e se fez ver, via *performance* em uma escrita que pretendeu comunicar o estilo próprio da poética do trabalho de campo. De modo que procederia com a escrita à maneira da *transcrição* em poesia.

Sobre *transcrição* em poesia

Haroldo de Campos (1929-2003), poeta, ensaísta e tradutor, co-inventor da poesia concreta junto com o irmão, Augusto de Campos, e Décio Pignatari, dedicou-se durante mais de quatro décadas à “argumentação em defesa da especificidade da tradução de poesia, e à necessidade de entendê-la como uma empresa de natureza estética, análoga à própria criação”. (CAMPOS 2015, p. XII)

Toda sua obra teórica acerca da tradução poética – a que concebeu necessário alcunhar *transcrição* à ideia de recriação poética – poderia ser vista como uma ação de resistência em defesa da “obra de arte verbal”, ou do “texto dotado de informação estética” em sua diversidade, conforme diferentes épocas e culturas. Seu trabalho se pôs em contracampo com o modo de pensar e praticar a tradução primando pela fidelidade ao significado, ou pela primazia do conteúdo, na preservação da mensagem traduzida. (CAMPOS, 2015, p. XII) A insatisfação de Haroldo de Campos com o conceito de tradução poética residiu na

ideia ‘naturalizada’ de tradução, ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência da tradução a um presumido ‘significado transcendental’ do original) – ideia que subjaz a definições usuais, mais ‘neutras’ (tradução ‘literal’), ou mais pejorativas (tradução ‘servil’), da operação tradutora. (CAMPOS, 2015, p. 79)

Para compor o conceito de *transcrição*, Campos enfrentaria uma outra tradicional objeção: “quanto mais difícil ou mais elaborado o texto poético, mais se acentuaria aquele traço principal da

impossibilidade da tradução”. (CAMPOS, 2015, p. 85) Operando uma espécie de reversão dialética, Haroldo de Campos (2015, p. 85) afirmaria justo o contrário: “quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação”. Do que decorreria que a disjunção poesia/prosa deixaria de ser relevante frente à noção de “tradução criativa”, colocando-se em jogo a “abertura” do texto: quanto mais difícil traduzir, tanto mais possível, posto que recriável.

Naquele que fôra considerado o seu primeiro ensaio de fôlego sobre o assunto, “Da Tradução como Criação e como Crítica”, publicado originalmente em 1962, Haroldo de Campos retomaria do ensaísta Albrecht Fabri a noção de “sentença absoluta”. Em “Preliminares a Uma Teoria da Literatura, [Fabri desenvolvera algumas notas sobre o problema da linguagem artística, defendendo a tese de que] a essência da arte é a tautologia, [pois] as obras artísticas não *significam*, mas são” (CAMPOS, 2015, p. 1, grifo do autor), sendo impossível à arte distinguir entre representação e representado. Desse modo, a ideia de “sentença absoluta” implicaria em se concluir que a tradução do texto estético restaria impossível, visto que suporia a separação entre sentido e palavra.

Admitindo a tese da impossibilidade em princípio da tradução de “textos criativos” (prosa, poesia), por sua vez Campos (2015, p. 4) faria decorrer o corolário da possibilidade da *recriação* desses textos:

Teremos, como quer Bense, em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomórficos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema.

Para o filósofo e crítico Max Bense, a noção de “informação estética” transcenderia a semântica no que concernisse à “imprevisibilidade,

à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos”. (CAMPOS, 2015, p. 2) A informação estética seria inseparável de sua realização, estando sua essência, sua função, vinculadas a seu instrumento e a sua realização singular.

Haroldo de Campos (2015, p. 88-90) encontraria em Roman Jakobson os termos para afirmar, contrário ao “dogma da intraduzibilidade” da poesia, a possibilidade da operação tradutora. No caso da poesia, e nos que a ele se assemelham, o traço distintivo da operação tradutora seria exatamente a “semantização das componentes formais da linguagem”, (CAMPOS, 2015, p. 88) corroborando com o entendimento da tradução como “transposição criativa” – nos termos de Haroldo (2015), *trans-criação*.

Seguindo um corte paidêumico na construção do conceito de transcrição, Campos (2015, p. 96, grifo do autor) atrai a concepção de “tradução como forma” em Walter Benjamin, “Entenda-se: como forma literária dotada de conteúdo tipológico específico; uma ‘forma artística’ (*Kunstform*), como a ‘lírica’ é uma forma e, para o primeiro Lukács, que influenciou Benjamin, o ‘ensaio’ – este ‘poema intelectual’ (Schlegel) – também o é”.

Para captar a dimensão de significância inerente a certas obras, a tradução deveria reger-se “por uma noção de ‘fidelidade’ (*Treue*) muito mais voltada – até ao estranhamento – para a ‘redoação da forma’ (*Treue in der Wierdergabe der Form*), do que submetida ao critério tradicional de fidelidade à ‘restituição do sentido’ (*Sinnwiedergabe*)”. (CAMPOS, 2015, p. 96, grifos do autor)

Portanto, com Benjamin, Haroldo de Campos (2015, p. 98, grifos do autor) definiria a transcrição nos termos de uma “redoação das *formas significantes* em convergência e tendendo à mútua complementação”.

Segundo Campos (2015, p. 100, grifo do autor), a proposição benjaminiana da tarefa do tradutor seria

como o ‘fazer ressoar’ (*ertönen*) o ‘modo de intencionar’ próprio de sua língua qual um harmônico, um ‘complemento’ ao ‘modo de intencionar’ da língua original; [...] como estranhamento da língua do tradutor e alargamento das fronteiras desta ao influxo do original”. De um modo tal que o tradutor traduziria não o poema (seu conteúdo aparente), mas “o *modus operandi* da ‘função poética’ no poema, liberando na tradução o que nesse poema há de mais íntimo [...] aquilo que no poema é ‘língua’, não meramente ‘língua’”. (CAMPOS, 2015, p. 102, grifo do autor)

Portanto, em transcrição, a exatidão (objetividade) seria regulada pelo resgate da afinidade (*rigor*). Ressalva Haroldo de Campos (2015, p. 102), o termo de prestígio ghoeteano, *Verwandtschaft*, significaria “parentesco”, mas também “afinidade” no sentido químico: “‘afinidades eletivas’, seriam aquelas afinidades químicas que destroem um composto em proveito de novas combinações”.

A tradução, portanto, segundo a perspectiva *benjaminiana* pinçada por Haroldo de Campos (2015) não se proporia à mera “assemelhação” com relação a um original. Pois a mera “similaridade” seria tão vaga “como seria inobjetiva para uma teoria do conhecimento a noção estreita de ‘cópia do real’”, escreve Haroldo Campos (2015, p. 102-103). Em vez disso, a operação tradutora se configuraria como uma *parafiguração* (uma “figuração junto”, paralela) do “modo de significar” do original, devendo ser também *estranhante*. Tradução como transmutação. *Transcrição*.

A transcrição como “momento etnográfico”

Posto o exposto, e visto que escrever, seja o que for, será sempre um trabalho de tradução, recompus a concepção *diferencial* de tradução literária por Haroldo de Campos (2015) como dispositivo para a composição do texto etnográfico em tela. *Transcrição*, para mim, seria mais adequado do que “recriação imaginativa”, sem enclave ou deletério.

Se Campos colocara a noção de transcrição para caracterizar a “redoação da forma” significativa de textos criativos ao serem traduzidos, no caso do contrabando epistemológico para o campo da etnografia, serviu-me elaborar o que seria a redoação da forma da informação estética da experiência para o caso da escrita etnográfica.

A *transcrição* utilizaria para revelar/constituir o *sentido* envolvido naquela sucessão de vivências que fôra o trabalho de campo, e então esculpir a experiência com a Fundação Casa Grande como “momento etnográfico”. *Transcriar* foi o dispositivo com o qual extirpei da “informação estética” da experiência os “blocos de sensações” tais quais signos a serem decifrados e parafigurados em texto. Para compor a unidade plural das narrativas fragmentárias em fabulação que lhes apresentei, como expressões do *sentido* daquela experiência, fôra necessário reimaginar as situações, os lugares, os objetos, os seres, as vivências, “como se emitissem signos a serem decifrados”. (DELEUZE, 2006, p. 4)

Se para Haroldo de Campos (1969, p. 100) na tradução de poesia o essencial seria, não a reconstituição da mensagem, mas “a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem,

[isto é] da informação estética, não da informação meramente semântica”, na *transcrição* do trabalho de campo em texto a reconstituição do sistema de signos em que estaria incorporada a “informação estética” do vivido tornou-se factível, tanto pelo modo de intencionar do trabalho de campo (poética)²⁶ quanto pelo arranjo físico-semântico dos elementos narrativos no texto escrito (sintaxe).

Se a especificidade da tradução de poesia, para Haroldo de Campos (2015, p. 12), seria entendida como uma empresa de natureza estética análoga à própria criação, a escrita etnográfica, para mim, deveria operar como experiência tão intensa e vívida feito o próprio campo, alargando-o, de modo a tornar este “segundo campo”, o texto, poroso à interpretação plural desde que pertinente ao *contexto*.

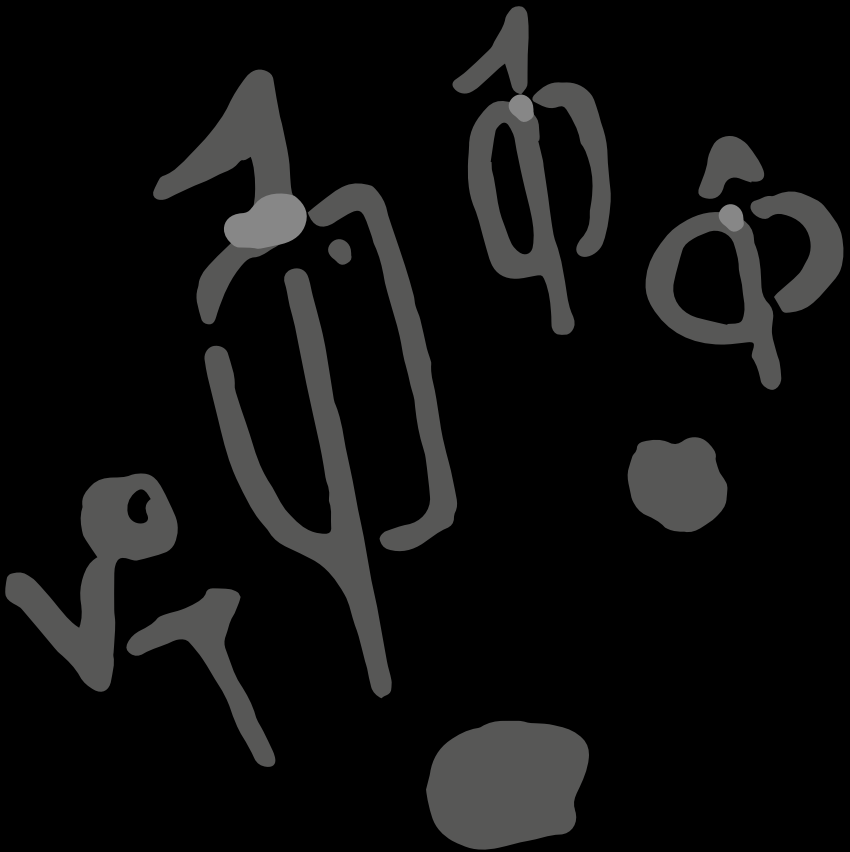
Se, na tradução de poesia, tanto mais elevado seja o teor de comunicação da língua do original, tanto menos ele tem a oferecer à tradução; transpondo o argumento da teoria da tradução de Haroldo de Campos em paralaxe com o trabalho de campo, tanto mais se busque distinção de objetivo e objetividade, menos a pessoa encontra a “informação estética” do vivido. Aquilo que conta seria o elemento sensível (*signo*) que se notabiliza por sua persistência na retina do corpo, graças ao *mana* (quando) presente em um encontro – coisa pouco voluntariosa.

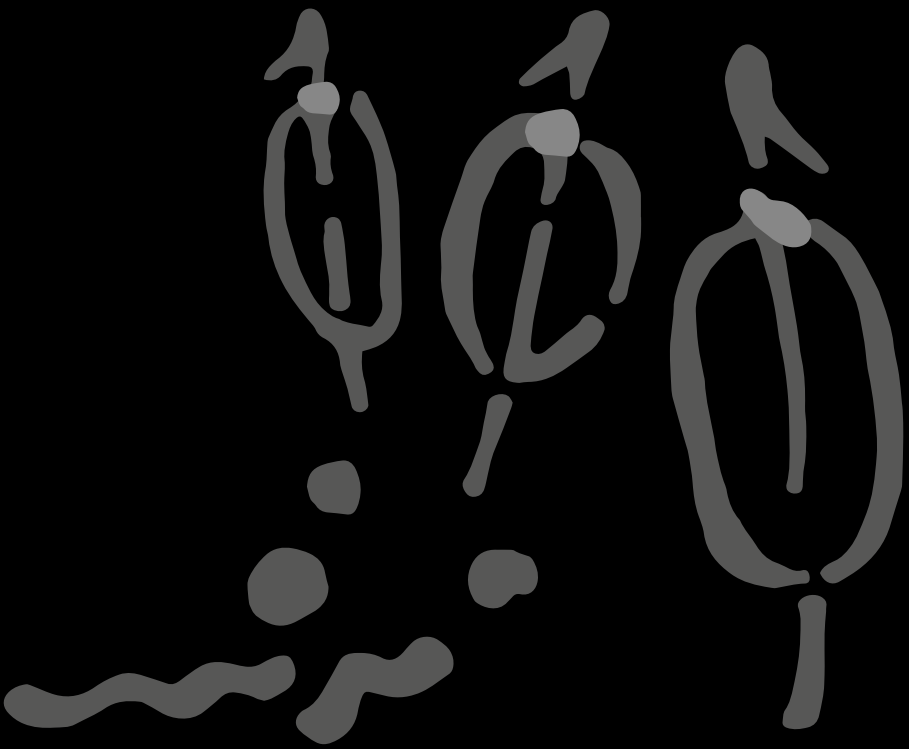
Para fazer ressoar no texto o “modo de intencionar” da experiência, seria necessário que a escrita assimilasse à sua epiderme as *presenças* das personagens reais (humanas e não-humanas). Afinal, se transcriar em literatura implicaria na “reinstituição do corpo na tradução”, (CAMPOS, 2015, p. 106) em etnografia se trataria de reinstituir o corpo na escrita. O que por sua vez dependeria de uma certa poética da pesquisa, isto é, do modo-corpo em habitar o campo a ponto de coar suas intensidades *sígnicas*, a “informação estética”. Não é demasiado repetir, quanto mais planejada a atitude e instrumental o modo-corpo

.....
26 Ver seção “O trabalho de campo”.

de habitar o campo, tanto menos a experiência, reduzida a uma coleção de vivências (supostamente descritíveis e analisáveis com fidelidade), terá a oferecer à pesquisa etnográfica, essa arte.

A busca pelo *sentido* encoberto e implícito nos signos da experiência desdobrou-se em ato na escrita, reinscrevendo o trabalho de campo em uma experiência *outra*. Tal duplicação exigiu o alinhavo entre a poética do trabalho de campo e uma *performatividade* na escrita. De forma que, ao *transcriar* os vestígios notáveis do campo, lavrei, para em parte utilizar os termos de Strathern, um segundo campo, consagrando este livro como *momento etnográfico*.





Referências

- ACIOLI, Socorro. *Fundação Casa Grande: comunicação para a educação*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AZEVEDO, Fábio Giorgio Santos. *Tecnologias de transmissão cultural: a experiência da “Escola” de Comunicação Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- BARTHES, Roland. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- CAMPOS, Haroldo de. A poética da tradução. In: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 91- 128.
- CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. São Paulo: Global, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios guarani*. Campinas: Papirus, 1990.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- DEBRAY, Régis. *Transmitir: o segredo e a força das ideias*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- ESCOBAR, Carlos Henrique de. *Dossiê Deleuze*. Rio de Janeiro: Ólon Editorial, 1991.
- FALCÃO, Adriana. *Mania de explicação*. São Paulo: Moderna, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens: Vega, 2002.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- GELLNER, Ernest. *Antropologia e política: revoluções no bosque sagrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSOS, Vânia Zikán (org.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012a. p. 19-42.
- GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSOS, Vânia Zikán (org.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012b.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Reflexões*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- JOGOS de armar. Intéprete: Tom Zé. [São Paulo]: Trama, 2001. 1 DVD.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEJEUNE, Philippe; VILAIN, Philippe. Entrevista a Annie Pibarot – dois eus em confronto. In: NORONHA, Jovita (org.). *Ensaíos sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 223-242.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: Edufba, 2000.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*. Salvador: Edufba, 2016.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais*. Curitiba: CRV, 2015.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: Edufba, 2009.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- NASCIMENTO, Evando. A autoficção como dispositivo: alterficções. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 42, p.611-634, 2017.
- NEGRO Amor. Intéprete: Gal Costa. Composição: Bod Dylan. Tradução: Caetano Veloso e Péricles Cavalcanti. In: CARAS e bocas. Intéprete: Gal Costa. [Rio de Janeiro]: Universal Music, 1997. 1 CD, faixa 7 (6 min).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.
- NORONHA, Jovita (org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- NUNES, Márcia Vidal. *Rádios comunitárias: exercício da cidadania ou instrumentalização durante os processos eleitorais (1998-2000)?*. 2002. Relatório técnico-científico (Pós-doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- NUNES, Marisa Meliani. *Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil*. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Disponível em: <http://intermega.globo.com/radiolivre>. Acesso em: 14 dez. 2002.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. *Escuta sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PARENTE, André (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEYRO, Julio. *Prosas apátridas: completas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHAFER, Raymond Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

SCHAFER, Raymond Murray. Murray Schaffer fala de paisagens sonoras e do rádio como arte, educação e política. *Pesquisa e Música*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998.

SCHAFER, Raymond Murray. *Rádio Radical*. Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ: ECO: Publique, 1997.

SERPA, Felipe. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: Edufba, 2004.

STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia (seguido de comentários e resposta)*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Ubu Ed., 2017.

TÁPIA, Marcelo. Apresentação. In: CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. XI-XII.

VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WEIMER, Günter. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZÉ, Tom. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2003.

Apêndice - Livre consentimento

À beira do envio dos originais à editora, contataria algumas personagens com as quais convivi no campo da pesquisa, pedindo-lhes autorização para publicar as conversas que tivemos mantendo os seus nomes de batismo, como se diz, ao invés de iniciais ou pseudônimos. Segue a transcrição dos diálogos efetuados por áudio e mensagens de texto, realizados através de um aplicativo de mensagens.²⁷

CONTATO COM SAMARA

23 DE MAIO DE 2019

Eu: Samara?

Samara: ?

Eu: É você? Não sei se ainda manténs este número.

Samara: Sim. Quem é? Não estou reconhecendo.

Eu: Aqui é Fábio de Salvador, lembrou? Estive na Casa Grande em 2002... Nos encontramos outra vez...

Samara: Ahhhh.

Eu: Rs.

Samara: Claro que lembro.

Eu: Tudo bem contigo?

Samara: Tudo. E com você?

.....
27 As transcrições que seguem também foram consentidas, porém, publicar os consentimentos resultaria em um círculo interminável.

Eu: Também! Ainda está em Nova Olinda?

Samara: Sim.

Eu: Seguinte. Lembrei de você porque estou concluindo um livro sobre minha experiência com a Casa Grande. E queria que você lesse em primeira mão. Topa?

Samara: Claro. Manda.

Eu: Tem belas falas suas.

Samara: Mesmo?

Eu: Claro!

Samara: Pois quero sim. Vai me mandar por e-mail ou pelo correio?

Eu: E tenho que saber se você autoriza eu publicar com seu nome, ou se coloco um nome fictício rs.

Samara: Entendi. Me manda que eu respondo.

Eu: Você consegue ler em uma semana?

Samara: Depende da minha semana.

Eu: Haha. Ok.

[Envio o arquivo do livro]

Samara: São três filhos agora. Escola.

Eu: Eita!

Samara: Até amanhã estou com muito trabalho porque estamos construindo um plano de ação da escola. Mas a partir de sábado eu posso iniciar.

Eu: Acho que tu vai gostar de ler o que falou naquele tempo.

Samara: Com certeza.

Eu: Aguardo notícias.

Samara: Obrigada, viu? Farei o possível para ler essa semana.

Eu: Eu que tenho muito a agradecer.

Samara: Boa noite. Bom saber de você.

Eu: Foi uma experiência inesquecível. De ti também. Guardo muito carinho por você!

Samara: Apareça. Eu estou contando os segundos pra começar a ler. Foram tantas emoções. Até mais, amigo.

Eu: Foram. Devo ir lançar o livro por aí algum momento. Até. Boa noite.

Samara: Boa noite.

Eu: Desculpa, mas só mais uma coisa. Tu tem contato com Mães?

24 DE MAIO DE 2019

Samara: Sim.

Samara: Fábio, confesso que me apressei e acabei lendo meus depoimentos. Não sei se você sabe que perdi meu pai há quase 5 anos e apesar da fase de afastamento que tivemos, que hoje penso ter sido coisas da adolescência, meu pai foi uma pessoa maravilhosa e presente na minha vida. Me faz muita, muita falta. A questão é que eu fiquei triste em tê-lo retratado como alguém tão rude. Minha mãe também se entristeceu em lembrar disso. Porque por mais que tenha sido assim em alguns momentos, a transformação dele por nós foi fenomenal. As coisas que falei sobre minha suspensão da Casa Grande, o vazio e tristeza que sentia, o saudosismo dos tempos passados, não tem problema. Mas ver como retratei meu pai me deixou profundamente triste. Por isso prefiro ficar no anonimato, embora saiba que

algumas pessoas irão conseguir me identificar em algumas passagens conhecidas da minha vida, como o fato de um dia ter sonhado em ser freira. Vou tirar um tempo para ler seu livro na íntegra. Achei a leitura instigante e agradável. Fiquei até meia-noite lendo, mas, na ansiedade de ver o que falei naquela época, corri pra ver meus depoimentos. No mais, sinto-me honrada em fazer parte da sua obra. Você foi um bom ouvinte. Não tive Sofia (lembra da canção que você me passou?), mas veio Sarah, depois dos meus meninos Victor e Heitor. Eu sempre falava que teria uma filha e que ela se chamaria Sofia. Esperei Sofia 10 anos, ela não veio, aí Sarah tomou o lugar dela.

Eu: Sim!! Luiz Tatit. Lembro dessa conversa. Quanto ao seu pai... Não soube, e te deixo meu carinho. Entendo perfeitamente. Por outro lado, o sentimento que fica para mim quando leio aquele depoimento (que aliás sempre me emociona – imagino que te emocionou também), o que fica é justamente como seu pai se reviu! Como ele passou a te ver de outra forma.

Samara: Ia te dizer isso. Eu li pro meu marido e me emocionei enquanto lia.

Eu: E como você conseguiu isso, ir se transformando nessa mulher além do seu tempo e lugar (mergulhado em machismo e dominações das mulheres).

Samara: Sim. Isso é verdade. Mas quando mostrei pra minha mãe vi que ela mudou a fisionomia e ficou triste. Eu falei sobre ser professora... sou professora. E amo estar na Educação. É incrível quanto a gente não sabe nada de nada.

Eu: Ela talvez tenha lembrado de coisas... Mas o que está ali é uma bela história de pai e filha que se modificaram!

Samara: Amei ler. Verdade.

Eu: Sempre choro quando releio essa parte. Pergunte à minha esposa rs. Fico orgulhoso e honrado de a gente ter conseguido aquele nível de confiança. Fique em paz com você que o que você falou em nada desonra a memória do seu pai, pelo contrário! Mostra a sua capacidade de lutar pelo que você acreditava poder ser. E ele de compreender e rever coisas que para nós homens é difícilimo. Difícil mesmo! E é surpreendente como ele conseguiu, a ponto de você dizer que ele disse que você poderia ir até pro Japão! rs.

Samara: Verdade.

Eu: Lindo! Mas fique tranquila! Tanto posso colocar um nome fictício quanto até retirar aquele trecho. Seria uma perda, mas o mais importante é você ficar com a alma leve. Leia o livro todo, para entender porque aquilo está ali, e a gente volta a conversar, tudo bem?

Samara: Falando aqui com mamãe. Ela disse que sempre fala como ele era e o que se tornou. O que a emociona é o que ele se tornou. A transformação que passou. Disse pra eu deixar de bobagem. Bem, se minha mãe disse...

Eu: rs. Ela lembra de mim? Eu lembro dela. Mande um grande abraço pra ela!

Samara: Claro. Muito.

2 DE JUNHO DE 2019

Eu: Boa noite, Samara! Você tem contato com Mêires, Miguel, Alexandre?

Samara: Tinha. Perdi meu celular e não consegui recuperar todos os números. [*Envia outro número, explicando:*] Ela é minha prima e

esposa de Alexandre. Mas posso conseguir o de Miguel com a mulher dele. O de Mêires acho que minha mãe tem.

3 DE JUNHO DE 2019

Eu: Ok. Fico-lhe agradecido. Quero falar com eles sobre o livro. Obrigado! Bom dia!

6 DE JUNHO DE 2019

Samara: Boa noite, Fábio. Segue o contato de Mêires. Mandei seu contato pra esposa de Miguel. Eu tinha mandado o contato errado. Ela me passou errado. Mas agora está certo. Pode dar “Oi” que ela está on-line.

[Envio um áudio ponderando se não seria mais adequado colocar nomes fictícios mesmo, visto tanto tempo haver se passado, e nem mesmo saber qual relação ela mantém, se mantém, com a Fundação Casa Grande nesse momento. Ainda que considere manter os nomes reais uma forma de reconhecimento pelas boas conversas e pelo acolhimento recebido. Peço-lhe que pense no assunto e me diga.]

Eu: E o de Miguel?

Samara: Alexandre é casado com minha prima. Passei pra esposa dele o seu contato.

Eu: Ah, entendi! Ok. Vou aguardar ele entrar em contato, então. Estou falando com Mêires.

Samara [*resposta ao áudio*]: Pra mim já é um grande reconhecimento que você, depois de tantos anos, conte a história da Casa Grande pela nossa voz. Eu falava com Mêires sobre isso, mesmo que a nossa relação com a Casa tenha mudado, aquela era a nossa visão naquela época, não há o que mudar ali.

Eu: Que bom que eu tenha conseguido não apagar a voz de vocês. Essa foi uma grande preocupação. Deixar ao máximo o que vocês disseram, da maneira como disseram.

Samara: Sim. Hoje eu vou esporadicamente participar de eventos que a Fundação promove. Minha vida depois que me tornei mãe mudou radicalmente.

Eu: Claro! Normal.

Samara: Passo grande parte do dia na minha escola e o restante em casa com minhas crianças. São três.

Eu: É isso! A vida segue seu caminho e a gente acompanha rs.

Samara: Em fases totalmente distintas: um adolescente de 13, uma criança de 9 e uma bebê de 2 anos.

Eu: Minha esposa também tem 3. Um comigo. E um dos meus enteados, de 13, mora com a gente. Então são dois. O outro de 18 mora com o pai em Fortaleza.

Samara: Eita que legal! Qual a idade de seu filho?

Eu: O meu/nosso vai fazer 6 anos agora em primeiro de julho.

7 DE JUNHO DE 2019

Samara: Boa noite. Segue o contato de Miguel.

Eu: Ok. Obrigado! Boa noite!

CONTATO COM MIGUEL

9 DE JUNHO DE 2019

Eu: Oi, Miguel! Aqui é Fábio de Salvador. Lembra-se?

Miguel: Olá, Fábio, tudo em paz? Lembro sim da sua pessoa.

Eu: Que bom! Tudo beleza! Então, não sei se já sabes, mas vou publicar um livro sobre minha experiência com a Casa Grande naqueles tempos... E gostaria que você lesse antes, visse os seus depoimentos, e me dissesse o que achou. Topas? Tem também um capítulo sobre meu encontro com seu pai. E a vida, como vai?

Miguel: Tudo em paz, graças a Deus. Posso, sim, ler. É só mandar que leio. Samara falou que tu tinha entrado em contato com ela e que ia me passar o seu contato para você conversar comigo. Estou à disposição para ler.

Eu: Massa! Mando por aqui ou por e-mail?

Miguel: Pode ser por e-mail. Acho melhor ler no PC. Fico no aguardo!!!

Eu: Acabei de enviar.

10 DE JUNHO DE 2019

Miguel: Bom dia!!! Verifiquei na minha caixa de e-mail e o arquivo não chegou. Se quiser pode mandar lá ou por aqui no WhatsApp mesmo.

Eu: Bom dia! Estranho. Conferi agora e foi enviado. Segue por aqui.

Miguel: Ok. Vou ler.

CONTATO COM SAMARA

28 DE JUNHO DE 2019

Eu: Bom dia! A esposa de Alexandre ainda não entrou em contato.

Samara: Você conseguiu falar com ela? Vi Alexandre ontem.

Eu: Não tentei. Será que me atrapalhei? Achei que ela ou ele fossem entrar em contato.

Samara: Eu te passei o contato dela. Mas se você achar melhor eu posso pedir o contato de Alexandre pra ela.

Eu: Acho melhor. Se tiver WhatsApp melhor ainda!

Samara: Certo [*envia o contato*]. A minha outra prima, que é cunhada dele, me passou.

Eu: Obrigado!

CONTATO COM ALEXANDRE

28 DE JUNHO DE 2019

Eu: E aí, Alexandre! Adivinha quem é!?

Alexandre: ?????

Eu: É Fábio de Salvador... Estive por aí em 2000 e uns quebrados...

Alexandre: Trabalhamos juntos? Desculpa, não lembro.

Eu: Haha.

Alexandre: Estou velho kkkk.

Eu: E eu também kkk. Fui fazer uma pesquisa. Fiquei dois meses hospedado no alojamento. Você era o gerente da rádio Casa Grande FM...

Alexandre: Ah, sim, as novas?

Eu: Lembrou?

Alexandre: Não. Kkk

[*Envio uma foto minha*]

Alexandre [*áudio*]: Rapaz, nessa situação aqui agora (desculpa estar mandando áudio), é que eu me lembrei do seu Espedito Celeiro. Esses dias eu fui levar um pessoal lá no seu Espedito Celeiro, aí seu Espedito tinha feito um par de calçado pra esse cara. E ele começou a explicar: seu Espedito, eu tive aqui mais ou menos uns 13 a 10 anos aqui, e mandei o senhor fazer essa chinela pra mim e eu estou querendo agora que o senhor faça uma igual. Eu vim aqui e o senhor estava fazendo uma peça assim, assim, assim, assim. O senhor lembra de mim? Ele olhou assim pra cima e disse: rapaz, sua feição, ela não é esquecida, não. Mas o senhor me desculpe, mas não deu pra lembrar ainda não. Aí eu estou me lembrando do seu Espedito (risos). É muita gente, cara, que passou ali pela Casa Grande, e que ficou hospedado com a gente. Eu lembro de um monte de gente, mas, sinceramente, agora, nesse momento, eu não estou lembrado, não. kkk. Você está pelo Cariri?

[*Respondo que havíamos ficado muito próximos à época. Eu estava estudando sobre rádio comunitária e ele era o gerente da rádio Casa Grande FM. Digo que fiquei em casa de dona Alda, depois no alojamento. E explico porque estou entrando em contato. Mas antes, será preciso lembrar. E dou mais algumas indicações pessoais a meu respeito.*]

Alexandre [*áudio*]: Agora eu lembro, cara! A gente sentou aí onde é o marco das bandeiras hoje e conversou foi muito sobre as rádios e, também, agora, ao ouvir sua voz, consegui lembrar. E a gente conversou muito lá no muro da Casa Grande sobre um projeto que tu estava falando sobre rádio, algumas coisas. Agora eu estou lembrado.

Eu [*áudio*]: A gente conversou foi sobre tudo, Alexandre! Conversou sobre a vida, sobre o que era a Casa Grande, os problemas... Eu posso dizer que a gente ficou amigo na época, pelo menos foi esse o sentimento que eu tive. Tanto é que não me esqueço de você, me lembro exatamente do seu semblante. Foi muito legal. Particpei de uma oficina que você fez pelo UNICEF na época, com jovens; tinha um cara da UFC passando uns dias. A gente filmou a oficina... E a gente trocou muita ideia, ficou bem próximo. Acho que a gente foi pra um lugar próximo, não era o Latão. Era uma espécie de balneário, onde dona Alda estava na época cuidando, cozinhando. E todo santo dia a gente conversava e trocava altas ideias. Teve uma reunião formativa no Memorial, uma noite, com Alemberg, que eu pedi pra você montar o som, a gente montou o som e gravou a reunião em CD. Gravamos seu Zé de Elóia cantando músicas da Igreja... A gente ficou parceirão na época.

Alexandre [*áudio*]: Mas eu lembrei de ti agora. Bom te ver, viu? Realmente agora eu estou lembrado. Então, hoje eu moro em Juazeiro, construí uma casa aqui em Nova Olinda. Minha profissão hoje é técnico de som e iluminação. A gente conseguiu construir o teatro aí, e eu fui por essas vertentes das artes. Hoje eu trabalho no SESC em Juazeiro do Norte, há já onze anos eu estou trabalhando por lá. E estou aqui, no que eu puder lhe auxiliar, manda pra gente ver, cara. A gente vai conversando. Eu estou aqui pra ajudar, no que for possível, claro.

[Falo sobre as razões da demora em finalizar o livro, e resalto que se trata da minha história com a Casa Grande naqueles dois meses. Peço-lhe que leia o livro e identifique as partes em que o cito, para que dê sua opinião e para me autorizar, caso sinta-se à vontade, a deixar o seu nome próprio, ou então colocarei um fictício.]

Alexandre: Manda sim, vai ser um prazer ler, cara. Foram altas filosofias. Lembro que a gente sentou e conversou bastante sobre a pedagogia, sobre a parte de gestão da casa... Treze anos mudou muita coisa, passou muito tempo. Aquela galera que estava lá seguiu rumos diferentes. Você conversando com Samara, com Mães, com Miguel... A gente ainda está ligado à casa, só que hoje já faz muito tempo. Doze anos morando em Juazeiro, uma cidade próxima aqui de Nova Olinda, aí esse vínculo com a Casa Grande ele existe. Tem uns que a gente já capacitou que estão morando e trabalhando em Crato, no SESC, outro que chegou agora...

[Envia outro áudio se desculpendo pelo corte de sinal. Explica que está em um sítio. Diz para eu relaxar, que lembrou mesmo de mim. E tem certeza que eu teria lembrado deles com carinho. Respondo corroborando. De fato, muita coisa mudou, também em minha vida, e o atualizo com algumas notícias dos últimos anos.

Concluo que tenho vontade de fazer um outro livro sobre a vida deles após a Casa Grande, após aquele tempo. Despeço-me falando de saudade, acolhimento e amizade – “coisas que a gente leva pra vida”, ele diz –, felicitando-o por saber que está bem, pessoal e profissionalmente.]

[Duas horas e um pouco depois...]

CONTATO COM SAMARA

Eu: Consegui falar com o cabra! Rs. Quase não lembra de mim... rs

Samara: Sério? [*emoticon gargalhando*] Mas lembrou?

Eu: Diz que sim.

Samara: Então minha memória passou no teste. Lembrei até da música que você me passou.

CONTATO COM MIGUEL

Eu: Bom dia, Miguel! Conseguiu dar uma olhada no livro?

Miguel: Bom dia!!! Passei a vista por cima, mas agora estou de férias da faculdade, aí vou dar uma lida de verdade. Mas na parte que fala de meu pai eu já gostei e parabéns pela forma como relatou o seu encontro com ele.

Eu: Joia! Foi um encontro muito bonito! Que bom que você gostou! Ele merecia ficar registrado na história que conto!

Miguel: Vou ler aí te dou um retorno.

Eu: Beleza! E gostaria de saber, depois que você ler, se posso manter seu nome verdadeiro ou se coloco um pseudônimo. Ok? Como você achar melhor!

Miguel: Certo, então.

Eu: Abraço!

Miguel: Valeu.

CONTATO DE ALEXANDRE

24 DE JULHO DE 2019

Alexandre [*áudio*]: Boa tarde, Fábio. Estou esperando o livro, viu? Espero que você não tenha esquecido.

26 DE JULHO DE 2019

Eu: Fala, Alexandre! Acabei de enviar o livro pro seu e-mail! Aguardo seus comentários! Abraço! Pode meter o pau! Rsr.

CONTATO DE MIGUEL

2 DE AGOSTO DE 2019

Miguel: Bom dia!!! Ontem terminei a leitura do livro, gostei da forma como foi a didática da sua visão da nossa região e da forma como descreveu a nossa cidade e a Fundação Casa Grande. Na parte da discriminação do meu pai me levou a me lembrar um tanto dele, quando estava presente aqui nesse mundo junto a nós, e também pode deixar da forma que se refere a minha pessoa como já está escrito mesmo. Parabéns pelo livro e é uma grande satisfação minha poder estar fazendo parte dessa sua obra. Um abraço!!!

Eu: Me sinto gratificado por seu reconhecimento. E privilegiado de ter podido viver e contar essa nossa história! Pretendo lançar o livro aí, e vai ser uma alegria reencontrar vocês! Um grande abraço!

Miguel: Valeu!!!

CONTATO COM ALEXANDRE

14 DE AGOSTO DE 2019

Eu: E aí?! Boa noite, Alexandre! Teve algum tempo para passar o olho no livro?

Alexandre: Estou lendo, mas no início. Viajando muito.

25 DE AGOSTO DE 2019

Eu: Bom dia! Passando pra lembrar que lembrei...

26 DE AGOSTO DE 2019

Alexandre: Ok, se for minha autorização, estou de acordo. Lendo sempre que possível.

Eu: Viu os trechos que você falou?

Alexandre: Ainda não. Mas muito ansioso. Tenho viajado muito. Fiz foi imprimir.

8 DE SETEMBRO DE 2019

Eu: E aí, meu caro! Conseguiu concluir a leitura do livro? Ou chegar aos seus trechos? Forte abraço!

08 DE OUTUBRO DE 2019

[*Alexandre envia fotos das partes do livro em que aparecem seus depoimentos*]

Alexandre: [*emoticon sorrindo com uma gota caindo da testa*] Cara, bem legal, e minha felicidade é que tudo que disse é pura verdade. Aqui estou trabalhando e fazendo tudo que te falei. Não menti, dei certo. Sou uma prova viva de tudo isso. Grato, meu amigo. Quando você vir vamos tomar um café lá em minha casa.

Eu: [*emoticons sorrindo com duas estrelas nos olhos e três palmas*].

CONTATO COM SAMUEL

20 DE JANEIRO DE 2020

Eu [*áudio*]: E aí, Samuel, tudo bem? Aqui quem fala é Fábio, de Salvador. Não sei se você vai lembrar. Estive aí em 2002, 2003, fazendo uma pesquisa sobre a Casa Grande... E agora eu estou concluindo, e devo publicar este ano, o livro resultado daquela pesquisa. Diga aí se você lembra que eu quero te fazer uma proposta. Um abraço!

Samuel [*áudio*]: Ei, Fábio, e aí, beleza? Claro que lembro, ômi. Como é que eu vou esquecer? Diga aí, qual é a boa?

Eu [*áudio*]: Então, meu caro, pois é. Você também é inesquecível, e algumas figuras daquela época. Já andei conversando com Samara, Mêires, Miguel, Alexandre, que foram as pessoas que deram depoimentos muito interessantes e fortes à época, porque estou lançando o livro, possivelmente pela editora da UFBA, mais para o final desse ano [...] E gostei do resultado. São treze anos depois. Mas é que

transformei o livro numa espécie de etnografia ficcional – então ele tem um quê de literatura, de pequenas crônicas... Eu fiz na época muitas imagens, com Luciana, e acho que a gente publicou na dissertação do mestrado cerca de cento e poucas fotos feitas naquelas camerazinhas, não sei se você vai lembrar, digitais, bem simples... Eu dei a “boneca” do livro para algumas pessoas lerem, e um amigo me levantou a questão de que seria interessante ter algumas fotos da Casa Grande – que a pessoa fica curiosa pra ter alguma imagem. Então pensei em poucas fotos, seis fotos, sete fotos, que fossem bem emblemáticas da Casa Grande. Obviamente que eu poderia usar essas que eu tenho, ou ir tirar alguma em algum momento... Mas lembrei de você, e acompanhando sua trajetória de fotógrafo, pensei se você teria interesse de ceder pra mim... Eu não tenho grana pra pagar, vou bancar o livro inclusive por minha conta [...] O que ia te pedir, se você topa, se você achar que tem interesse, era que você me mandasse umas dez fotos suas, que você ache bem interessantes, pra quem não conhece a Casa Grande sentir um pouco a ambiência, tanto arquitetônica quanto de convivência, os espaços – Memorial, o Educandário, teatro, rádio, a TV, enfim... Você cederia os direitos, no sentido que eu não vou poder te pagar, mas entraria no livro também, obviamente – você já está nos agradecimentos, mais nos créditos das fotos. Enfim, mais do que óbvio! Se você topa, você me fala. Se não topa, também não tem problema algum – sei que você vive disso, trabalha com isso, então seria muito justo que eu pudesse te remunerar. Quem sabe quando sair posso te dar alguns livros pra você vender, isso ajuda também com alguma grana, que é o que a editora vai fazer: eu vou pagar e ela vai me dar alguns exemplares para eu vender e ver se consigo reaver uma parte da grana investida. É essa a proposta, o convite. Se você topa, posso ver essa coisa de resolução. No *site* da EDUFBA não sei se eles dão, para publicar

fotos, um DPI específico de qualidade, alguma coisa assim, mas a gente pode conversar. E aí você me mandaria umas dez [fotos], e eu escolheria cinco, seis, enfim, alguma coisa desse tipo. E aí, o que é que você acha? Um grande abraço. Saudades, viu?

Samuel: Tá combinado. Eu vou fazer uma seleção. Aí você me avisa.

Eu: Aviso o quê? Sobre os DPI?

Samuel: Isso.

Eu: Beleza.

Samuel: Formato.

Eu: Hoje mesmo. Certo. Massa! Muito feliz que você topou!

[*Oito horas depois, envia links com as fotos*]

Samuel: Esses *links* estão liberados para você baixar no tamanho que quiser... 300DPI no tamanho original.

[*Olho as fotos nos links e respondo*]

Eu [*áudio*]: Massa! Agora, eu olhei e só vi umas duas fotos da fachada da Casa Grande. As outras [*são*] com os meninos de cara pra lente. É isso? E fotos outras, de Juazeiro e tal. Eu olhei aqui pelo celular, será que não vi direito? Porque estava querendo fotos que dessem uma ideia da Fundação, principalmente arquitetonicamente... o espaço da Fundação. Essa coisa da foto da meninada de cara, de rosto, não sei se a gente deve usar – porque precisaria da autorização dos pais e tudo mais. Teriam que ser fotos de pessoas meio de costas, ou que não desse pra reconhecer, caso tivessem pessoas. Mas a princípio o meu interesse era em relação ao *ambiente* da Casa Grande. Queria

foto do Educandário, foto da rádio, do teatro, do terreiro onde as crianças brincam... Pra que a pessoa tivesse como se fosse uma panorâmica da Casa Grande. Quais são os lugares emblemáticos da Casa Grande que dariam uma ideia do que ela é, enquanto espaço físico e ambiência? Acho que é isso. A fachada, obviamente, alguma coisa de dentro do Memorial, alguma coisa do terreiro, aqueles corredores alpendrados da parte interna, o próprio educandário, o teatro... Entendeu? O que é que você acha?

[Dez minutos depois, envia outro link]

Samuel: Esse *link* tem mais.

Samuel [*áudio*]: Então, eu fiz uma busca rápida aqui no HD, e nesse *link* que eu te mandei aí agora tem mais coisas. Dá uma olhada aí e tu me fala. Mas eu entendi mais ou menos o que é que tu precisa, mas acho que não vou ter muito, não, velho. Principalmente antiga, porque eu tive um HD que foi roubado e nesse HD tinha mais coisas de lá, da Casa Grande. Agora, tipo assim, eu estou pra ir pra lá pra fotografar uma pega de boi. Eu poderia fazer alguma coisa pra tu. Agora, não sei como é que tá o tempo aí.

Eu: Você estaria indo quando pra lá? Eu até imaginei quando comecei a ver [*as fotos*]: pô, é o olhar de Samuel, não é uma coisa fria, mais objetiva, entre aspas, como eu quero. Mas ainda que os ângulos e a luz possam ser bem experimentais e bem singulares, de fato o que eu tô precisando são fotos do ambiente, da arquitetura, da ambiência; poucas pessoas nas imagens, de preferência nenhuma imagem frontal de jovens, crianças... E a ideia era que as pessoas pudessem ter uma noção... Porque eu conto uma história, então as personagens estão no livro, e quanto menos pessoas tiverem nas fotos, melhor,

pra ficar essa coisa em aberto, as pessoas lerem o livro e imaginarem as personagens: seu Tetéu – tem um monte de gente –, seu Antônio Maranhão, além de vocês. Vou te mandar o livro em PDF por aqui, e você abre aí, e se você quiser ler... Mandei pra Samara [...], mandei pra Miguel, mandei pra Alexandre, mandei pra Mêires. Todos leram. Vou mandar pra você. Tem até um momento que eu narro uma reunião formativa que rolou, e que você fala, você pergunta: “Qual é o caminho?”. Muito louca aquela noite daquele dia... Mas enfim, parece que o mais *ok* está sendo isso mesmo: se você for [*à pega de boi*], eu tento aguardar. Vou me informar com a editora qual é o *deadline*. Porque a ideia seria publicar em setembro, lançar em setembro, e eu havia ficado de enviar até final de janeiro. Então a depender de quando você for eu tento negociar uma espera.

Samuel: Massa, me manda. Veja com a editora.

Eu [*áudio*]: Tá, mas me dê uma ideia de quando é que você vai lá pra essa pega de boi. Como é isso?

Samuel: Próxima semana. Ou segunda ou quinta. Tô aguardando a confirmação do dia.

Eu: Então vai dar!

Samuel: Ok. Te aviso

30 DE JANEIRO DE 2020

Eu: Bom dia Samuca! Conseguiu pegar o boi!?! Rs

Samuel: Cara, não deu ainda.

Samuel [*áudio*]: Ei, Fábio, rapaz, eu ia até te mandar mensagem ontem. Porque o seguinte: tá tendo um movimento na Casa Grande. Eu fui lá na segunda, e tá meio impossível fazer foto do ambiente,

porque tá um projeto lá, “Por um sorriso”, um monte de dentista lá na Casa Grande, um movimento grande de gente sendo atendida, e aí eu não consegui fazer. O meu plano é fazer amanhã, ver se eu faço amanhã, cara. Tem como esperar?

Eu: Tem. Tá beleza! Fico no aguardo de notícias.

2 DE FEVEREIRO DE 2020

Samuel: Tá na mão.

Eu: Yeah! Massa! Manda pro meu e-mail? Vou ver como é o documento que a editora precisa pra autorizar a publicação e te digo.

3 DE FEVEREIRO DE 2020

[*Envia um link*]

Samuel: *Link* com as fotos... veja aí... valeu!

[*Dez horas depois...*]

Eu: E aí, Samuel, boa noite, tudo bem? Gostei muito da fotos, viu? Muito boas, vai dar pra usar. Senti um pouco de falta, confesso, da parte de dentro do Educandário, da TV, do alojamento que eu fiquei... Umás fotos internas, além do terreiro. Dentro do Educandário, a cantina – não sei se ainda existe ali aquele espaço. Mas enfim, se você for por lá esses dias e conseguir, massa. Senão, essas já estão valendo também. Porque é mais uma coisa minha, que dá vontade

de ter mais lugares que eu passei, que eu convivi. Mas pra quem vai ver o livro essas que você mandou já são suficientes também, viu? Muito grato e vamos nos falando pra ir formalizando isso direitinho, tá? Um forte abraço!

Samuel: Então... não fiz porque tava tudo meio em obras... por causa das chuvas...

4 DE FEVEREIRO DE 2020

Eu: Huunn... Entendi. Bem que achei estranho.

Samuel [*áudio*]: Rapaz, estão fazendo uma reforma na praça, lá em frente. É tanto que eu nem consegui fazer uma foto melhor da frente da Casa. E tá um monte de entulho na frente da Casa e do Educandário. Aquela praça todinha que tinha em frente à Casa Grande foi destruída, vai ficar como se fosse uma rua só. E estão lá fazendo essa grande obra. Por isso que não deu certo. E lá, tu sabe, né, quando chove, estavam as salas por dentro, o Educandário, estava tudo desmontado. Os meninos estavam organizando as bibliotecas. Não sei se tu [*viu*], até Aécio postou no Instagram dele lá o movimento.

Eu [*áudio*]: Sim, então. Ok, beleza. Como eu lhe falei, essas fotos estão legais já. Esperava aquelas outras, como te falei, porque de fato achei estranho, porque são partes importantes da Fundação. Mas entendi. Então a gente fica assim: caso você vá lá por esses dias e possa complementar, e lá já esteja melhor, você faz, certo? Mas se não, tudo bem, a gente vai utilizar algumas dessas que você já mandou mesmo. Tá bom? E aí vou ver com a editora esse lance de qual documento precisa pra você autorizar, e pronto. Você quer assinar as fotos como Samuel Macedo, é isso?

Caderno de imagens



Fachada da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri
Fotógrafo: Samuel Macedo



Educandário

Fotógrafo: Samuel Macedo



Sala dos Santos, Memorial do Homem Kariri
Fotógrafo: Samuel Macedo



Varanda ao lado do Terreiro
Fotógrafo: Samuel Macedo



Terreiro

Fotógrafo: Samuel Macedo



Rádio Casa Grande FM
Fotógrafo: Samuel Macedo



Teatro Violeta Arraes
Fotógrafo: Samuel Macedo



Fachada do Teatro Violeta Arraes
Fotógrafo: Samuel Macedo



Este livro foi publicado no formato 15,5 x 22,5 cm

Fontes FreightText e FreightSans

Impresso na Gráfica 3

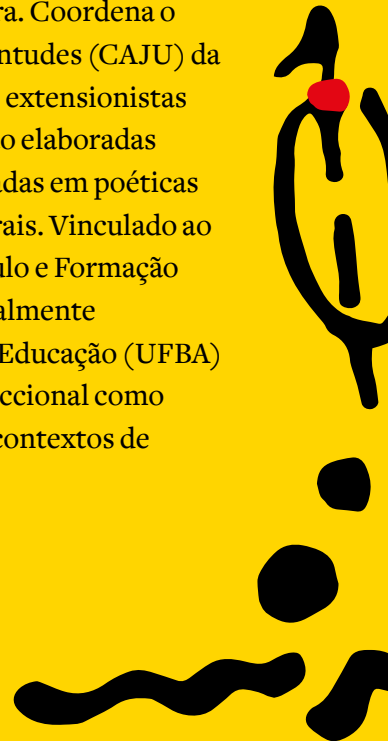
Papel Pólen Bold 90 g/m² e Off-Set 90 g/m² para o miolo

Cartão Supremo 300 g/m² para a capa

Tiragem de 200 exemplares



Fábio Giorgio Azevedo nasceu em Salvador, cidade da Bahia. É psicólogo social, mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). Atuou como educador social em diversos projetos sociais ligados ao ‘terceiro setor’, e como gestor público no âmbito das políticas públicas de cultura. Coordena o Centro de Atenção às Juventudes (CAJU) da EBMSP, centro de serviços extensionistas em ‘saúde mental’, onde são elaboradas práticas de cuidado inspiradas em poéticas artísticas e saberes ancestrais. Vinculado ao Grupo de Pesquisa Currículo e Formação (FORMACCE/UFBA), atualmente desenvolve doutorado em Educação (UFBA) sobre o uso da prosa autoficcional como tecnologia de cuidado em contextos de formação universitária.



Coisa debulhada de memória a memória,
se sabe, é reinvento. Essa foi a história
de como a gente se faz a meio palmo da
admiração e do medo, do encanto e do
desencanto. De como a matéria viva da
pessoa é feita a oco, talhada em tempo,
convivência e nos silêncios da imaginação.
História de como a lenda se fez casa, e a
Casa, a botija com uma nação em porvir.
Essa foi a revelação de uma fatalidade
engenhosa no Nordeste do Brasil, talhada
na carne das pedras e cifrada no mito.

